

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA

A BUSCA DO PARAÍSO

Goiânia, julho de 2001.



A BUSCA DO PARAÍSO



Goiânia, julho de 2001



WAGNEIDE RODRIGUES

A BUSCA DO PARAÍSO

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, MESTRADO EM GEOGRAFIA, COMO REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: AMBIENTE E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO NO CERRADO

ORIENTADORA:

PROFA. DRA. MARIA GERALDA DE ALMEIDA

Wagneide Rodrigues

Goiânia, julho de 2001.



BANCA EXAMINADORA:

PROFA. DRA. MARIA GERALDA DE ALMEIDA (ORIENTADORA)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

PROFA. DRA. MARÍLIA LUÍZA PELUSO
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PROFA. DRA. SANDRA DE FÁTIMA OLIVEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS



Ao Luis (in memoriam)
Que, na sua irreverência e inquietude, deixa saudades!



AGRADECIMENTOS

Eis um momento difícil, agradecer! São tantas as pessoas que participaram comigo dessa caminhada!

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de força e coragem;

À Maria Geralda, orientadora, pela paciência e compreensão, e acima de tudo pela competência;

Às professoras Celene e Sandra pelas sugestões na qualificação;

À minha família, em especial a Vanusa pelo companheirismo;

Ao Grupo Nativa, amigos e colegas de trabalho, Fabão, Marcos, Boxexa, Ale, Kiko...;

À Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e da Habitação (SEMARH), Marcelo O. Safadi, pelo apoio na pesquisa de campo;

À Prefeitura de Alto Paraíso de Goiás, representada pelo ex-secretário de turismo e meio ambiente, Alan Barbosa e, pela primeira dama;

Ao IBAMA, Rosalia e Luis, pelo apoio na pesquisa de campo;

Ao WWF, Ricardo, Roseli e Fernando;

Ao Sr. Adônis e Matilde;

Ao Yon Davi pelas belas imagens da Chapada dos Veadeiros;

À dona Flôr;

Ao Elmo, um guia da Chapada;

Ao João, pela sua simplicidade e coragem e pela carona no seu "jipe milagroso", que me propiciou uma das mais belas imagens, o pôr-do-sol na chapada!

À Rosana, uma amiga;

À Alda, pelo seu exemplo de força, garra e tranquilidade;

Aos amigos do mestrado, Rodrigo, Loçandra, Ivete, Elson, Rildo, Auristela, Marta, Wagner, Iversen, Paula, Jaqueline, Sandro, Ondimar, Maria Idelma, e ...!

A Neusa e tantos outros!



“... cada ser humano é um geógrafo informal, pois é o homem que cria, atua e vive no espaço, estando portanto capacitado para discorrer sobre o seu mundo vivido, pleno de mistérios, entendimentos, significados, devaneios, premências, rejeições, fantasias, satisfações e reminiscências.”

(Mello, 1993:320)



SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	1
ILUSTRAÇÕES.....	3
RESUMO.....	5
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	6
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
— Pontos a se pensar sobre o turismo.....	10
— Estrutura do Trabalho.....	14

CAPÍTULO I 16

1. O MUNDO DO TURISMO	17
1.1. PAISAGEM E LUGAR.....	24
1.2. TURISMO E MEIO AMBIENTE – OS DOIS LADOS DA MESMA MOEDA.....	27
1.3. TURISMO ECOLÓGICO – UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL?!.....	30

CAPÍTULO II 33

2. PROCESSOS DINÂMICOS DA PAISAGEM.....	34
2.2. CONSTITUIÇÃO DA PAISAGEM - O CERRADO.....	40
2.3. PERFIL DO PARAÍSO.....	45
2.4. A DINÂMICA DO PARAÍSO.....	47



CAPÍTULO III	52
3. ADENTRANDO NO PARAÍSO.....	53
3.1. ATRATIVOS TURÍSTICOS	54
3.2. CONTATOS COM O ALTO.....	67
3.2.1. Os guias da Chapada.....	68
3.2.2. As comunidades esotéricas.....	70
3.2.3. Os Gestores das políticas: ações e resultados.....	73
CAPÍTULO IV	80
4. SUPORTE DO PARAÍSO.....	81
4.1. CAPACIDADE DE CARGA NO PARQUE.....	97
4.2. CAPACIDADE DE CARGA NO ESPAÇO INFINITO RAIZAMA.....	99
4.3. CAPACIDADE DE CARGA PSICOLÓGICA.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
BIBLIOGRAFIA.....	112
ANEXOS.....	121

ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FOTOS

01. Veado Campeiro.....	15
02. Campo de Canela d´ema.....	15
03. Jardim de Maytreia.....	33
08. Saltos de 80 e 120 m do Rio Preto.....	52
09. Vista da Chapada dos Veadeiros.....	54
12. Vista da cidade de Alto Paraíso de Goiás.....	56
13. Povoado de São Jorge.....	56
14. Vista do Moinho.....	57
15 Salto de 120 m.....	58
16. Salto de 80 m.....	58
17. Canyon II.....	59
18. Cachoeira Cariocas.....	59
19. Caminhada no Parque.....	60
20. Vista do Salto 180 m do Rio preto.....	60
21. Vale da Lua.....	61
22. Paredão do vale do rio São Miguel.....	61
23. Vale do rio São Miguel.....	61
24. Piscina natural.....	62
25. Morada do Sol.....	62
26. Piscina águas termais.....	63
27. Cachoeira de São Bento.....	63
28. Almécegas I.....	64
29. Cachoeira Almécegas II.....	64
30. Cachoeira dos Anjos.....	65
31. Loquinhas.....	65
32. Vista do Sertão.....	66
33. Gotas.....	70
34. Turistas.....	80





MAPAS

04. Localização do Cerrado.....	44
05. Localização do Município de Alto Paraíso de Goiás.....	46
06. Alto Paraíso De Goiás.....	49
11. Atrativos Turísticos.....	55
42. Área de visitação do Parque.....	98
43. Raizama.....	100

GRÁFICOS

07. Crescimento Populacional de Alto Paraíso de Goiás.....	50
10. atrativos mais visitados.....	54
35. Período de Visitação.....	86
36. Freqüência de visitação no Parque.....	87
37. Mudanças nas Estruturas Turísticas em Alto Paraíso de Goiás.....	93
38. Mudanças nas Estruturas Turísticas em São Jorge.....	93
39. Perfil dos turistas - Faixa Etária	94
40. Perfil dos Turistas - Profissões.....	95
41. Origem dos Turistas.....	96

TABELAS

01. Implicações com a Atividade do Turismo.....	30
02. Formas Fitofisionômicas do Cerrado.....	41
03. Crescimento Populacional.....	50
04. Legislação do Turismo.....	74
05. Capacidade de Hospedagem na Cidade de Alto Paraíso de Goiás.....	88
06. Capacidade de Hospedagem em São Jorge.....	89
07. Padrão de Freqüência.....	96



RESUMO

O turismo implica numa prática sócio-econômica, política e cultural intercedida pelo espaço geográfico e se estrutura a partir do fluxo de pessoas e mercadorias. Nesse contexto, *A Busca do Paraíso* é um estudo sobre o processo de ocupação turística em Alto Paraíso de Goiás e teve como objetivo a análise das mudanças sócio-econômicas, espaciais e ambientais promovidas pela atividade. Portanto, ela fundamenta-se na capacidade de carga turística, o que considera os seguintes aspectos - duração da estadia dos visitantes; dispersão ou distribuição dos turistas dentro da área; características dos turistas; época do ano em que ocorre a visita, pois o estabelecimento de parâmetros que mantenham o equilíbrio entre a atuação humana no meio ambiente natural e a capacidade de regeneração do mesmo estão diretamente relacionados.

A *busca* é uma inquietação, no sentido de se compreender o turismo enquanto mecanismo de promoção da sustentabilidade, pois o mesmo legitima práticas causadoras de desequilíbrio ambiental, como têm ocorrido no turismo ecológico. No passado o "Paraíso" era interpretado como um lugar de comida farta e possibilidade de procriação; hoje é o desejo por um lugar diferente, o rompimento com o cotidiano, um lugar onde não haja desigualdade social e a paisagem "natural" esteja conservada. Entretanto, a valorização da paisagem pela atividade turística desconsidera as questões sócio-ambientais dos "Paraísos", e revela apenas "o lado belo" do turismo. Ora, o turismo fundamenta-se na heterogeneidade dos lugares, diversidade e encontro de culturas, e isso é farto em Alto Paraíso de Goiás. É mais uma atividade humana que altera significativamente a paisagem, gerando tanto impactos positivos quanto negativos, uma vez que o seu processo de territorialização têm se dado de maneira intensa no município.

Há contradições na realização da atividade, pois ela se desenvolve na lógica da produção capitalista, provocando alterações na organização social, econômica e ambiental. A exploração de ambientes frágeis e a segregação espacial em detrimento de um constante processo de apropriação do território pelo turismo são uns dos fatores que afetam a sustentabilidade ambiental e social.

"A busca do Paraíso", tão constante em tempos remotos e presentes nas mais variadas culturas é, ainda hoje, um símbolo a ser desvendado, assim como a busca pela sustentabilidade em todos os níveis na sociedade contemporânea, contraditória e às margens da utopia.

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

ACV-CV	-	Associação de Condutores de Visitantes da Chapada dos Veadeiros
APA	-	Área de Proteção Ambiental
ASFLO	-	Associação dos Pequenos Extrativistas de Flores do Cerrado da Chapada dos Veadeiros
ASJOR	-	Associação Comunitária Vila de São Jorge
CAT	-	Centro de Apoio ao Turista
COMTUR	-	Conselho Municipal de Turismo
FUMTUR	-	Fundo Municipal de Turismo
FUNDEMA	-	Fundo Estadual de Meio Ambiente
GAMA	-	Grupo de Apoio ao Meio Ambiente
IBAMA	-	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IESA	-	Instituto de Estudos Sócio-Ambientais
INDUR	-	Instituto de Desenvolvimento Urbano e Rural
MMA	-	Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal
OCA	-	Oficina de Ciência e Arte
ONG	-	Organização Não Governamental
ONU	-	Organizações das Nações Unidas
PED	-	Programa de Execução Descentralizada
PNCV	-	Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros
RPPN	-	Reserva Particular do Patrimônio Natural
SEMARH	-	Secretaria de Meio, dos Recursos Hídricos e da Habitação do Estado de Goiás
SEPLAN	-	Secretaria de Planejamento
SERVITUR	-	Associação de Guias e Prestadores de Serviços em Ecoturismo da Chapada dos Veadeiros
UFG	-	Universidade Federal de Goiás
UHE	-	Usina Hidroelétrica
UNESCO	-	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WWF	-	Fundo Mundial para a Natureza





CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo do Turismo na Geografia é recente e, segue várias vertentes de análise, que vão desde a cultural até a econômica, o que tem contribuído para a análise da dinâmica territorial, fornecendo as bases para o planejamento.

A dinâmica do turismo desprovida de planejamento tem permitido a ocupação de forma desordenada provocando desequilíbrios sócio-econômicos e culturais. Nesse contexto, o estudo, "A busca do Paraíso", visa analisar o turismo em Alto Paraíso de Goiás nos últimos dez anos, investigando o processo de edificação dessa atividade. Realizou-se, assim, um levantamento da realidade turística do município, e a delimitação e análise da capacidade de carga turística¹ em dois pontos de maior visitação. Cabe ressaltar que a percepção ambiental² é de fundamental importância na investigação sobre a capacidade de carga psicológica enquanto mediador no processo de estabelecimento da sustentabilidade em todos os níveis.

O estudo iniciou-se com pesquisa bibliográfica documental em órgãos municipais, como a Secretaria de Turismo e Meio Ambiente e a Prefeitura Municipal. Em seguida, foram realizadas 152 entrevistas, em trabalho de campo, junto aos agentes do turismo como: os proprietários de hotéis, pousadas e similares; proprietários de restaurantes, bares, supermercados, lanchonetes e similares; proprietários de atrativos turísticos, guias turísticos, turistas, moradores locais, Secretaria Municipal de Turismo etc., visando obter informações sobre a atividade turística no município, observando os principais pontos de discussão sobre o turismo no município. Utilizou-se, como subsídio, a percepção ambiental, ou seja, o "ponto de vista" sobre o turismo, tanto dos habitantes de Alto Paraíso de Goiás, quanto dos agentes envolvidos com o turismo e dos turistas. Foi feito,

¹ "La concepción del análisis y evaluación de la capacidad de carga de los paisajes con vistas a una gestión adecuada de los recursos y el desarrollo sostenible en territorios de uso turístico, presupone el establecimiento de los principios y métodos más apropiados para sus estudios, así como la determinación del potencial de recursos de los paisajes y el impacto ambiental que pueden provocar las actividades propuestas a desarrollar en el territorio." (Chavez & Rodríguez, 1993:7)

² A percepção ambiental é a lente cultural de cada povo, o que é discutido em Lowenthal "Todos nós somos artistas e arquitetos de paisagens, criando ordem e organizando espaços, tempo e causalidade, de acordo com nossas percepções e predileções(...) A superfície da terra é elaborada para cada pessoa pela refração através de lentes culturais e pessoais, de costumes e fantasias." (1982:141)





paralelamente, o levantamento dos atrativos mais visitados, observando-se a situação da paisagem local.

Para a delimitação e análise da capacidade de carga turística, realizada em dois locais de maior visitação no município, foram considerados os seguintes aspectos segundo Haymund (1991) *apud* Ruschamann (1997)

A Duração da estada dos visitantes - o levantamento desse dado foi feito em locais de visitação e em hospedagens, através de entrevistas com os proprietários. Esse estudo considerou períodos de duração de férias, feriados prolongados, finais de semanas etc. E investigou sobre quem vai ao Alto Paraíso quantos dias fica, pois, duração tem a ver com o número de dias de “pico”; esse dado forneceu a capacidade máxima da infra-estrutura existente, as alterações econômicas, sociais e ambientais que causam quando o número máximo de visitantes é atingido, a duração de dias permanecidos e o número de atrativos existentes.

A Dispersão ou distribuição dos turistas dentro da área - A investigação desse dado considerou os atrativos mais visitados, feitos a partir de entrevistas a turistas e aos órgãos envolvidos com o turismo no município. Nele foi identificada a concentração dos turistas, ou seja, quais são os locais mais visitados, e discutiu sobre as condições naturais, acesso que permitem a visitação.

As Características dos turistas - De onde vêm, como é o nível econômico dos turistas e seu nível cultural, o que isso interfere quanto à educação ambiental e ao respeito ao meio ambiente. Verificou-se também, os gastos do turismo na cidade, investigando o comércio local. Forneceu ainda a percepção que os turistas têm dos moradores e qual é a percepção dos moradores em relação aos turistas. Esses dados revelaram o nível cultural, a condição social e o respeito às paisagens de Alto Paraíso de Goiás.

A partir da junção desses dados foram realizadas a caracterização do lugar, do turista e a delimitação e análise da capacidade de carga turística, tanto na área de visitação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros quanto no Espaço Infinito Raizama, por serem locais de maior visitação no Município.

Dentre os vários parâmetros de investigação da capacidade de carga turística, ilustrados acima, o fluxo turístico se destaca nesse estudo por interferir





diretamente na alteração da paisagem em todos os níveis (ambiental, social, político, econômico).

Em Alto Paraíso de Goiás o discurso do “desenvolvimento sustentável” se destaca entre os agentes sociais, especialmente os envolvidos com o turismo. Porém, a prática não acompanha o discurso, pois há contradições, como a de alguns “defensores do meio ambiente” que pregam a proteção e conservação ambiental, e, no entanto, são empresários inseridos no sistema econômico que tem como base a desigualdade social.

Para a compreensão desse estudo, alguns questionamentos foram imprescindíveis: a duração de estadia dos visitantes tem alterado em que a região de Alto Paraíso? Quais mudanças espaciais têm ocorrido com a dispersão ou distribuição dos turistas? Quais são os locais privilegiados e por quê? Qual o tipo de turismo é fortemente modificador de território: o realizado em São Jorge ou o da cidade de Alto Paraíso de Goiás? É possível distinguir o perfil dos turistas nestes dois espaços? Qual é a relação da população local com os atrativos turísticos e com os turistas? Como ela se percebe ou se insere nesse contexto, ou seja, qual é o nível de participação local? Qual é o nível de aceitação local dos turistas? Como está sendo distribuída espacialmente a acomodação, os receptivos para os turistas? São questionamentos que motivaram a pesquisa “A busca do Paraíso”.





Pontos a se Pensar Sobre o Turismo

O turismo é “um consumidor de natureza” (Ruschmann, 1997). Ele se destaca na atualidade por apresentar vários estilos, que são atraentes, especialmente no que se refere à obtenção de recursos financeiros. No “turismo ecológico”, por exemplo, o investimento é mínimo na construção de infraestrutura. Dependendo da região, como na Chapada dos Veadeiros, onde se situa Alto Paraíso de Goiás, a exploração de atrativos “naturais” como quedas d’água e cachoeiras, fornece uma alta lucratividade em relação aos investimentos. São criados incentivos para que o empresário se instale com todos os benefícios legais e fiscais. E cabe ressaltar que o melhoramento nos acessos tem propiciado o processo de ocupação territorial intenso.

Diante deste quadro, o estudo das conseqüências da implantação e desenvolvimento do turismo é fundamental, pois, o comprometimento com o equilíbrio ambiental, considerando que o meio ambiente se constitui num sistema fechado, é primordial. Os indicadores de desequilíbrio ambiental mais notáveis se concentram nas cidades. No caso das cidades turísticas, esse desequilíbrio se agrava e se acentua. Observa-se um fluxo intenso de visitantes, em períodos específicos, como feriados prolongados e finais de semana, causando o “inchaço” populacional. A identificação de distúrbios vai do aumento da produção de lixo, passando pelo crescimento do consumo de água e energia até o aumento da violência. O planejamento turístico constante é um importante mecanismo de atenuação desses problemas e contribui para a realização de projetos visando a conservação ambiental, principalmente com a inserção dos moradores locais na atividade turística.

No Brasil, são raros os casos de planejamento territorial diante da ocupação turística. O processo de territorialização é forjado a partir dos interesses econômicos de “pessoas de fora” e o desejado “status” de cidade turística se torna um sério problema para os moradores, que acabam sendo expulsos de seu lugar de morada.

Os maiores conflitos observados nos locais turísticos se originam da exclusão econômica pela valorização excessiva dada ao turismo em detrimento das demais atividades econômicas e da convergência cultural (território da



individualidade, da identidade, da política) que inviabiliza o envolvimento da população local em projetos turísticos.

O lugar que se torna turístico apresenta tanto pontos positivos quanto negativos por causa da atividade. O melhoramento da infra-estrutura, a movimentação no comércio e o aumento de empregos são pontos positivos. Já os negativos são identificados como os problemas sócio-econômicos e culturais, como o aumento populacional, ou seja, novos moradores que migram em busca de trabalho, poluição sonora, aumento do tráfego de carros, etc.

Ora, o lugar do morador, o “seu lugar”, agora é o “lugar do turista”. Ele passa a ser uma atração, o “nativo”. Sua identidade é atingida e seus costumes se tornam um produto. O morador é um “coadjuvante” com a função de amparar o ator principal, o visitante. Observa-se assim, a saturação do equilíbrio ambiental, no instante em que se verifica o rompimento dos limites sócio-psicológicos. A atividade turística se torna instável. Ocorre uma mobilização do processo de territorialização turística para novas áreas, com a renovação do “ciclo do produto” (Serrano, 2000). A atividade turística é associada ao ciclo que apresenta fases, como o início (exploratório), a expansão, o desenvolvimento da atividade, a consolidação, a decadência ou o rejuvenescimento.

Há contradições na atividade do turismo, principalmente pelo seu “leque” de possibilidades de apropriação da paisagem. A dicotomia conceitual se dá entre o “Turismo de Massa” e o “Turismo Ecológico”. A definição da capacidade de carga turística leva em consideração essas duas instâncias opostas e semelhantes no domínio da paisagem em Alto Paraíso de Goiás.

A instalação da atividade do turismo se dá por um processo externo, é o “capital”, ou melhor, o mercado que o move. A sua lógica se fundamenta no visitante que usufrui os “produtos” da região, através de pagamentos de “pacotes fechados” e/ou pagamento de taxas de aquisição ou visitação. A população local que não acompanha o recente sistema, o turismo, é excluída do processo. Ela vive em outro mundo, em outro ritmo e não concebe a lógica estabelecida por essa atividade.

Um dos pontos cruciais nesse processo de apropriação e valorização territorial diante da realidade local está no valor que é dado ao patrimônio (cultural/natural) em virtude da especulação imobiliária. Outro problema é o da

sustentabilidade, sobretudo a fiscal, pois as propriedades, geralmente, não regulamentam a sua atividade junto à prefeitura. A arrecadação de impostos não é balanceada, o que desequilibra os benefícios sociais. Esse fato sobrecarrega a “máquina pública”. As estruturas estão diretamente ligadas às infra-estruturas, e acarretam implicações ambientais, além de pressões sociais.

A mudança de postura governamental, ou seja, as diretrizes para a legalização do turismo em Alto Paraíso de Goiás, gradativamente, foram se estruturando no início da década de 90, voltadas especialmente para as questões ambientais. Atualmente a mobilização dos agentes sociais, representados por organizações e associações no município, tem se tornado exemplo para os municípios vizinhos que constituem a Região da Chapada dos Veadeiros. Entretanto há o predomínio de interesses particulares. Nessas ações, a determinação da capacidade de carga turística é uma informação valiosa. É o subsídio ao planejamento ambiental e territorial e justifica o discurso da sustentabilidade, que se fundamenta sobretudo na percepção ambiental.

O turismo, em todas as suas vertentes, é uma atividade cultural e o rompimento de costumes locais, sua premissa. Ele constrói o território, se apropria de espaços e estrutura uma nova ordem social. Também se constitui numa atividade humana de base econômica, dentro da esfera de relações sócio-econômicas e espaciais. O aspecto cultural é relevante pois é a partir das materializações, na paisagem, das ações dos diversificados povos que constituem diferenciados territórios que se dá a reprodução dos lugares turísticos. Isso ocorre não somente pelo viés econômico, mas também pela forma de ver o mundo dos diversos grupos sociais, fundamentados em seus valores culturais.

É no contato com o “estranho” que a atividade turística exercita o imaginário, ocorre sua relação com o diferente, trabalha a imaginação coletiva, a idealização, lugares e paisagens associadas ao simbólico. O Paraíso³ é um símbolo dos mais presentes na humanidade. A busca, em si, já é uma inquietação, sair do lugar. “Paraíso” no passado era interpretado como um lugar

³ Paraíso - S.m. 1 - lugar de delícias onde, ao que reza a Bíblia, Deus colocou Adão e Eva, Éden; 2 - Céu; 3- lugar aprazível, delicioso; Éden (Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, página 481) - o nome Alto Paraíso sugere a sua característica paisagística, o seu ambiente, ou seja o paraíso nas alturas, associando o lugar com o céu. Isso sem dúvida reflete no imaginário coletivo e na atratividade do turismo que tem como base as fantasias e imagens sobre os lugares.



de comida farta e possibilidade de procriação; hoje é o desejo por um lugar onde não existem as mazelas do mundo “moderno” e, mais ainda, na ótica do ambientalismo, o lugar do equilíbrio.

Alto Paraíso de Goiás é um lugar turístico. Está situado na Chapada dos Veadeiros, uma região de consideráveis declives e vegetação natural expressiva. A apropriação da paisagem pelo mercado turístico se intensificou nos últimos anos. O interesse econômico vem sendo despertado pelo fluxo cada vez maior de pessoas que se dirigem a esse município fazendo com que ocorra assim, um processo de apropriação do território pelo turismo.

“A busca do Paraíso” , isto é, o estudo, utiliza conceitos como paisagem e lugar num âmbito cultural e discute o processo de apropriação do território pelo turismo e suas implicações ambientais.

O território é dinâmico sobretudo o turístico. Há um constante processo de apropriação do espaço, de novos lugares exóticos constituindo intensa articulação territorial. Para Lobato o território possui duas dimensões

“De um lado associa-se ao controle de fato, efetivo, por vezes legitimado, por parte de instituições ou grupos sobre um dado segmento do espaço(...) A apropriação, por outro lado, pode assumir uma dimensão afetiva, derivada das práticas espacializadas por parte de grupos distintos definidos segundo renda, raça, religião, sexo, idade ou outros atributos.” (1994:251)

Em Alto Paraíso de Goiás observa-se esses dois lados da dimensão do turismo que vai delineando territórios.

A dinâmica territorial faz com que surjam os lugares turísticos, territórios que não faziam parte do sistema e são incorporados pelo modo de produção capitalista. Eles são formados pela construção das imagens, das fantasias e associados a um atrativo que pode ser natural ou construído. Posteriormente são tomados pelo mercado, na obtenção de renda e se tornam uma mercadoria a ser consumida.





A Estrutura do Trabalho

O MUNDO DO TURISMO, o primeiro capítulo, é uma discussão sobre o turismo, e analisa o interesse que essa atividade econômica desperta na organização social “moderna”, estruturando território. Observa também porque o meio ambiente é tema de tanta discussão quando se trata do assunto do turismo. O item TURISMO E O MEIO AMBIENTE - OS DOIS LADOS DA MESMA MOEDA, discute o “desenvolvimento sustentável” e sua relação com a atividade do turismo e aponta os pontos positivos e negativos da atividade turística. O questionamento TURISMO ECOLÓGICO – UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL?!, trata-se de uma discussão sobre a sustentabilidade e o Ecoturismo, de como ele tem provocado desequilíbrio ambiental pela ausência de planejamento e legislação específica, pois o que observamos hoje é que o turismo tem sido considerado uma “*esperança condicional*” nas palavras de Yázigi (1998).

No segundo capítulo, PROCESSOS DINÂMICOS DA PAISAGEM, são levantados os principais fatos históricos que contribuíram para o desenvolvimento do turismo em Alto Paraíso de Goiás. UMA JANELA ABERTA PARA O PARAÍSO, faz uma panorâmica sobre a área de pesquisa, Alto Paraíso de Goiás. O “retrato de Goiás” faz uma breve discussão sobre a história de formação do território goiano. No item O CERRADO, é feita uma descrição sobre a vegetação da região onde está situado Alto Paraíso de Goiás. No PERFIL DO PARAÍSO tem-se a localização geográfica da área de pesquisa e, suas principais características físicas. Em A DINÂMICA DO PARAÍSO são relatados os principais acontecimentos históricos que favoreceram ao desenvolvimento do turismo no município caracterizando, dessa forma, a paisagem local.

ADENTRANDO NO PARAÍSO é o terceiro capítulo, e começa com uma descrição dos principais ATRATIVOS TURÍSTICOS do município, levantados em trabalho de campo. No item CONTATOS COM O ALTO destacam-se as atividades desenvolvidas pelos GUIAS DA CHAPADA e pelas COMUNIDADES ESOTÉRICAS como exemplos do processo de busca de sustentabilidade da atividade turística. Em OS GESTORES DAS POLÍTICAS: AÇÕES E

RESULTADOS, são discutidas as principais ações voltadas para a integração entre a exploração turística e a conservação ambiental, são vistos também os principais projetos que estão ocorrendo no município que visam a conservação e preservação ambiental assim como, a discussão sobre a sustentabilidade da atividade turística.

No quarto capítulo, O SUPORTE DO PARAÍSO, conceitua inicialmente a capacidade de carga turística e discute o processo de sustentabilidade turística. o limite e análise da capacidade de carga turística, em dois locais de maior visitação que são CAPACIDADE DE CARGA TURÍSTICA NO PARQUE e CAPACIDADE DE CARGA TURÍSTICA NO ESPAÇO INFINITO RAIZAMA. Finalmente tem-se uma discussão sobre o turismo em Alto Paraíso de Goiás a partir das entrevistas realizadas entre os moradores e turistas em trabalho de campo, observando a CAPACIDADE DE CARGA PSICOLÓGICA.

Nas CONSIDERAÇÕES FINAIS é feita uma discussão sobre os questionamentos que motivaram a pesquisa.





Figura 01 – Veado Campeiro

CAPÍTULO I

“...muitos espaços expressam muito mais do que a manifestação concreta de seus

prédios, estradas e montanhas. Neles há ‘espaços’ ...de um caráter particular, especial, cuja significação extrapola em muito seus limites físicos e sua utilização material.(...) cria uma leitura simbólica, que pode ser sagrada, poética ou simplesmente folclórica, mas que de qualquer forma emana uma apropriação estética específica, capaz de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também uma identidade territorial.” (Haesbaert, 1996b:24)



Figura 02. Campo de canela d'ema

1. O MUNDO DO TURISMO

Que mundo é esse que desperta tanto interesse na organização social “moderna”, que estrutura territórios, e instiga a pesquisas acadêmicas? Qual é a sua relação com a Geografia? Por que o meio ambiente é tema de tanta discussão, quando se trata do assunto do turismo? No presente capítulo, a discussão está voltada para esses questionamentos.

A dinâmica do mundo revela, em cada momento histórico, uma nova conformação na paisagem. São vários e complexos “tempos”. O “tempo” do ser humano é insignificante em relação ao “tempo” geológico do planeta Terra. O surgimento da espécie humana, as relações que vão se estabelecendo gradualmente com o meio, pelo domínio da técnica, intensificam o rompimento de tempos. Processos que levariam milhões de anos para ocorrer tem-se dado, no “tempo presente”, em frações de segundos, pelo manuseio de técnicas humanas. Cada momento histórico implica uma determinada configuração territorial. Hoje, observamos a “mundialização” econômica e a intensa urbanização mundial nunca registrados na história da humanidade (Carlos, 1998).

Há, ainda, vários “tempos” dentro da história da humanidade, revelando a sua complexidade. Observam-se, desse modo, grupos que se estabeleceram em espaços e em tempos históricos diversificados. Eles formam um mundo heterogêneo, pois cada sociedade possui sua cultura específica que é entendida como um todo nos seus costumes e formas de apropriação do espaço. É através dessa apropriação diferenciada que as relações de poder¹, inerente aos grupos humanos, são evidenciadas no mundo de forças adversas. Na sua heterogeneidade, a ocupação humana tem se dado em, praticamente, todo o globo terrestre. Ela se diferencia, dos demais seres vivos, pela sua característica histórica e geográfica.

O ser humano possui capacidade de mobilidade e adaptação e, habilidade para construir o seu próprio habitat. Nesse processo, o acúmulo de conhecimento tem sido passado de geração a geração, constituindo a cultura de cada povo. Hoje, o quadro de “tempos” materializados na paisagem, evoluções e retrocessos está em um constante processo de transformação e descobertas humanas sobre o mundo.

¹ “O poder se manifesta por ocasião da relação. É um processo de troca ou de comunicação quando, na relação que se estabelece, os dois pólos faz face um ao outro ou se confrontam (...) Toda relação é o ponto de surgimento do poder, e isso fundamenta a sua multidimensionalidade.” (Raffestin, 1980:53)



O turismo é dinâmico, caracterizado pelo movimento de pessoas. A viagem é a sua concretização pois liga pelo menos dois pontos no espaço. Nesse sentido, pode-se considerar que a realização da viagem é uma atividade que remonta às origens da humanidade. No entanto, enquanto atividade econômica, se desenvolve com maior vigor a partir de meados do séc. XX, após a 2ª Guerra Mundial, favorecida pelos avanços técnicos, científicos e melhoramentos sociais. O turismo é um fenômeno da sociedade contemporânea (Barreto, 1996). A sua prática é intensificada pelo rompimento gradual da barreira do espaço/tempo através da evolução dos meios de transporte e comunicação, por isso ele é característico das sociedades ditas "pós-modernas" (Rodrigues, 1996).

O turismo envolve tanto questões econômicas quanto políticas, culturais e sócio-ambientais que são de interesse da Geografia. Ele é definido por Rodrigues a partir de várias instâncias, desde a esfera do econômico até a do cultural

"(...) um fenômeno complexo, designado por distintas expressões: uma instituição social, uma prática social, uma frente pioneira, um processo civilizatório, um sistema de valores, um estilo de vida – um produto, consumidor e organizador de espaços – uma 'indústria', um comércio, uma rede imbricada e aprimorada de serviços." (1996:18)

A despeito da complexidade é possível dividir o turismo em três categorias, produção, organização e consumo, abrangendo os patamares da sociedade. O território é o "palco" de suas ações, onde se observa uma dinâmica espacial intensa. Alto Paraíso de Goiás é mais um território do turismo e para compreender essa dinâmica territorial, "A busca do Paraíso" procura analisar a capacidade de carga turística fundamentada em conceitos como sustentabilidade. Nesse contexto, as implicações ambientais com a intensificação da atividade do turismo nesse município, nos últimos anos, também são consideradas.

A sustentabilidade é um termo freqüentemente utilizado no planejamento turístico e representa, desta forma, uma busca pela conservação e/ou preservação do meio ambiente, natural e cultural e ela

"virá se os elementos ambientais forem considerados em seus três aspectos, através do conhecimento e respeito do meio natural, através da participação ativa das populações nativas tanto no planejamento como na implantação da atividade, e também através da abertura da possibilidade de um maior desenvolvimento da subjetividade dos indivíduos, a partir de suas viagens." (Mendonça, 1995:25)





A sustentabilidade se fundamenta na equidade social portanto, a legitimação do discurso com base no sistema capitalista de produção é falha pois, ele é contrário a essa idéia.

E isso inclui o turismo, um “produto da sociedade capitalista” (Knafo, 1996). Ele é uma “maravilhosa atividade” que insere espaços desapropriados para outras formas tradicionais de aquisição de lucro. Valoriza a terra, a beleza natural e molda a estética para atender à paisagem cultural. Quanto mais bem equipado, com a melhor qualidade de atendimento e mais tecnologia, maior será a clientela, o que tornaria questionável um turismo sustentável.

Porém, a sustentabilidade turística é possível, e um dos caminhos para alcançá-la, em todos os seus níveis, é desde que esteja relacionada com a manutenção da capacidade de carga, ou seja, o suporte admissível sem que haja desequilíbrio ambiental no lugar de visitação. Isso diz respeito ao número de turistas que determinado local possa suportar sem haver altera o na paisagem. A legisla o   uma forte aliada na busca da sustentabilidade pois ela estabelece normas que regularizam a visita o e incorporam impostos destinados a programas e projetos de preserva o e/ou conserva o ambiental.

Há várias dimensões de sustentabilidade apresentadas por Guimarães (1997): a ecológica, refere-se   base física do processo de crescimento e objetiva a conserva o e uso racional do estoque de recursos naturais incorporados às atividades produtivas; a demográfica, inclui políticas públicas e, impactos da dinâmica demográfica tanto nos aspectos de gestão da base de recursos naturais como de manuten o da capacidade de carga ou de recupera o dos ecossistemas; a cultural, diz respeito   manuten o da diversidade em seu sentido mais amplo; a social, ou seja, a melhoria da qualidade de vida; a política, que se relaciona com o processo de constru o da cidadania e busca garantir a incorpora o dos indivíduos ao processo de desenvolvimento; por último, a institucional, projeta as dimensões sociais e políticas da sustentabilidade em seus conteúdos macros.

O discurso da sustentabilidade no Capitalismo, tem como desafio o controle da pobreza e, a busca pelo desenvolvimento diz respeito ao crescimento material, ao acesso aos recursos. Busca-se, dessa forma padronizar as técnicas de uso do território. Entretanto, a criatividade dos que vivem diretamente em áreas conservadas, “os nativos”,   uma importante forma de se entender o que realmente   a sustentabilidade. Eles fornecem solu es simples na preven o de danos ao





meio ambiente. Desta forma, não podemos dizer que desenvolvimento sustentável é a garantia da exploração dos recursos locais pelo capitalismo, pois, a diversificação cultural amplia o “leque” de possibilidades e dificulta uma linha única de ações.

A “lente” geográfica sobre o turismo fundamenta-se em questões culturais e ambientais, voltadas para as diversidades territoriais e as percepções sobre o meio ambiente dos grupos sociais já que “o turismo é antes de tudo uma prática social coletiva...” (Nicolàs,1996:40). Ela também observa a forma como o ser humano concebe o lugar, a paisagem, enfim, o território construído a partir de seus desejos e fantasias, através de meios técnicos-científicos-informacionais (Santos, 1993), na relação homem/natureza.

Lugares de difícil acesso passaram a ter maior importância para o sistema produtivo, a partir da exploração pelo turismo, fazendo com que a atuação do ser humano se intensificasse e se tornasse mais favorecida pelos avanços científicos e tecnológicos nos últimos tempos. Porém, a fragilidade do ambiente deve ser considerada no processo de ocupação do turismo. O maior fluxo de pessoas a esses lugares altera inevitavelmente a paisagem e há um ponto de saturação para essa interferência humana.

Ultimamente a análise sobre a hegemonia econômica em virtude dos grupos culturais tem-se destacado na Geografia. Uma de suas vertentes é o estudo do turismo, que se destaca por sua característica espacial como a construção de infraestrutura de apoio ao recebimento turístico, que altera a paisagem, e cria territórios. O estudo do turismo na Geografia é defendido por Coriolano

“A abordagem geográfica do turismo se explica através da mobilização dos fluxos de visitantes, de capital, de trabalhadores prestadores de serviços, dos padrões de ocupação, das modificações do uso do espaço, das transformações no valor do uso do solo urbano, produzindo nova ordem espacial.” (1998:20)

Portanto o turismo organiza o espaço, territorializa-o. Ele se adapta aos mais diferentes espaços ou o transforma e é alvo de questionamentos no meio científico, particularmente na Geografia. Verifica-se, assim, uma aproximação e enriquecimento de estudos teóricos e, análises científicas sobre o tema.

O turismo é praticado em ambientes urbanos e em ambientes não urbanizados. Pode ainda ser classificado em turismo individualizado ou em turismo





de massa, demonstrando o padrão de gastos dos turistas (Ignarra, 1999), e gerando diversificação da atividade. Além da flexibilidade, há ainda outra especificidade do turismo, a adequação de ambientes destinados ao atendimento de turistas, os famosos “resorts”, ambientes fechados à cultura local.

Nos ambientes citadinos destacam-se o turismo de negócios e o turismo cultural, este caracterizado principalmente por visitas a construções arquitetônicas, museus e teatros. O turismo cultural está voltado à visita em locais de valor histórico e cultural edificados ou não, como aponta, Barreto “o turismo com base no legado cultural é aquele que tem como principal atrativo o patrimônio cultural...características consideradas relevantes para a história e a cultura da localidade em que estão construídos” (2000b:29). Outra modalidade que se destaca é o turismo de negócio, voltado especialmente aos empresários e executivos. São viagens ligadas a assuntos profissionais, seja vendas, cursos, contatos comerciais. Originalmente não há uma conotação de diversão, mas é uma das melhores formas de “unir o útil ao agradável”.

Há, também, o tipo de turismo religioso/místico, muito popular no Brasil, ligado a aspectos espirituais. “As pessoas que o fazem estão em busca de renovar sua fé, se informar sobre determinadas religiões, seitas ou ainda participar de eventos e confraternizações” (Rosendahl, 1996).

Nas áreas mais longínquas e menos urbanizadas, há o turismo de aventura, realizado predominantemente em Unidades de Conservação e regiões de difícil acesso. Nelas tem o “ecoturismo” ou turismo ecológico, o turismo rural, com destaque na atualidade. O turismo de aventura, caracteriza-se por viagens nas quais predominam a busca do desconhecido, as aventuras e o desbravamento de áreas selvagens que envolvem atividades como “rapel”, “montanhismo”, embarcações radicais. Normalmente, são denominadas de expedições (Silva, 1997).

Na busca por um menor impacto sobre o meio ambiente, o turismo ecológico ou ecoturismo é conceituado como:





“...um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas”. (Embratur/Ibama, 1994:19)

Empregam-se normas para conhecer sem deprender, estando o turista “armado” apenas de máquina Fotográfica e com muita disposição para longas caminhadas em cavernas, matas, serras, etc.

O turismo rural está voltado para atividade em áreas rurais. Paralela ao turismo, a propriedade continua suas atividades agropecuárias, pois é exatamente uma aproximação com a vida do campo (envolvendo a sua culinária, cultura e todo o restante) que o visitante procura. O turismo rural pressupõe atendimento personalizado, envolvimento comunitário, envolvimento familiar, venda de produtos rurais e o acompanhamento por parte do turista do máximo de atividades típicas do meio rural (SEBRAE/Nativa,1999). Essas variedades das atividades turísticas deixam claras as influências da cultura na estruturação da atividade.

O turismo é uma atividade humana que remonta aos primórdios da humanidade surpreendentemente num mundo de grandes avanços tecnológicos e científicos. Ele possui elevado “status”; e, uma de suas marcantes contradições, é proporcionar a aproximação de povos ao mesmo tempo em que os distancia. Houve momentos de viagens sem fins lucrativos, outros para nível de conhecimento e catalogação, outros para exploração colonial, porém o sistema capitalista de produção, se apropriou desse fantástico universo de fantasias geradas pelo turismo. Assim, na sociedade capitalista, logo após a Revolução Industrial, nos países europeus, ele se tornou uma forma de diferenciação da sociedade burguesa, nas espetaculares viagens exploratórias e científicas pela costa marítima européia.

Com o advento de técnicas mais aprimoradas, desenvolvimento econômico de países ricos, além do crescimento demográfico mundial, surgiu o turismo de segunda residência e exploratório. Hoje, com o melhoramento tecnológico, a evolução dos meios de transportes e das estruturas viárias ligando os mais diferentes lugares do planeta, além de melhorias sociais e trabalhistas, essa atividade está ampliada.

O acesso já não é somente da elite, as viagens se tornam uma necessidade no mundo capitalista (Krippendorf, 1989). Hoje, os trabalhadores esperam as férias





para viajar, ocupar o tempo. Essa é uma artimanha do sistema econômico que se apropria do lazer e do tempo livre do trabalhador (Nicolàs, 1996), enriquecendo os envolvidos com setor administrativo e organizacional do turismo.

Uma “grande explosão” de viagens desordenadas tem ocorrido em decorrência da escassez de planejamento e execução de projetos. Com isso, as implicações ambientais perante o modelo de exploração são evidenciadas.

As posturas vão se alterando frente à natureza, ou seja, o conceito que o ser humano faz dela, que passa a ser não mais um recurso a ser utilizado sem preocupação com o futuro, se torna finito. A visão da sociedade atual está paulatinamente se modificando frente às questões ambientais. As discussões emergem em todos os níveis sociais e, uns dos pontos positivos para a mobilização no processo de proteção e conservação ambiental são as políticas empregadas nos diversos lugares e isso tem favorecido à instalação do turismo, especialmente o turismo ecológico.

Essas mudanças dizem respeito à percepção ambiental, em que os valores da sociedade se alteram. Os conceitos “Paisagem e Lugar”, discutidos no próximo item, são importantes para compreender a nova configuração territorial observado no mundo atual, e dá início a análise sobre o turismo e o meio ambiente.





1.1. PAISAGEM E LUGAR

"A Geografia não se limita à observação e à descrição do visível, ainda que parta delas, mas pretende compreender a natureza do conjunto dos elementos constitutivos do âmbito que, com certa impropriedade, se denomina superfície terrestre (...) descobrir a ordem dentro da multiplicidade, decompô-la e explicar com clareza o emaranhado de relações recíprocas que nela se dá [a paisagem]" (Bobek & Schmithüsen, 1999:75)

Paisagem e lugar são duas categorias fundamentais na Geografia Cultural. Elas fazem parte do processo de representação humana que subsidiam a atividade turística.

A paisagem define o significado do lugar edificando sua identidade. Ela para Barbosa (1998), pode ser entendida como o imediato visível, como a interpretação subjetiva de cada indivíduo através do contato do olhar, do sentir, do olfato, do tato e da audição. Aparência sobrepõe essência. O reconhecimento de que a visão está repleta de sensação torna a paisagem um lugar, que para Pocock

"Le paysage est constitué par les éléments externes observés consciemment par l'homme. Plus que nos sentiments element en oeuvre notre vision, dans le but d'effectuer une évaluation ou appreciation esthétique."² (1984:140)

A interpretação da paisagem está baseada na cultura. São os filtros que a direcionam. Ela pode ser compreendida como "...um modo de ver o mundo, onde se confrontam o olhar do nativo e o olhar do estrangeiro (...) é a progressividade do campo de visão que caracteriza e que individualiza a paisagem." (Holzer, 1999:159). O olhar, o ponto de vista do indivíduo social, na concepção da cultura, define o distante e o perto, levando em conta a "relatividade" da posição observada.

As heterogeneidades dos lugares, ou melhor, suas particularidades, são atrações turísticas. O turismo parte das diferenças paisagísticas para se desenvolver pois "(...) el turismo se sustenta en la diversidad de los lugares, como en la diversidad de las culturas o de las expresiones de la vida humana" (Galero,

² "A paisagem está constituída por elementos externos conscientemente observados pelos homens. Mais que nossos sentimentos é elaborada pela nossa visão com o objetivo de realizar uma avaliação ou apreciação estética" (tradução livre)





1996:33). Ele se apossa dessa diversidade, provocando alterações significativas na paisagem, partindo da construção simbólica do lugar, "inventando"³ o lugar turístico.

O lugar turístico em si não existe, ele é obra da imaginação "fértil" do ser humano que cria símbolos, códigos que aproximam a realidade da fantasia. A inserção de lugares turísticos no contexto geral do Turismo Mundial se dá através do mercado, a partir do olhar "do de fora" que, inicialmente, é espontâneo. No entanto, com a divulgação de "tal lugar especial", dá-se início ao processo de apropriação territorial.

A concretização da paisagem chama atenção por se constituir de aspectos naturais e construídos. A percepção da paisagem deve considerar que o indivíduo também participa dela, está nela inserido. A visão de mundo de cada sociedade, de cada indivíduo, é compreendida por essa percepção que é mediada pela cultura, pelo modo de viver.

A interpretação da paisagem se dá pela compreensão de que a mesma é um lugar que faz parte da subjetividade humana. O lugar é a representação do indivíduo, a sua identidade, o seu cotidiano revestido de sentimentos topofílicos⁴, no que tange às suas aspirações e realizações.

O "espetáculo" do mundo contemporâneo, o lugar turístico, é caracterizado pela reprodução do ambiente próximo da realidade do turista. Grande parte dos moradores locais se torna apenas a atração, o produto, o diferente, o exótico.

A estética de organização da paisagem, dentro do simbólico e, da vivência individual de cada grupo é observada num ângulo subjetivo e cultural.

A análise da prática turística em Alto Paraíso de Goiás se fundamenta na subjetividade das ações humanas, preme de símbolos que determinam a prática social nos territórios turísticos. Compreender esse comportamento é essencial para analisar o turismo enquanto transformador e gestor do lugar. A construção do lugar é dinamizada pela apropriação do mercado turístico que utiliza símbolos culturais.

³ "...a construção do objeto turístico é feita no bojo de uma expectativa alimentada por fantasias e, boa parte daquilo que é apreciado corresponde àquelas que foram internalizadas através do 'boca a boca', da televisão, dos postais e guias de viagem." O turismo é uma invenção, ele não existe em si, mas se realiza a partir da construção dos lugares fundamentados nas representações simbólicas. (Almeida, 2000:22)

⁴ Topofilia – Os laços emocionais que ligam uma pessoa com o respectivo ambiente material; a ligação entre sentimentos e lugares. Sentimentos de uma pessoa relativamente a um lugar determinado. (Dicionário de Geografia, 1992:256) para Tuan "O termo Topofilia associa sentimento com lugar... o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais..." (1979:129)





Para a população local, determinado atrativo turístico, possui uma carga simbólica diferente daquela dos visitantes. O turismo elabora, de acordo com o público que quer atrair, uma gama de valores simbólicos para o lugar tornando-o mítico. Um dos mitos predominantes é o do Paraíso, do lugar perdido, do lugar fora da realidade local, onde se encontram as “ilhas de fartura”, isoladas do ambiente real. No caso do “turismo ecológico” são usados com frequência símbolos como água cristalina, montanhas perto do céu, lugares preservados que propagam a concepção dominante do “Paraíso”, e que, com certeza, atrairá grande quantidade de pessoas que se identificará com essa visão.

A subjetividade humana é evidenciada no momento da viagem quando é realizado um turismo ecológico, ou ecoturismo

“ (...) Por seu próprio caráter, o ecoturismo suscita expectativas e provoca o risco do turismo predatório: um número grande de amantes da natureza é atraído a um lugar recentemente descoberto, para depois de um tempo abandoná-lo, já deteriorado.” (SENAC, 1995:19)

A vertente do turismo ecológico, conhecida como ecoturismo, se destaca pelo contato com a natureza. No entanto, a sua característica de um turismo de “elite”, restrito a pequenos grupos, está se transformando, e se transformando num turismo que ganha cada mais adeptos, tornando essa prática nociva ao equilíbrio ambiental, por buscar locais ainda não explorados economicamente.

E, para compreender melhor as características do turismo ecológico, o item “Turismo e Meio Ambiente – os dois lados da mesma moeda” trata das contradições dessa iter-relação, assim como das implicações ambientais desencadeadas por essa prática.





1.2. TURISMO E O MEIO AMBIENTE - OS DOIS LADOS DA MESMA MOEDA

“Todo turismo ou casa são ecológicos, na medida em que o observador os relaciona com o meio”⁵

A tendência do mundo contemporâneo e, mais especificamente do turismo, é o retorno “às origens” e a motivação dessas viagens é provocada pelo estresse dos grandes centros urbanos. Assim, há o

“...interesse por temas relativos ao meio ambiente...desejo contemporâneo de ‘retorno à natureza’. Desejo que vem se traduzindo em algumas buscas como, por exemplo, a obsessão pela proteção da natureza, a valorização e a tentativa de salvaguarda dos saberes de comunidades tradicionais (...) a tentativa quase literal de reencontrar a natureza por meio do turismo, especialmente em sua variação ‘ecológica’ ou ambiental.” (Serrano, 2000:11)

A atividade turística, atualmente, tem se caracterizado pela busca por paisagens autênticas, pelo contato com a natureza, na fuga dos grandes centros urbanos, rompendo com o ritmo do cotidiano. O mercado se apropria dessa realidade ou mesmo a cria, pois possui todo um aparato de propaganda e oferta que atende às mais diversas opções de turismo. Há “...contradição entre a preservação da natureza das práticas econômicas existentes e a exploração da natureza dessas mesmas práticas.” (Silva, 1996: 144).

Este estudo tem como princípio entender o processo de desenvolvimento do turismo em Alto Paraíso de Goiás considerando que, a sustentabilidade turística e ambiental se fundamenta na delimitação e análise da capacidade de carga turística. A região da Chapada dos Veadeiros e, mais especificamente, o município de Alto Paraíso de Goiás, apresenta paisagens exóticas, com um relevo diferenciado de chapada e com cobertura vegetal original em sua grande maioria.

O turismo, e especialmente o turismo ecológico, tem sido considerado “a galinha dos ovos de ouro” dentro de planos e projetos de governo, pois proporciona o retorno imediato de lucros sem que sejam necessários grandes investimentos. Entretanto, na maioria dos casos, não há prevenção aos danos imediatos causados ao meio ambiente pela intervenção intensa da atividade econômica.

A capacidade de carga turística estabelece parâmetros de manutenção do meio ambiente em detrimento da ocupação turística, ou seja, o equilíbrio entre a

⁵ Yáziqi, 1999:117





interferência humana na natureza e a possibilidade de regeneração da mesma. Visa, assim, a atenuação dos problemas ambientais que possam ocorrer, pois

(...) “A sustentabilidade ambiental está intimamente relacionada com a manutenção da capacidade de carga dos ecossistemas, ou seja, a capacidade da natureza para absorver e recuperar-se das agressões antrópicas.” (Guimarães, 1997:32)

Há contradições no discurso da sustentabilidade, em virtude do próprio padrão de desenvolvimento capitalista, que está fundamentado na aquisição material a partir da desigualdade social. A idéia de sustentabilidade é apropriada por agentes sociais que deturpam o seu conceito, legitimando ações exploratórias, fundamentadas na acumulação produtiva e na concentração de renda que é caracterizada por uma exploração desordenada do território.

No entanto, há aspectos positivos nessa idéia, pois tem proporcionado mobilizações sociais significativas, como é o caso em Alto Paraíso de Goiás de várias ONGs e Associações comunitárias, que serão mencionados posteriormente, na busca pela defesa do meio ambiente. Esse processo interfere no equilíbrio ambiental e, o turismo, atividade humana, se insere nesse contexto.

O turismo ecológico é uma atividade econômica, pois visa a obtenção de renda, porém, ele também tem contribuído para mudanças de percepção ambiental frente à conservação ambiental, especialmente no que diz respeito à educação ambiental.

A abordagem do turismo ecológico se destaca no discurso político. Ações governamentais têm provocado mudanças de postura levando-se em consideração que o turismo deve se preocupar com a realidade local. É um avanço importante, em termos de Brasil, pois

“ Além do conceito de desenvolvimento sustentável, o tema [turismo ecológico] permite refletir sobre a questão das comunidades tradicionais, pois neste tema é muito presente a tensão entre o lugar da cidade e/ou do capital (o turista, o laboratório de biotecnologia, a indústria, etc.) e um outro lugar: o local das comunidades tradicionais.” (Silva, 1997:148)

O turismo tem provocado diferenciações no tempo e no espaço, construindo novos modos de vida, “valorizando” lugares e se apropriando das belezas naturais e especificidades culturais como aquelas, por exemplo, que fazem parte de Alto Paraíso de Goiás.

A contemplação de uma cachoeira que, a princípio, parece um simples “olhar





a paisagem”, adquire um preço. As longas e “saudáveis” caminhadas do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, ocorridas em ambientes diversificados do cerrado, uns inóspitos e outros agradáveis, que “trazem paz ao espírito”, também possuem um valor. A paisagem, do “Paraíso”, é uma mercadoria acessível para quem pode pagar.

O relevo acidentado, constituído de escarpas íngremes, planícies e vales profundos, o cerrado de altitude, a vegetação peculiar são atrativos característicos da região. Eles seriam considerados desfavoráveis à produção pelos padrões de exploração no sistema capitalista. No entanto, o turismo “dá um jeito nisso”, pois essa área de difícil acesso e mecanização é vendida com as taxas de visitação e de guias locais, e se insere na lógica da exploração e recurso financeiro, o que gera renda e lucro incontestáveis. Resta saber se o preço dessa exploração desenfreada pagará os prejuízos causados ao equilíbrio ambiental preexistente.

Em Alto Paraíso de Goiás, além dos atrativos naturais, há ainda os edificadas, como as requintadas pousadas e restaurantes, que se concentram no distrito de São Jorge, povoado situado a 35 km da sede. Com isso, observa-se que a materialização da atividade turística interfere na cultura local. A arquitetura irreverente das comunidades alternativas, é também um importante componente das transformações culturais ocorridas no município. Os moradores tendem a viver em função dos visitantes que trazem renda e inserem a comunidade no sistema capitalista.

O discurso predominante sobre o meio ambiente legitima posicionamentos políticos e define o agente. Como no caso do turismo, pois há um certo maniqueísmo que coloca os “bons” na defesa da natureza e os “maus” na caça ao lucro. São lados da mesma moeda. Mas, na prática os discursos da conservação e da preservação ambientais também visam a parte econômica, mesmo que defenda os direitos da população local. A paisagem natural e/ou cultural é um recurso e são passíveis de exploração.

No que tange à atividade do turismo, há pontos negativos e positivos que podem gerar tanto renda quanto desgaste ambiental e “desconforto” cultural. No próximo item é feita uma discussão sobre o turismo ecológico, como ele tem sido usado para legitimar práticas exploratórias, fundamentadas em seu conceito.





1.3. TURISMO ECOLÓGICO – UMA LUZ NO FIM DO TÚNELI?

“...em ecologia pensar a curto prazo é, além de temerário, faltar à solidariedade com as gerações futuras.” (Sachs, 1979:90)

O turismo é um gerador de renda e de emprego, porém há implicações ambientais contidas nessa atividade, conforme já foi dito no item anterior.

O turismo ecológico tem atraído para Alto Paraíso de Goiás, nos últimos anos, um fluxo turístico relativamente alto, o que causa alterações ao lugar. Ele tem como principal símbolo lugares preservados, favorecendo a exploração de paisagens e a “valorização” das mesmas e ao mesmo tempo proporcionando melhorias de infra-estrutura nos centros urbanos

Há contradições na prática do turismo ecológico, como o discurso do “desenvolvimento sustentável” que não se desvincula do sistema econômico. Esse tipo de turismo favorece a legitimação do sistema por proporcionar a exploração de lugares que não participam da lógica capitalista de produção.

A palavra de ordem, na atualidade, é a “defesa do meio ambiente”, favorecendo a implantação de estabelecimentos e equipamentos turísticos, calcados no “turismo ecológico”.

A dinâmica territorial em Alto Paraíso de Goiás é evidenciada pelo surgimento de várias pousadas, restaurantes e órgãos envolvidos com o turismo, além de melhorias na infra-estrutura física como a construção de vias de acesso, dentre elas o asfalto da GO-118, em 1986, e a GO-327 que ligam pontos atrativos (Siqueira, 1998).

Esse município tem sofrido alterações em sua paisagem através da intensificação da atividade do turismo. Há uma apropriação de significações e sentidos humanos e invenção de lugares míticos, e a legitimação do modo de produção capitalista em locais de difícil acesso e “dominação”. A territorialização ocorre, nesse sentido, com o processo de transformação material do lugar e com a construção de ambientes “artificiais” em justaposição aos naturais para o recebimento dos turistas.





Observa-se desta forma, que há tanto pontos positivos quanto negativos na realização da atividade, e que, em Ruschmann (1997) são levantados alguns impactos do turismo apresentados na tabela abaixo

TABELA 01 - IMPLICAÇÕES DA ATIVIDADE DO TURISMO

Impactos Econômicos Positivos	Impactos Econômicos Negativos
<ul style="list-style-type: none"> - Incremento da renda dos habitantes; - Elevação dos níveis cultural e profissional da população; - Expansão do setor da construção; - Industrialização básica na economia regional; - Modificação positiva da estrutura econômica e social; - Atração da mão-de-obra de outras localidades. 	<ul style="list-style-type: none"> - Evasão de divisas; - Dependência excessiva do turismo (atividade instável); - Inflação e especulação imobiliária; - Sazonalidade da demanda turística (concentração em determinado período e inexistência em outro causando transtornos).
Impactos Culturais positivos	Impactos Culturais negativos
<ul style="list-style-type: none"> - Valorização do Artesanato; - Valorização da herança cultural; - Orgulho étnico - Valorização e preservação do patrimônio histórico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Descaracterização do Artesanato; - Vulgarização das manifestações tradicionais; - Arrogância cultural; - Destruição do patrimônio histórico
Impactos positivos - meio ambiental natural	Impactos negativos – meio ambiente natural
<ul style="list-style-type: none"> - Criação de planos e programas de conservação e preservação de áreas naturais, de sítios arqueológicos e, ainda de monumentos históricos; - Investimento em medidas preservacionistas (manutenção da qualidade); - Programas especiais de turismo ecológico; - A renda da atividade turística possibilita implantação de equipamentos e outras medidas preservacionistas; - Interação cultural e aumento da compreensão entre os povos; - Recuperação psicofísica dos indivíduos; - Utilização mais racional dos espaços e a valorização do convívio com a natureza. 	<ul style="list-style-type: none"> - Rompimento de barreiras sociopsicológicas entre as comunidades receptoras e os turistas; Os últimos só são tolerados pelo dinheiro que gastam nas localidades; - Restrição na circulação da renda para as camadas melhor beneficiada; - O turismo implica na ocupação e na destruição de áreas naturais que se tornam urbanizadas e poluídas pela presença e pelo tráfego intenso de turistas. - Poluição (sonora, visual, ambiental – ar, água, solo, etc.) - Destruição da paisagem natural e de áreas agropastoris; - Destruição da flora e da fauna; - Degradação da paisagem, de sítios históricos e de monumentos.

Fonte: Modificado de Ruschmann, 1997:40-60

Entre as implicações sistematizadas na tabela de Ruschmann, uma das mais marcantes em Alto Paraíso é aquela relacionada ao impacto ao meio ambiente. Nesse município, é constante a realização e a programação de vários projetos ambientais de conservação e de proteção ambiental. Entretanto têm ocorrido algumas implicações ambientais negativas, como degradação de campos úmidos, poluição de locais de quedas d'água ou o assoreamento de solos areníticos através do pisoteamento e do intenso fluxo. Esse processo causa erosões e carreamento de materiais sólidos, fato verificado na GO-327 entre a cidade de Alto Paraíso e o povoado de São Jorge.

Os atrativos desse "Paraíso" são grandiosos, porém deve ser observada a fragilidade do ambiente em relação ao modo como essa exploração vem sendo legitimada por um discurso de sustentabilidade que não acompanha a realidade do lugar.





“Turismo ecológico - uma luz no fim do túnel!”, será que o turismo é o caminho mais plausível para a sobrevivência das comunidades locais!? De um lado ele promove a educação ambiental e a conservação dos ambientes visitados, assim como o envolvimento comunitário com a atividade turística através de projetos e iniciativas tanto pelos órgãos públicos como pela iniciativa privada e a comunidade local. De outro, é um forte mecanismo de territorialização de ambientes frágeis.

O resgate da história de formação do território de Alto Paraíso de Goiás permite a compreensão da configuração do turismo e subsidia análise da capacidade de carga turística no nível psicológico e social por fornecer os dados sobre a história de ocupação do território.

Essa história, a ser apresentada no próximo item, se deu num processo de apropriação do território pelo sistema capitalista de produção, com a absorção de espaços que fogem ao padrão de exploração empregado pelo sistema. Alto Paraíso de Goiás tem suas raízes no período mineratório colonial do Brasil e na constituição do território goiano, considerando a complexidade e riqueza do bioma cerrado. Essas questões serão discutidas a seguir.





“Alto Paraíso...
Um universo de...
Paz, tranquilidade, harmonia, belezas naturais...
Encontro do homem com a natureza. ... (Paulino, 1990)

CAPÍTULO II

“Como não maravilhar com a qualidade do ar que ali se respira, naqueles altiplanos? Nos meses de junho e julho tem o turista a visão paradisíaca de campos de flores, de exótica beleza, e de umas



espécies vegetais que não se vêem em nenhuma outra região do Brasil (...) a região maravilha os olhos do visitante, com a visão paradisíaca de vales e montanhas rochosas(...) O que seria visão desoladora, proporcionada por suas aspérrimas montanhas, é compensado com baixios verdejantes, alagados nas cheias, e verdejantes na seca...” (O Popular, Crônicas e outras histórias, 22/08/2000, Brasigóis Felício)

Figura 03. Jardim de Maytreia

“Da valorização da percepção e das atitudes, decorre a preocupação de verificar os gostos, as preferências, as características e as particularidades dos lugares. Valoriza-se também o contexto ambiental e os aspectos que redundam no encanto e na magia dos lugares, na sua personalidade e distinção.”
(Christofolletti, 1982:23)





2. PROCESSOS DINÂMICOS DA PAISAGEM

A paisagem é dinâmica e, se constitui de fatores culturais, que são os “filtros” e interpretações que identificam os elementos de sua composição. A história do lugar é parte dessa dinâmica. O presente capítulo aborda o processo de ocupação histórica de Alto Paraíso de Goiás, aliada à história do território goiano, buscando compreender o turismo e suas implicações ambientais na área de pesquisa. É feito um breve levantamento sobre a vegetação do Cerrado, que constitui a paisagem original do município de Alto Paraíso de Goiás, considerando-se a sua importância no turismo de cunho ecológico.

Abrir uma janela, visualizar a paisagem dinâmica, fruto de relações e processos históricos em constante transformação. Esse “abrir” inicia-se pelo resgate histórico, que é a base para a compreensão sobre a cultura, a identidade, os símbolos que vão se construindo a partir da relação tempo/espaço. E, para a pesquisa, a história do território de Alto Paraíso de Goiás é importante para se entender os processos que estão ocorrendo, atualmente, com a atividade do turismo.

A paisagem é formada pelo conjunto de “retalhos” históricos, fantasias e desejos materializados pelo ser humano. E se constitui de fragmentos peculiares, como o território goiano com sua história e sua composição ambiental (geomorfológica, geológica, fauna e flora, águas). Para o turismo, ela é associada ao “paraíso”, uma representação cultural.

A história da ocupação do território goiano, e por conseguinte do município de Alto Paraíso de Goiás, tem como fonte os escritos de cronistas e viajantes do século XIX. Em seus relatos é possível vislumbrar a base do que se tem escrito sobre a história de Goiás. Os cronistas registravam as ações políticas e administrativas, enquanto os viajantes se incumbiam da tarefa de descrever a paisagem e relatar as impressões do que observavam em seu percurso. A história do Estado está relacionada aos viajantes que elaboraram relatórios, descrições paisagísticas relatando belezas e peculiaridades do território goiano, documentos que são as origens históricas do olhar turístico em Goiás.

“A busca do Paraíso”, tão constante em tempos remotos e presentes nas mais variadas culturas é, ainda hoje, um símbolo a ser desvendado. Os viajantes,





em sua busca por conhecimento com um olhar quase turístico sobre os aspectos humanos e ambientais, indicam um caminho para a compreensão da dinâmica territorial do turismo.

A mineração do ouro em Goiás foi fator preponderante na formação dos núcleos populacionais, (Palacin, 1994). Embora não tenha sido uma atividade com constância suficiente para fixar populações, posto que, conforme apontamentos, as mesmas se deslocavam de um espaço a outro no período, na mesma medida de tempo em que surgiam notícias de novas descobertas, resquícios destes núcleos subsistiam, levando-se em consideração o fato de que nem todas as pessoas que vinham tinham como atividade o ato de minerar. Havia os mercadores, os administradores, as famílias dos mineradores e de tantos outros, e tantas outras pessoas que buscavam uma substancial e repentina “virada do destino”, todos atentos ao recolhimento do tão cobiçado mineral. Contudo, afastadas das “civilizações”, deviam produzir pelo menos para o próprio sustento e quiçá constituir modos de realizar a “virada do destino”.

O fator de atração nos séculos XVIII e XIX para Goiás era puramente a atividade mineradora e, a idéia de enriquecer não significava que os atraídos para as regiões de minas tivessem a intenção de ali permanecer (Palacin, 1994). Mas não explica como, a despeito da visão de “atraso” devido à “pouca lucratividade” e em função dos impostos e da falta de técnicas apropriadas para a retirada do metal, Goiás tenha se consolidado com a permanência daquela população.¹

Atividades paralelas se desenvolviam e ganhavam consistência na medida do crescimento da demanda, em detrimento das proibições da Coroa que tencionava reprimir o desvio do fluxo aurífero. Frequentemente aconteciam flagrantes de irregularidades em tabernas e casas de comissão. A Coroa Portuguesa proibia a instalação de fábricas e manufaturas, pois as atenções deveriam estar voltadas apenas para a indústria mineradora. Recentes trabalhos de pesquisa (Barreira, 1997), fomentam a idéia de que a agropecuária tinha lugar de destaque no período em questão, especialmente na região da Chapada dos Veadeiros.

¹ A maior parte do que se retirava, se destinava ao pagamento de impostos fixados em forma de quinto e posteriormente de modo não percentual (segundo o discurso oficial: para evitar que houvesse o desvio de ouro das casas de fundição), isto nos remete ao fato de que a estatística da mineração em Goiás sirva apenas de amostra, pois só seria contabilizado o ouro que passasse pelas Casas de Fundição. Os mecanismos de desvio foram os mais variados possíveis e fogem à possibilidade de levantamento, já que, exacto os casos em que as correições tenham conseguido surpreender os infratores, a maioria deles não deixa documentos. (Palacin, 1994)



Existiam, inclusive, moinhos para o beneficiamento de trigo e mandioca. A origem da tradição criadora de gado em Goiás também data daquele período.

O território é compreendido pela constituição de tempos atuais mesclados a resquícios de tempos passados. Alto Paraíso de Goiás é um lugar marcado pela “passagem” e rota de viajantes, desde a sua origem.

De acordo com Lima (1998), no tempo da colonização de Goiás, ele era conhecido como Veadeiros e era um dos povoados da freguesia de Cavalcante, do qual se tornou Distrito em 1835 e emancipou-se em 12 de Dezembro de 1953. O terreno, que segundo Barreira (1997), tem registro desde 1735, era povoado de forma esparsa por fazendeiros atraídos pela mineração, pela criação de gado, pelo cultivo de produtos agrícolas para o suprimento do mercado de consumo nordestino. As pessoas também foram atraídas simplesmente pelos “ares” do lugar, repleto de belas paisagens e banhado por inúmeras quedas d’água. A região da Chapada dos Veadeiros era parte integrante de uma das áreas de maior concentração econômica no século XIX e foi grande produtora e beneficiadora de trigo.

Como atrativo turístico, alguns resquícios da história passada de Alto Paraíso são marcantes como a presença, em especial no povoado de Moinho, de remanescentes dos “Kalungas”², descendentes de quilombolas e que fazem parte do grupo dos denominados “nativos”. A formação cultural, ou seja, a identidade local de Alto Paraíso de Goiás interfere diretamente na dinâmica territorial do turismo. Nisso, a população local é um elemento de suma importância quando se trata da percepção ambiental e da análise da capacidade de carga turística pois ela é o principal indicador de sustentabilidade do lugar.

A paisagem delineia, em seus contornos o retrato, um quadro que nos salta aos olhos. É através dele que se torna possível investigar a sua essência, a história do lugar. Esse recorte constitui-se de “retalhos” interligados pela cultura de um povo, sua identidade.

² “os kalungas remete-nos à África, quando isolamento geográfico e cultural, possibilita a retificação das tradições e costumes. Metodologicamente, são vistos como descendentes de escravos, que, à deriva da sociedade institucional, constroem uma cultura própria, tendo como parâmetro sua história de grupo “isolado”. Isolado no sentido de (como um quilombo) delimitar fronteiras e, coletivamente seguir uma história e cultura peculiar. Como especificidade, põem em pauta a discussão da historicidade dos quilombos, enquanto luta, resistência, e/ou lugar de moradia e construção de uma nova vida, como também não se esgota como “lavrador negro” e “comunidade negra isolada no mundo rural”” (Baiocchi, 1999:12)





A área que forma o território do Estado de Goiás era conhecida no passado como “Minas dos Goyazes” (Palacin, 1994), que se enquadravam nos objetivos portugueses de expansão imperial, captura de riquezas minerais e ampliação territorial, além da preta de “silvícolas” para o trabalho escravo. No início de sua colonização (1722-1748) o território era governado pela capitania de São Paulo mas, devido à dimensão que o empreendimento tomou, desmembrou-se na capitania de Goyaz.

A colônia se dividia em capitanias, as capitanias em comarcas, as comarcas em distritos, os distritos em vilas, as vilas em arraiais e estes, por sua vez, eram formados por núcleos urbanos e povoados. As vilas cumpriam o papel de centros administrativos da capitania e respondiam diretamente à coroa portuguesa. Ali funcionavam as Casas de Câmara e Cadeia responsáveis pelo cumprimento de Códigos e Posturas (Palacin, 1994).

Alto Paraíso de Goiás pertencia ao Arraial de Cavalcante, e de grande representatividade juntamente ao Arraial de São Félix na pecuária no território goiano, fornecendo alimento para os arraiais que se destinavam à produção de ouro (Barreira, 1997).

Os núcleos urbanos que se formavam nas rotas de entradas e próximos às áreas de mineração eram controlados pela Capitania de São Paulo até 1739 (Palacin, 1994). Nesta data o arraial de Sant’Anna, atual município de Goiás, foi elevado à condição de vila e ganhou o nome de Vila Boa em homenagem a Bartolomeu Bueno, chefe da última expedição bandeirantista aos sertões. Ali foi implantada a primeira casa de fundição de Goiás, responsável pela captação dos impostos. Posteriormente nova casa de fundição foi implantada no arraial de São Félix, considerando a distância entre as comarcas, com o intuito de controlar mais amplamente a atividade mineradora e impedir o extravio de ouro.

Com a proclamação do império em 1822, as capitanias passaram a se chamar províncias, e uma nova política administrativa transferiu o interesse econômico para as atividades agro-pastoris, (Palacin, 1994). Ocorreu o declínio da atividade mineradora em detrimento da falta de técnicas adequadas à mineração pela incapacidade de impedir o desenvolvimento de mecanismos de extravio que resultaram numa queda estatística considerável da produção aurífera. A atividade já não era tão rentável.





A região onde hoje se localiza Alto Paraíso de Goiás foi de primordial importância para o desenvolvimento da atividade agro-pastoril em Goiás, no período colonial e no subsequente devido, principalmente, à sua proximidade com a rota comercial baiana.

Com o declínio da atividade mineradora, as idéias “modernizantes” que surgiram criaram uma nova configuração sócio-econômica para Goiás e foi assim que, dentro do plano de ação republicano, as demandas cresceram com as novas idéias. Vários projetos desenvolvimentistas ganharam corpo; dentre eles a transferência da capital do estado para Goiânia em 1933, a construção de vias férreas, a implantação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás em 1941, dentre tantos outros. Um marco decisivo ocorrido, na década de 40, foi a política do governo Getúlio Vargas de “Marcha para o Oeste”, que provocou um fluxo migratório significativo para Goiás, cuja tendência para a agricultura e pecuária já se consolidava.

A transferência da capital do Estado para Goiânia, a partir da “revolução de 30”, provocou mudanças nos setores políticos e econômicos e um maior povoamento no território goiano, processo que foi reforçado pela construção e inauguração de Brasília e pela construção da BR-153, que liga o norte e sul do país. Isso causou maior fluxo migratório no início da década de 50, especialmente para as proximidades da nova capital, no atual nordeste goiano.

Na década de 60 a criação do Distrito Federal contribuiu, através da influência dos projetos e programas de desenvolvimento regional, para a retomada do desenvolvimento da região nordeste de Goiás que estivera à margem das transformações ocorridas nas outras áreas do Estado. Com isso, nas décadas de 70/80, a referida região conheceu mudanças que a conduziram a uma posição de destaque dentro do território goiano. Foi, portanto, a última região que recebeu impactos novos e que foram assimilados com relativa facilidade e rapidez, considerando-se os trabalhos de investigação científica até o momento realizados e divulgados.

Em decorrência desse atraso em seu desenvolvimento, o nordeste goiano, nos últimos 20 anos, caracterizou-se por uma situação de isolamento e pobreza generalizada e ficou conhecido como “corredor da miséria” de Goiás. Porém, no





séc. XIX, chegou a ser uma das regiões economicamente mais importantes do Estado.

De 1950 até 1980, na esteira do processo de “Marcha para o Oeste”, a região foi sendo, progressivamente, incorporada ao processo de “modernização” da própria sociedade brasileira. O novo ciclo econômico inaugurado pela política de Juscelino Kubitschek, centrado no Plano de Metas, na construção de Brasília e na criação de incentivos à formação de colônias agrícolas avançadas contribuiu para uma maior dinâmica territorial.

Hoje o nordeste goiano é formado pela região da Chapada dos Veadeiros e o Vão do Paranã (Barreira, 1997). Ele, que foi considerado, pelos programas de governo o “atraso econômico” dentro do processo intensivo de exploração agrícola até final da década de 80, atualmente desempenha importante papel na estruturação do turismo e manutenção do equilíbrio ecológico em Goiás. E será discutido mais adiante quando tratar da formação do território de Alto Paraíso de Goiás.

Um dos principais motivadores do turismo é a paisagem, tendo como principal suporte a vegetação, além do relevo. E a paisagem do cerrado tem apresentado grande atratividade turística devido a quantidade considerável de espelhos d’água e cachoeiras, e, por apresentar relevo e vegetação peculiar, com uma diversidade inusitada. No entanto, a ocupação tem se dado de forma desordenada, emergindo questões ambientais, o que leva a realizar no próximo item uma breve conceituação sobre a região do cerrado, onde está inserido Alto Paraíso de Goiás.





2.1. CONSTITUIÇÃO DA PAISAGEM - O CERRADO

O Cerrado está localizado basicamente no Planalto Central do Brasil e é o segundo maior bioma do país em área, com 1.967.768 km² apenas superado pela Floresta Amazônica³, o que representa cerca de 23% do território brasileiro. Essa vegetação ocorre em altitudes que variam cerca de 300 m, a exemplo da Baixada Cuiabana (MT), a mais de 1600 m, na Chapada dos Veadeiros (GO). (Figura 04)

Geomorfologicamente caracteriza-se por Chapadas, planaltos e patamares elaborados em diversas fases erosivas que se encontram separados pelos altos cursos de formadores de bacias do Amazonas, do São Francisco e do Prata, originando as depressões do Araguaia-Tocantins, do alto e médio São Francisco e do alto Paraguai (MMA, 1995:10). O Cerrado abrange, também, como área contígua, os Estados de Goiás⁴, Tocantins e o Distrito Federal, além de parte dos Estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Rondônia e São Paulo e disjunções ao norte nos Estados do Amapá, Amazonas, Pará e Roraima, e ao sul no Paraná.

Cerrado é uma palavra de origem espanhola que significa “fechado” e tem sido usada tanto para designar tipos de vegetação (tipos fitofisionômicos) quanto para definir a estrutura da vegetação (formação ou categoria fitofisionômica). O termo também pode ser associado a adjetivos que se referem a características estruturais ou florísticas particulares, encontradas em regiões específicas.

Possui solos antigos profundos e bem drenados e nutricionalmente são ácidos e de baixa fertilidade, com altos níveis de ferro e alumínio (WWF, 1995:7). O clima é estacional, com duas estações bem definidas, seca e úmida. A precipitação média anual é de 1500 mm, com grandes variações intra-regionais.

Na tabela a seguir, Ribeiro & Walter (1998) apresentam as características predominantes das várias formas da paisagem que constituem o cerrado.

³ Revista Galileu, nº 108/WWF, a nova aquarela do Brasil, 2000.

⁴ A Chapada dos Veadeiros contém quase todo Cerrado de Altitude, um dos tipos menos comuns: dos 200 milhões de hectares do Cerrado, ou aproximadamente 23% do território do país, apenas 3% são de Cerrado de Altitude. Além de uma diversidade de fauna e flora, este bioma também abriga nascentes que abastecem as grandes bacias hidrográficas do Brasil.” (Folder informativo – Projeto Veadeiros WWF/ASJOR/ASFLO/ACV-CV, 1999)





TABELA 02 . FORMAS FITOFISIONÔMICAS DO CERRADO

FORMAÇÕES FLORESTAIS	
Mata ciliar	acompanha os rios de médio e grande porte da região do cerrado, em que a vegetação arbórea não forma galeria. Em geral essa mata é relativamente estreitas em ambas as margens, dificilmente ultrapassando 100 metros de largura em cada. Ocorre geralmente em terrenos acidentados, podendo haver uma transição para outras fisionomias florestais como a mata seca e o cerradão. Os solos podem ser rasos como os cambissolos, plintossolos ou litólicos, profundos como os latossolos e podzólicos, ou ainda ser solos aluviais. As árvores, predominantemente eretas, variam em altura de 20 a 25 m, com alguns poucos indivíduos emergentes alcançando 30 m ou mais. (p. 105)
Mata de galeria	acompanha os rios de pequeno porte e córregos dos planaltos do Brasil Central, formando corredores fechados (galerias) sobre o curso de água. Geralmente localiza-se nos fundos dos vales ou nas cabeceiras de drenagem onde os cursos de água ainda não escavaram um canal definitivo. Quase sempre é circundada por faixas de vegetação não florestal, em ambas as margens, e em geral ocorrem umas transições bruscas com formações savânicas e campestres. A altura média do estrato arbóreo varia entre 20 e 30 m, apresentando uma superposição das copas que fornecem cobertura arbórea de 70 a 95 %. (p. 107)
Mata seca	Caracterizada por diversos níveis de caducifolia durante a estação seca, dependente das condições químicas, físicas e principalmente da profundidade do solo. A mata seca não possui associação com cursos de água, ocorrendo nos interflúvios em solos geralmente mais ricos em nutrientes. A altura média do estrato arbóreo varia entre 15 e 25 m. A grande maioria das árvores é ereta, com alguns indivíduos emergentes. (p. 111)
Cerradão	Apresenta aspectos xeromórficos. Caracteriza-se pela presença de espécies que ocorrem no cerrado sentido restrito e também por espécies de mata. Do ponto de vista fisionômico é uma floresta, mas floristicamente é mais similar a um cerrado. A altura média do estrato arbóreo varia de 8 a 15 m, proporcionando condições de luminosidade que favorecem à formação de estratos arbustivo e herbáceo diferenciados. (p. 114)
FORMAÇÕES SAVÂNICAS	
Cerrado sentido restrito	Caracteriza-se pela presença de árvores baixas, inclinadas, tortuosas, com ramificações irregulares e retorcidas, e geralmente com evidências de queimadas. Os arbustos e subarbustos encontram-se espalhados, com algumas espécies apresentando órgãos subterrâneos perenes (xilopódios), que permitem a rebrota após queima ou corte. Na época chuvosa os estratos subarbustivo e herbáceo tomam-se exuberantes devido ao seu rápido crescimento. (p. 117)
Parque cerrado	Caracterizada pela presença de árvores agrupadas e pequenas elevações do terreno, algumas vezes imperceptíveis, conhecidas como "murundus" ou "monchões", as árvores possuem altura média de 3 a 6 m e formam uma cobertura arbórea de 5 a 20%. Os solos são hidromórficos, e melhor drenados nos murunduns que nas áreas planas adjacentes. (p. 124)
Palmeiral	Presença marcante de uma única espécie de palmeira arbórea. Praticamente não existem árvores dicotiledôneas, embora essas possam ocorrer com baixa frequência. Encontra-se em terrenos bem drenados, embora também ocorram em terrenos mal drenados, onde pode haver a formação de galerias acompanhando as linhas de drenagem. (p. 126)





Vereda	É a fitofisionomia com a palmeira arbórea <i>Mauritia flexuosa</i> emergente, em meio a agrupamentos mais ou menos densos de espécies arbustivo-herbáceas. As veredas são circundadas por campo limpo, geralmente úmido, e os buritis não formam dossel como ocorre no buritizal. As veredas são encontradas em solos hidromórficos, saturados durante a maior parte do ano. Geralmente ocupam os vales ou áreas planas acompanhando linhas de drenagem mal definidas, em geral sem murundus. Também são comuns numa posição intermediária do terreno, próximas às nascentes (olhos d'água), ou na borda de Matas de Galeria. Exercem papel fundamental na manutenção da fauna do cerrado, funcionando como local de pouso para avifauna, atuando como refúgio, abrigo, fonte de alimento e local de reprodução também para fauna terrestre e aquática. (p. 129)
--------	--

FORMAÇÕES CAMPESTRES

Campo sujo	É um tipo fisionômico exclusivamente herbáceo, com arbustos e subarbustos esparsos cujas plantas, muitas vezes, são constituídas por indivíduos menos desenvolvidos das espécies arbóreas do Cerrado sentido restrito. É encontrada em solos rasos como os Litólicos, Cambissolos ou Plintossolos Pétricos, eventualmente com pequenos afloramentos rochosos de pouca extensão, ou ainda em solos profundos e de baixa fertilidade como os Latossolos de textura média, e as areias quartzosas. Em função de particularidades ambientais o Campo Sujo pode apresentar três subtipos fisionômicos distintos. Na presença de um lençol freático profundo ocorre o Campo Sujo Seco; se o lençol freático é alto, há o Campo Sujo Úmido; quando na área ocorrem microrelevos mais elevados (murunduns), tem o Campo Sujo com Murunduns. (p. 131)
Campo rupestre	Predominantemente herbáceo-arbustivo, com a presença eventual de arvoretas pouco desenvolvidas de até dois metros de altura. Abrange um complexo de vegetação que agrupa paisagens em microrelevos com espécies típicas, ocupando trechos de afloramentos rochosos. Geralmente ocorre em altitudes superiores a 900 metros, em áreas onde há ventos constantes, dias quentes e noites frias. Ocorre geralmente em solos Litólicos ou nas frestas dos afloramentos. São solos ácidos, pobres em nutrientes. A composição florística pode variar em poucos metros de distância, e a densidade das espécies depende do substrato (profundidade do solo, fertilidade, disponibilidade de água, etc.). (p. 133)
Campo limpo	Predominantemente herbácea, com raros arbustos e ausência completa de árvores. Pode ser encontrado em diversas posições topográficas, com diferentes variações no grau de umidade, profundidade e fertilidade do solo. Entretanto, apresenta-se com mais frequência nas encostas, nas chapadas, nos olhos d'água, circundando as Veredas e na borda das Matas de Galeria, geralmente em solos Litólicos, Litossolos, Cambissolos ou Plintossolos Pétricos. Quando ocorrem em áreas planas, relativamente extensas, contíguas aos rios e inundadas periodicamente, também é chamado de "Campo de Várzea", "Várzea" ou "Brejo", sendo os solos do tipo Hidromórfico, Aluvial, Plintossolos ou Solos Orgânicos. (p. 135))

Fonte: adaptado de Ribeiro & Walter (1998)





Em Alto Paraíso de Goiás há uma notável variedade de fitofisionomias de Cerrado, como mata ciliares, cerrado estrito e restrito, cerradão, campo cerrado, citadas na tabela anterior. Destaca-se a existência de veredas, que indicam grande quantidade de nascentes e campos úmidos que se caracteriza por lençol freático próximo à superfície e, os campos rupestres, que são locais frágeis em virtude do próprio processo erosivo natural. Observa-se que há uma intrínseca relação entre a vegetação, relevo e os solos.

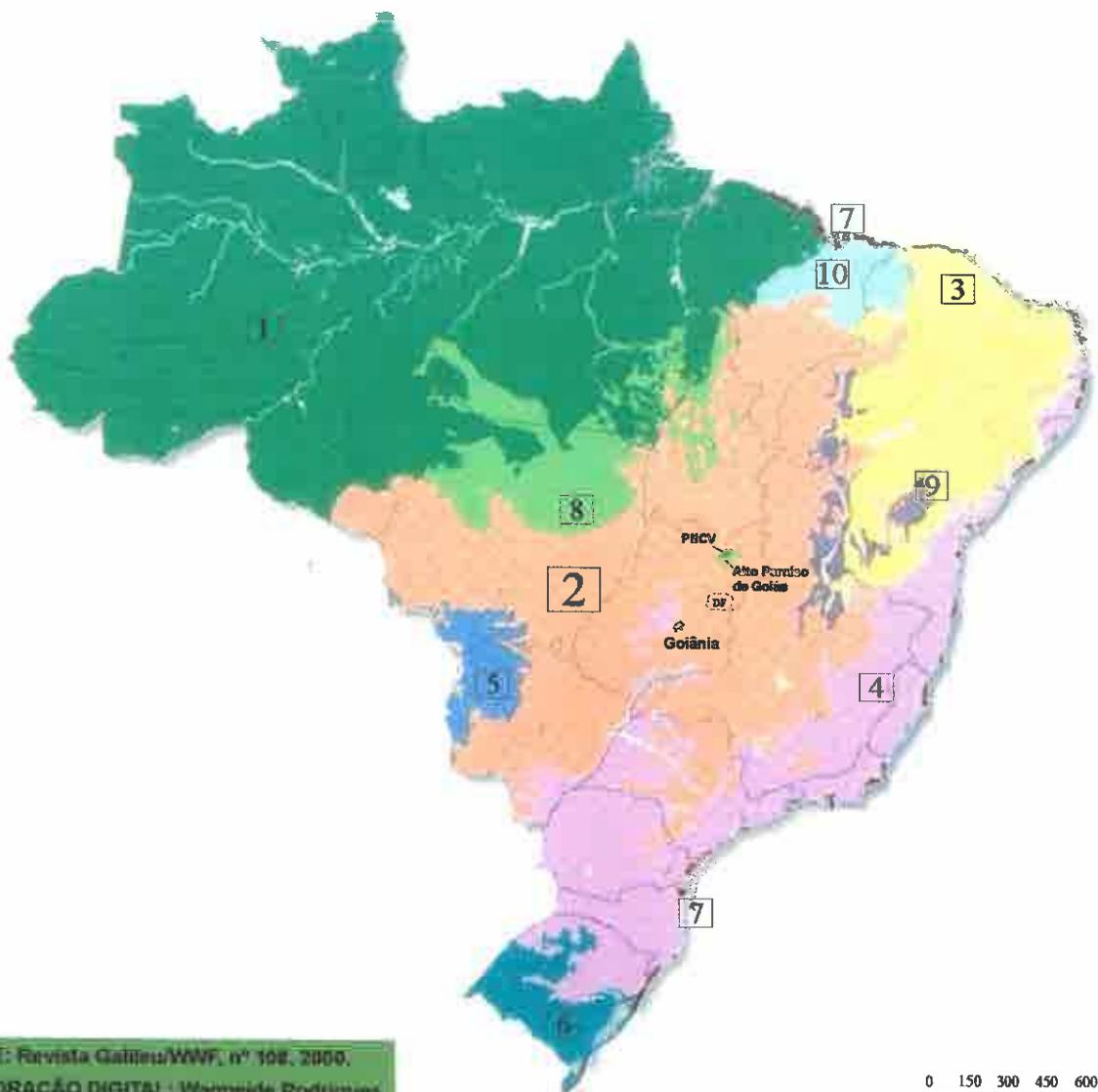
Nesse município há uma cobertura vegetal primitiva representativa e bem conservada, especialmente nas áreas de relevo movimentado e nas cotas acima de 1000 m de altitude. Essas áreas são de relevante interesse para a prática do turismo ecológico e despertam preocupações ambientais.

A expansão desordenada das áreas de exploração agropastoril e de projetos turísticos aliadas a queimadas indiscriminadas, são elementos que comprometem seriamente a cobertura vegetal de Alto Paraíso de Goiás, (Plano Diretor, 1998).

A riqueza vegetal da região desperta atenções sobre a conservação e proteção ambiental freqüentes no município. Têm surgido muitos projetos, como a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) Pouso Alto, em municípios do nordeste goiano, ou da Reserva da Biosfera do Cerrado – Fase II, envolvendo órgãos internacionais como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). São iniciativas de planejamento territorial visando a conservação do Cerrado, fundamentadas em conceitos como o da sustentabilidade, já discutido em itens anteriores.

Diante dessas questões, no próximo item, é realizada uma discussão sobre o processo de formação do território de Alto Paraíso a partir da caracterização física e da história do desenvolvimento do turismo no município, visando situar a área de pesquisa e os principais acontecimentos que estão continuamente formando essa paisagem singular no Estado de Goiás.

Figura 04 - MAPA BIOMAS BRASILEIROS - CERRADO

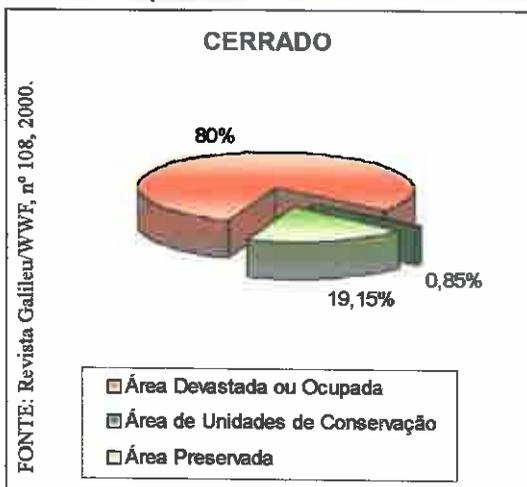


FONTE: Revista Galileu/WWF, nº 108, 2000.
 ELABORAÇÃO DIGITAL: Wagner de Rodrigues
 LOCAL/DATA: Goiânia / março de 2001.

0 150 300 450 600 Km
 Escala Gráfica

LEGENDA

BIOMAS	Área (em Km ²)
1 - Amazônia	3.688.982
2 - CERRADO	1.967.768
3 - Caatinga	736.836
4 - Mata Atlântica	1.107.236
5 - Pantanal	136.851
6 - Campos Sulinos	171.386
7 - Zona Costeira	51.367
TRANSIÇÕES	
8 - Amazônia-Cerrado	414.007
9 - Cerrado-Caatinga	115.108
10 - Amazônia-Caatinga	144.583



(Handwritten signature)



2.2. PERFIL DO PARAÍSO

O Município de Alto Paraíso de Goiás está situado na Microrregião 005 - Chapada dos Veadeiros, no Nordeste Goiano⁵ (Figura 05) e têm como municípios limítrofes Cavalcante, Teresina de Goiás, Nova Roma, São João D'Aliança e Colinas do Sul. Ocupa uma área de 2.594⁶ Km², e têm como núcleos urbanos, além da sede o distrito de São Jorge e o povoado rural do Moinho.

O acesso a Alto Paraíso de Goiás se dá pela GO -118 que sai de Brasília em direção a Arraias, passando por São Gabriel e São João D'Aliança, ou então pela via em direção a Colinas, em estrada de chão, pela GO-327, passando por São Jorge até a sede daquele município. Em relação a distâncias, a sede encontra-se a 430Km de Goiânia e a 230 km de Brasília.

A região da Chapada dos Veadeiros constitui-se em um centro dispersor de águas local e regional no Estado de Goiás. Alto Paraíso de Goiás está situada no centro dessa região e a sua rede hidrográfica é formada pelos Rios: Preto; Tocantinzinho e seus afluentes, Córrego Piçarrão, Ribeirão São João, Rio dos Couros, Ribeirão São Miguel, que deságuam no Rio Maranhão e, pelos Rios Macacão, São Bartolomeu e Pedras, componentes da Bacia do Paranã. Ambos, Rio Maranhão e Paranã, são componentes da Bacia do Rio Tocantins.

De um modo geral os vales dos rios apresentam-se encaixados e as rupturas de declives na região favoreceram o aparecimento de inúmeras quedas d'águas e cachoeiras, com desníveis dos cursos d'água variando desde 10 m até mais de 120 m.

Para Albuquerque (1998), a região é associada à "suíça goiana" tanto pelas formas serranas como pelo clima ameno, de temperaturas médias anuais variando entre 24 a 26°C nas altitudes elevadas e o contraste de 40 a 42°C nas regiões do vale do rio São Bartolomeu, na região do sertão. O relevo é formado por vales e chapadas⁷. Quanto à sede, esta está situada na borda de um pequeno planalto, com altitudes variando de 1180 metros a mais de 1.200 metros, entre as nascentes do Rio Tocantinzinho e Rio São Bartolomeu.

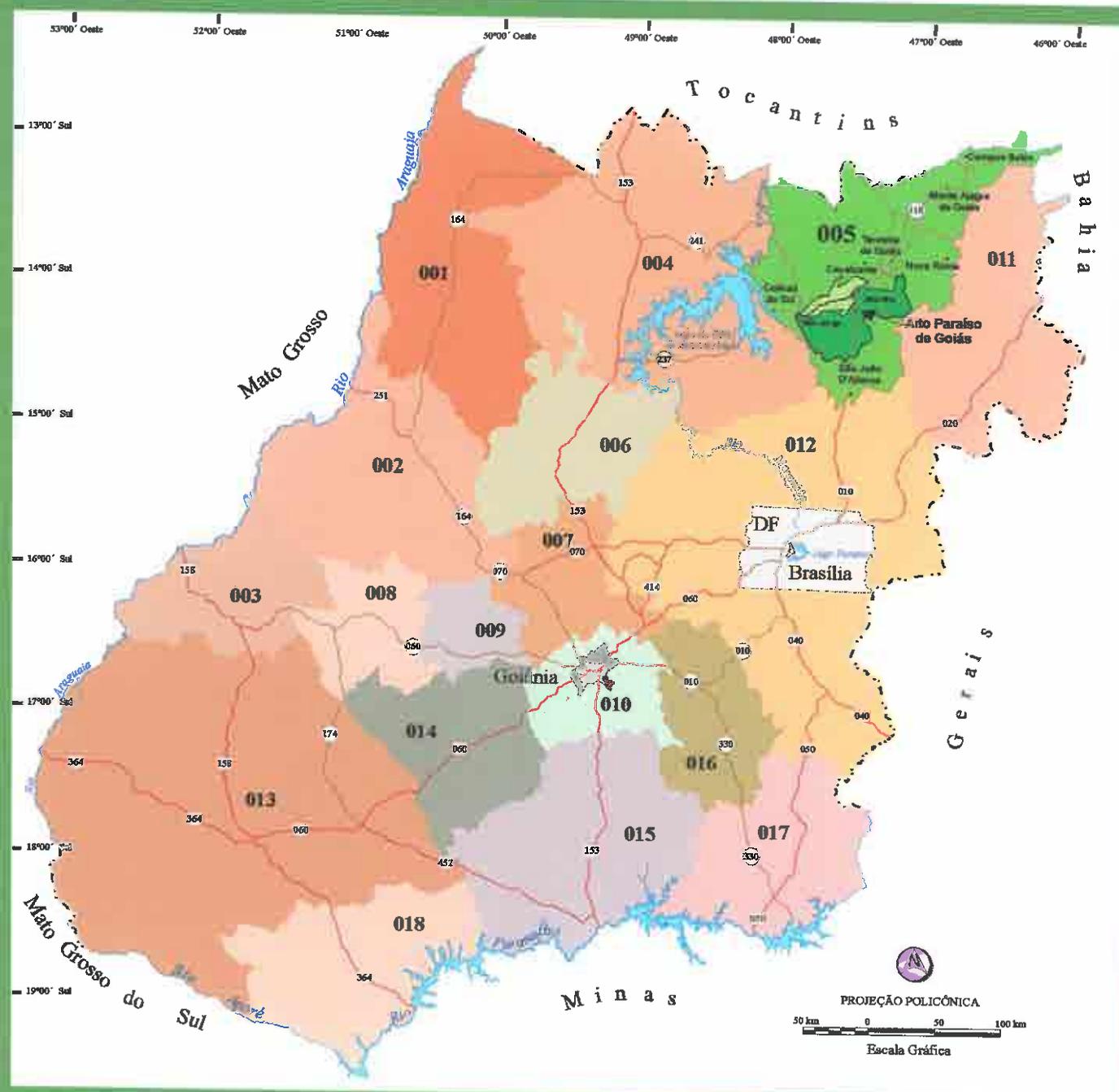
⁵ SEPLAN, 1992

⁶ IBGE, 2001

⁷ Plano Diretor, 1998



**Figura 05 - DIVISÃO MICRORREGIONAL DO ESTADO DE GOIÁS
MICRORREGIÃO CHAPADA DOS VEADEIROS - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO**



LEGENDA

- | | |
|-----------------------------------|---------------------------------|
| 001 São Miguel do Araguaia | 011 Vão do Paranã |
| 002 Aragarças | 012 Entorno de Brasília |
| 003 Rio Vermelho | 013 Sudoeste Goiano |
| 004 Porangatu | 014 Vale do Rio dos Bois |
| 005 CHAPADA DOS VEADEIROS | 015 Meia Ponte |
| 006 Ceres | 016 Pires do Rio |
| 007 Anápolis | 017 Catalão |
| 008 Iporá | 018 Quirinópolis |
| 009 Anicuns | ● Cidade |
| 010 Goiânia | ⚡ Drenagem |
| — Rodovia Federal | |
| ○ Rodovia Estadual | |

FONTES DO MAPA :

DER-GO - Dept. de Estradas de Rodagem de Goiás / Mapa Rodoviário Estadual - 1997
 IBGE - SEPLAN-GO/SUPEQ/DESTAF Mapa Microrregional - 1992

ELABORAÇÃO DIGITAL:

Wagneide Rodrigues Geógrafa

LOCAL / DATA:

Goiânia, janeiro de 2000.



Handwritten signature or mark.



2.3. A DINÂMICA DO PARAÍSO

Segundo dados históricos do município, relatados no Plano Diretor (1998:6), Francisco de Almeida é considerado o pioneiro por ter se estabelecido como fazendeiro na região por volta de 1750, num sítio que passou a ser conhecido como Veadeiros. O topônimo se refere não ao veado propriamente dito, mas, sim, ao cachorro utilizado para farejar e perseguir animais durante as caçadas.

As fazendas de Francisco de Almeida e Firmino de Almeida Salermo, José Pereira Barbosa e Manuel Caboclo foram geradoras do primeiro núcleo povoado na região em meados do século XVIII, e deram início ao processo de colonização com cultivo de frutas, milho, café e pecuária.

No século XIX, na década de 50, foi inaugurado na região o movimento esotérico e espiritual com a primeira Fazenda Escola da região – Fazenda Bona-Espero⁸, que se instalou próximo a área do futuro Parque Nacional. Aproximadamente dez anos depois, uma organização espírita, de natureza Kardecista, com sede em Belo Horizonte, se instalou na zona rural de Alto Paraíso, uma fazenda-escola, chamada Cidade da Fraternidade.

Dentro do processo de estruturação místico-esotérica, quinze anos mais tarde, no Natal de 1980, foi realizado na fazenda escola Bona-Espero, um importante encontro, com a participação de mais de 180 pessoas que buscavam um estilo alternativo de vida. Este encontro fazia parte do “Projeto Rumo ao Sol”, que escolheu o Planalto Central como espaço privilegiado para desenvolver novas tecnologias e vivenciar novas formas de alimentação e de comportamento individual e coletivo. O grupo se instalou na região do Moinho, próximo à cidade de Alto Paraíso de Goiás e, após isso a migração se intensificou, abrindo caminho para outros “buscadores” espirituais.

Outro marco importante, no processo de formação territorial de Alto Paraíso de Goiás, foi a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros pelo presidente Juscelino Kubitschek, acatando as sugestões da Fundação Brasil

⁸ inspirada no “esperantismo” um movimento de cunho espiritual que enfatiza a solidariedade e o universalismo. Franco, 1998.





Central (proposta em carta dirigida ao mesmo em 4 de outubro de 1960) que previa a localização da futura sede da O.N.U.⁹ no Planalto Central Brasileiro

“em vista dos excepcionais valores naturais, que nele deverão ser preservados, tanto mais que poderá, numa pequena extensão, congregar as paisagens típicas, a flora e a fauna tanto do Planalto Central como da Planície Amazônica”¹⁰

Portanto, o principal objetivo da criação do Parque foi o de proteger as cabeceiras dos formadores do rio Tocantins, dos campos rupestres, dos cerrados e das matas ciliares (Figura 6). A Unidade de Conservação foi criada em 1961 e chamada de Parque Nacional do Tocantins e que atualmente se denomina Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Isso favoreceu sobremaneira a dinâmica da paisagem atual no município, especialmente com o turismo denominado turismo ecológico ou ecoturismo.

No final da década de 1970 e início da década de 1980, a dinâmica territorial em Alto Paraíso de Goiás se intensificou através do Plano de Ação do então Governador de Goiás, Sr. Ary Valadão que estabeleceu uma articulação do núcleo urbano com o regional. A organização do urbano, mediada pela produção agrária foi a característica mais significativa deste Plano (INDUR, 1984). Assim, entre 1979 e 1980 foi implantado no município o Plano de Desenvolvimento Integrado de Alto Paraíso, dentro do Programa de Diretrizes do Governo Estadual, elaborado pelo Instituto de Desenvolvimento Urbano de Goiás - INDUR, extinto em 1985 (Plano Diretor, 1998).

No entanto, até meados da década de 80, Alto Paraíso de Goiás se manteve em relativo isolamento sócio-cultural por causa do difícil acesso em decorrência da inexistência de estradas pavimentadas. Com o asfaltamento da GO-118 (Brasília - Nordeste Goiano, em 1985), houve a progressiva migração de “alternativos” (místico-esotéricos) e, assim, as primeiras divulgações da mídia nacional que evocam as belezas cênicas e os “poderes energéticos” produzidos pelo cristal de quartzo. Na esteira desses acontecimentos, surgiu, nos meios urbanos a preocupação com a questão ambiental.

⁹ Organização das Nações Unidas

¹⁰ trecho retirada da Carta de Abelardo Coimbra Bueno para Juscelino Kubitschek de Oliveira em 1 de dezembro de 1960, publicada no jornal Veadeiros de maio/junho/julho de 2000.





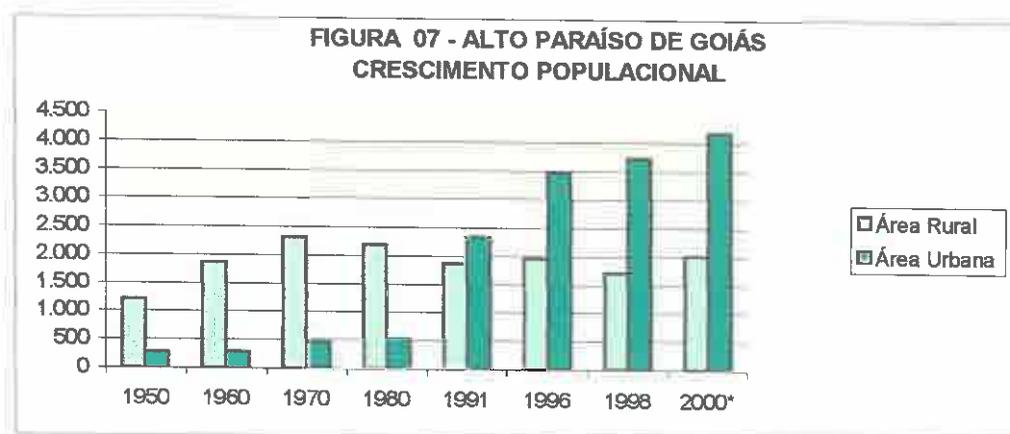
Na década de 90 o crescimento populacional se intensificou, o que pode ser observado na tabela abaixo. Entretanto, a comparação entre o período de 1970-1980 evidencia que a população sofreu um decréscimo na ordem de 2%. E no período de 1991-1996 ocorreu um acréscimo de 29% da população.

TABELA 03 - CRESCIMENTO POPULACIONAL

	1950	1960	1970	1980	1991	1996	1998	2000*
População Total	1.473	2.147	2.775	2.725	4.193	5.414	5.432	6.173

Fontes: ISPN , 1999: 25. / *IBGE, 2000

Atualmente tem-se observado uma inversão na população: na área rural tem ocorrido um “esvaziamento”, pois os moradores dessa região migram para a cidade e provoca intenso crescimento populacional na área urbana. No período de 70/80 a população, que era de 80 % na área rural, passou no período de 91/96 a ser de apenas 34% em relação a população urbana, o que pode ser visto na Figura 07 a seguir.



Fontes: ISPN , 1999: 25. / *IBGE, 2000

O crescimento da população urbana e, notadamente, o aumento expressivo da população, demonstra que houve uma dinâmica territorial intensa a partir da década de 90 e, a atividade do turismo pode ter sido uma de suas promotoras.

A intensificação do fluxo de pessoas, principalmente de Brasília, ocorreu por causa do turismo no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, pelo





IBAMA, no início da década de 90. A regulamentação da obrigatoriedade de condutores durante a visita ao Parque desencadeou a organização sócio-econômica da comunidade de São Jorge. Isso provocou a alteração da realidade dos moradores deste povoado pois a percepção ambiental deles se transformou. Os que sobreviviam com a exploração mineratória do quartzo passaram a promover a conservação da paisagem original visando atrair visitantes e, assim, obter renda com o trabalho da “guiagem”.

Além da representatividade do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros no desenvolvimento do turismo em Alto Paraíso de Goiás, o aspecto místico-esotérico do município, representado por seitas religiosas, tem desempenhado papel importante no território. A atividade do turismo foi dinamizada principalmente pelo fluxo de visitantes atraídos pelas práticas “alternativas”. Dentre as seitas mais expressivas pode-se citar os Cavaleiros de Maytréia, os adeptos de Saint Germain que construíram as Cúpulas e os seguidores de Osho¹¹.

As ONGs, também têm desempenhado seu papel “na defesa do patrimônio natural da Chapada dos Veadeiros”. Elas são representadas, principalmente pelas: ACV-CV (Associação dos Condutores de Visitantes da Chapada dos Veadeiros), ASJOR (Associação Comunitária da Vila de São Jorge), além de uma de caráter internacional, a WWF (Fundo Mundial para a Natureza).

A contextualização do turismo em Alto Paraíso de Goiás é tema do próximo capítulo, no qual são apontados os principais atrativos turísticos e algumas ações que tem proporcionado mudanças de percepção ambiental no que diz respeito ao turismo. É feita uma discussão sobre os guias da chapada e sobre as comunidades místico/esotéricas. Levanta, ainda, a discussão sobre os principais projetos e a política do turismo que vem sendo adotada nos últimos dez anos, e como isso tem contribuído para a sustentabilidade da atividade em todos os níveis, discutidos no primeiro capítulo.

¹¹Siqueira &Bandeira, 1998.



"Com o suor do teu rosto comerás o teu pão (Gênesis: 3,9) disse o Criador a Adão, antes de expulsá-lo do jardim do Éden. Desde então, o homem com perseverança e constância continua insistindo em retornar ao paraíso(...) O que é o paraíso? Onde está localizado? As opiniões são múltiplas e divergentes. Cada ser humano tem uma concepção sobre shangrilá, o lugar das delícias. Todavia, se há um traço comum entre a humanidade é o da travessia do portal do paraíso para viver a boa vida (nesta e noutra dimensão). A busca continua..." (Mello, 1993:39)



Figura 08. Saltos de 80 e 120 m do rio Preto

CAPÍTULO III

"Até pouco tempo, nós, nativos vivíamos como que, hipnotizados, sem olhar ao redor, toda essa beleza, que nos cerca silenciosamente, e permitimos com nossa pureza e simplicidade que estranhos descobrissem nossas riquezas; beleza, ar puro, águas limpas, gente simples e a transformasse na 'Capital do Terceiro Milênio', no 'Chacra Cardíaco do Planeta'. Recebemos esses visitantes que não cessam de chegar, gente de todo lugar, místicos, esotéricos, espiritualistas, preservacionistas, que procuram sobreviver a uma catástrofe que dizem afundar o planeta. Muitos nativos não entendem nada disso, não discutem, não se misturam, não interferem, deixando apenas que desfrutem de tudo, que a natureza oferece e que um dia manteve-se em silêncio, como que guardando para aconchegar com carinho à todos que por aqui passem." (Texto: Maricélia Paullino 1990 - professora do primário do Colégio Municipal de Alto Paraíso de Goiás)

3. ADENTRANDO NO PARAÍSO

Que mistérios, que características, que paisagens possuem o município de Alto Paraíso de Goiás capazes de exercer fascínio sobre aqueles que o visitam? Estes questionamentos permeiam todo esse trabalho, sem que contudo se possa garantir ao leitor que eles serão respondidos satisfatoriamente.

O turismo em Alto Paraíso de Goiás é o tema central deste capítulo, no qual são feitas uma análise dos atrativos mais visitados e uma discussão sobre as ações políticas e sociais com a atividade turística.

Dentro do contexto turístico de Alto Paraíso de Goiás, há mais de 123 atrativos catalogados¹, incluindo cachoeiras, mirantes, quedas d'água e demais pontos turísticos sendo que, destes, apenas 15, aproximadamente, recebem intenso fluxo turístico. Os atrativos de maior número de visitas são em primeiro lugar Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e em seguida o Vale da Lua. O fluxo turístico é maior no povoado de São Jorge², por concentrar nas suas proximidades a maior parte dos atrativos mais visitados. Diante deste quadro, tem ocorrido uma intensa apropriação do território pelo turismo e as implicações ambientais são notórias. O município caracteriza-se por um ambiente frágil, constituído de várias nascentes, campos úmidos, veredas, campos rupestres, matas ciliares, locais preferenciais para a ocupação turística, especialmente onde há quedas d'água.

Visando compreender a realidade turística, são apontados a seguir os principais atrativos turísticos, levantados durante as pesquisas de campo, numa tentativa de delimitar o território do turismo em Alto Paraíso de Goiás. Em seguida é realizada uma discussão sobre os guias e os místicos/esotéricos, além dos principais projetos e políticas que vêm sendo desenvolvidos nos últimos dez anos no município.

¹ Secretaria de Turismo e Meio Ambiente do Município de Alto Paraíso de Goiás. 2000.

² Dados levantados em Trabalho de Campo no período de fevereiro a novembro de 2000.



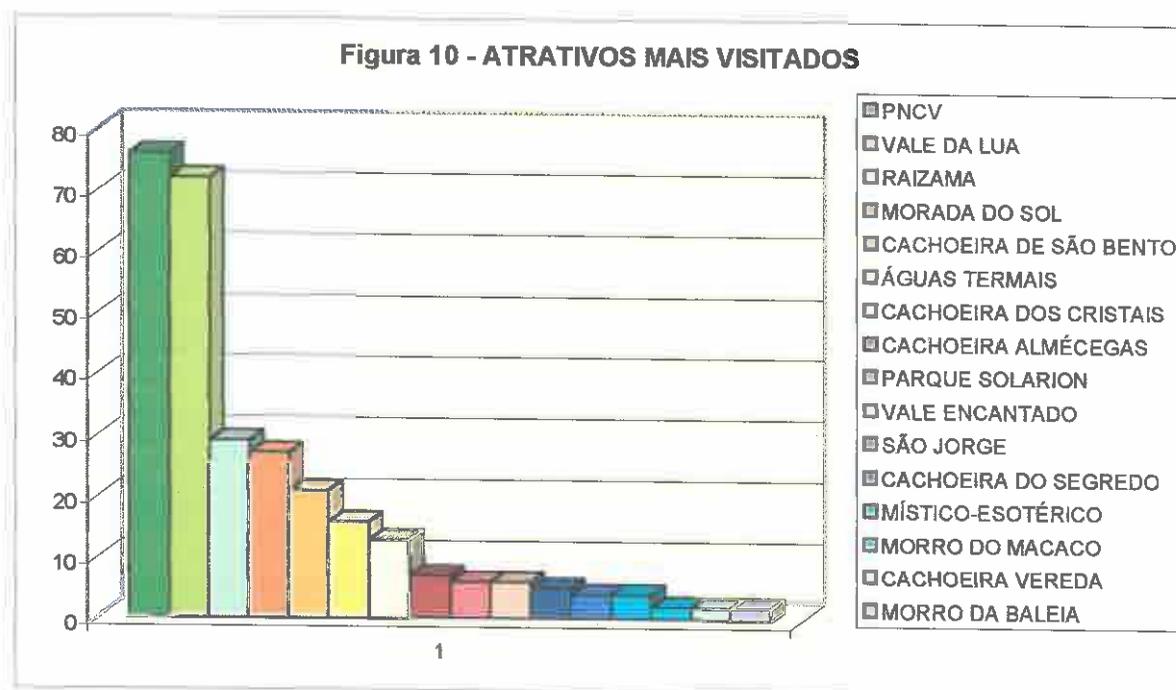
3.1. ATRATIVOS TURÍSTICOS

O atrativo, a motivação, é o “ponto chave” para a estruturação do turismo. O que os olhos alcançam vão além da visão: é o sentir, o cheiro, a paisagem cultural. A “construção” do “Paraíso” se fundamenta nesse processo do olhar, do se encantar, por vezes induzido pelo mercado turístico (Figura 09)



Figura 09. vista da Chapada dos Veadeiros

Os atrativos descritos concentram-se em três áreas turísticas (Moinho, Cidade de Alto Paraíso e São Jorge) o que pode ser observado abaixo, na Figura 10 - atrativos mais visitados, levantamento que se deu tanto com moradores quanto com turistas durante as pesquisas de campo e na Figura 11 - mapa principais atrativos.



Fonte: Trabalho de campo, (julho 1999, agosto e setembro de 2000)

Figura 11. MAPA DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS
Atrativos Turísticos

LEGENDA

- Especificação (atributo forma)
- Sítio Arqueológico / Outros
- Mirante
- Cachoeira / Salto
- Visitação (atributo cor)
- É visitado / Não paga taxa
- É visitado / Paga taxa
- Infra-Estrutura (atributo forma)
- Rodovia
- Estrada
- Caminho
- Limite do Município
- Cidade
- Demarcação
- Limite do Parque Nacional de Chapada dos Veadeiros

ATRATIVOS TURÍSTICOS

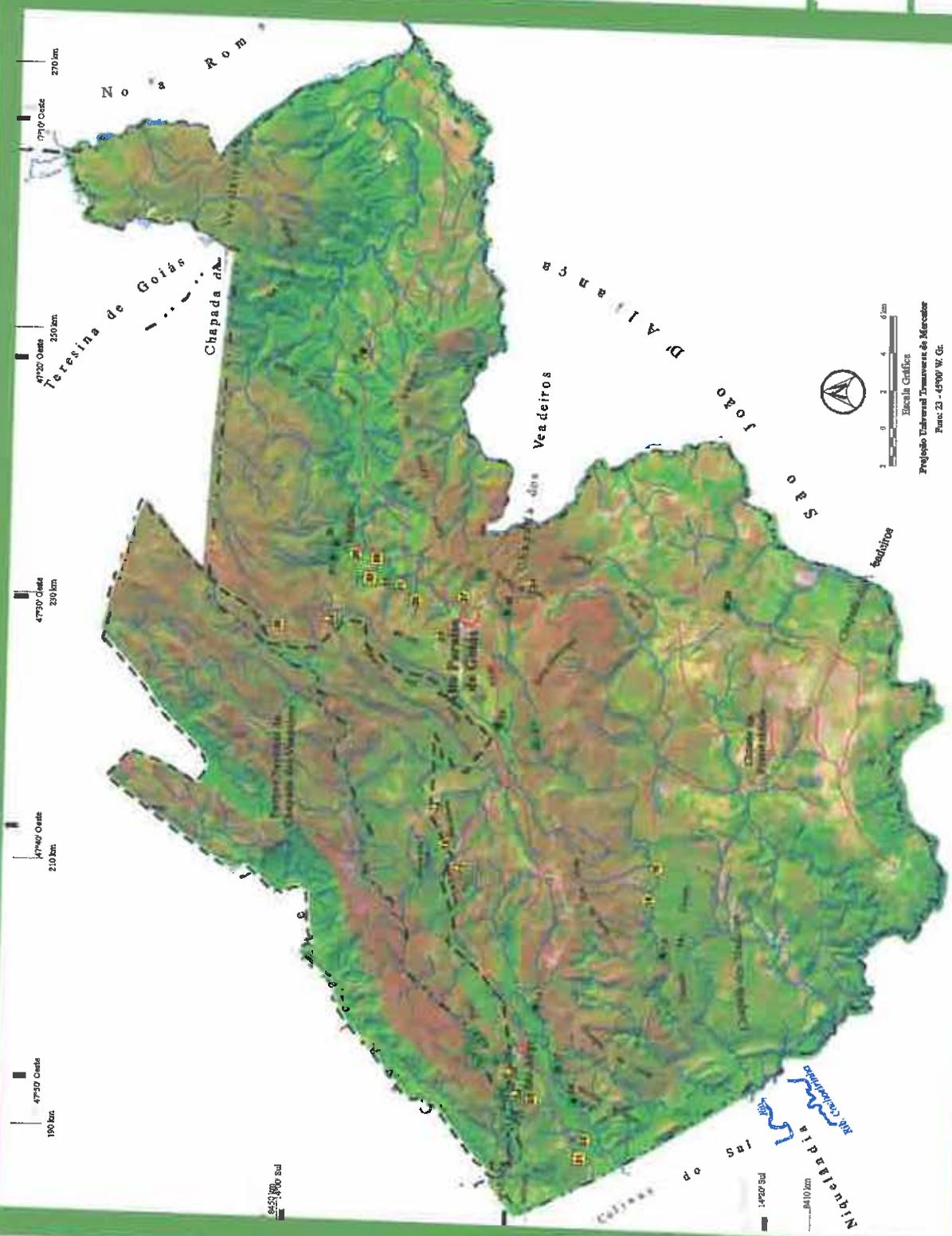
01. Sítio Arqueológico de Pedra Escrita
02. Cachoeira do Cor. Paquetao
03. Cachoeira do Abilmo
04. Mirante dos Salões do Rio Preto
05. Cachoeira de Moraes do Sol e Vale das Andorinhas no Rio São Miguel
06. Salto do Rio Preto I e II
07. Salto do Rio Preto III
08. Mirante do Mandala no caminho Arará
09. Cachoeira de Cor. Roibovestinha
10. Cachoeira das Catiças
11. Cachoeira de Campyon II
12. Cachoeira de Campyon I
13. Cachoeira de Vale da Lua
14. Cachoeira do Cor. São Pedro/Bocaina de Lua
15. Salto e Cataratas do Rio das Coures
16. Mirante do Jardim Mayra
17. Mirante do Jardim Mayra
18. Mirante do Jardim Mayra
19. Cachoeira do Cor. Alimécaga II
20. Cachoeira do Cor. Alimécaga I
21. Cachoeira São Bento
22. Mirante - Aeroporto
23. Mirante do Monumento Nacional
24. Mirante do Monumento Nacional
25. Mirante do Monumento Nacional
26. Mirante do Monumento Nacional - Cor. Jacó
27. Cachoeira de Uirana
28. Parque Nacional Faz. Hotel Branco e suas Áreas
29. Cachoeira das Loquinhãs
30. Cachoeira do Cor. Cristal
31. Salto do Cor. Água Fria
32. Salto do Cor. Água Fria
33. Salto do Cor. Água Fria
34. Mirante de Arina
35. Restos do moinho de trigo da Faz. Campo do Meio
36. Cachoeira do Tico
37. Cachoeira do Arcejo
38. Cachoeira do Anjo
39. Mirante do Campo de Cachoeira do Rio Mercado
40. Mirante do Ilmo São Antônio

FONTES DO MAPA :

IBGE - Atualizado Abril/90.
 Folha Topográfica - DSG - 1976 - Esc. 1:100.000
 Imagem de Satélite LANDSAT TM - 5 RGB 5/4/3 agosto de 86
 Projeto PED / Projeto Veadeiros - Inventariedade Oficina Turística - Grupo Nativa, 1987

ELABORAÇÃO DIGITAL :

Wagner Rodrigues - Geógrafa
 LOCALIDADE:
 Goiânia, abril de 1988



Escala Gráfica
 0 2 4 6 km
 Projeção Universal Transversa de Mercator
 Escala 23 - 45900 V. G.

3.1.1. Cidade de Alto Paraíso – apresenta infra-estrutura para recebimento de turistas como pousadas, restaurantes, bares e lanchonetes. Para muitos turistas é o lugar de terapias espirituais. Basta uma pequena caminhada e logo se encontra um cartaz anunciando algum tipo de terapia místico-esotérica. Ultimamente têm

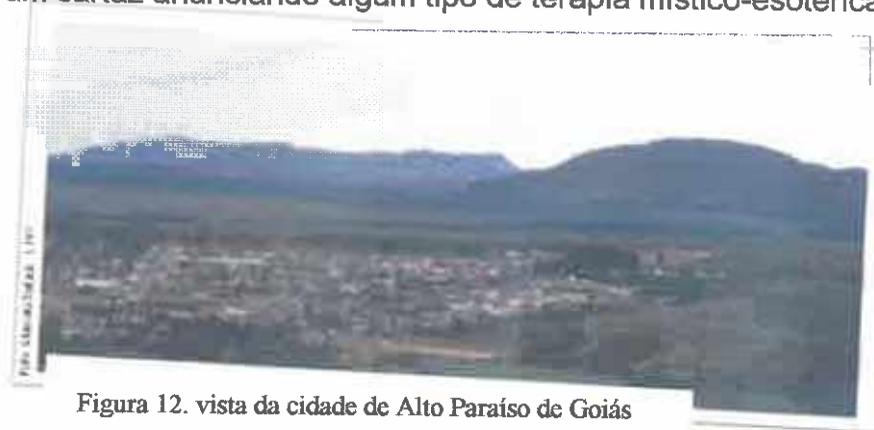


Figura 12. vista da cidade de Alto Paraíso de Goiás

sido implementados pelo prefeito da cidade o turismo cultural. (Figura 12)



Figura 13. Povoado de São Jorge

3.1.2. Povoado de São Jorge – está situado próximo ao Parque, a 35 km de Alto Paraíso de Goiás (Figura 13). Predomina o turismo ecológico ou ecoturismo; no entanto, além dos “amantes da natureza”, há ainda os “urbanos” que

transformam o povoado no palco da agitação noturna nos

feriados prolongados e finais de semana. Há vários bares, pizzarias, etc., com destaque para o “bar do Pelé”, o ponto de encontro dos turistas. As pousadas requintadas em contraste com as áreas de camping, tornam o povoado um lugar peculiar.

3.1.3. Povoado de Moinho – está situado a 12 km de Alto Paraíso, pela GO-327 em direção a Nova Roma (Figura 14). É famoso pela sua história, pelos doces caseiros de frutas dos quintais e, finalmente, por ser a entrada para o Parque

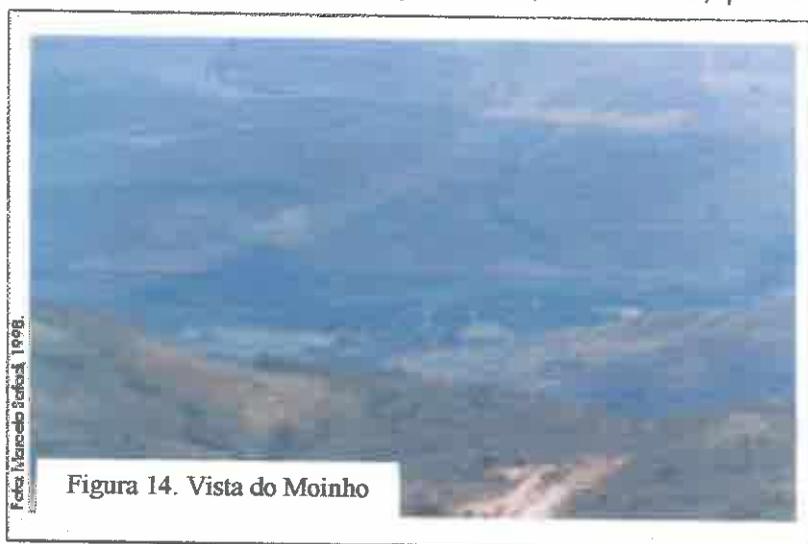


Figura 14. Vista do Moinho

Solarion, atrativo preferencial para os místico-esotéricos. Nele não há estrutura de hospedagem e as condições de recebimento de turistas são precárias. A população, em sua maioria, é formada por

pequenos lavradores que trabalham em “sistema de meia”, na região do “boqueirão”, prática centenária no município.

Os primeiros documentos do Moinho que constam no histórico do município de Alto Paraíso de Goiás, relatado no Plano Diretor (1998), apontam Antônio Pinto de Castro o introdutor da cultura de trigo em Veadeiros, no século XVIII, numa localidade denominada Moinho, primeiro lugar na chapada onde foi construído um monjolo destinado ao beneficiamento deste cereal. O Sr. Edson, encarregado do Parque Solarion, ainda tem em seu quintal, restos do referido monjolo.

O Moinho está situado às margens do Rio São Bartolomeu num grande vale aberto entre os “contra-fortes” da Serra Geral do Paranã e a Serra da Água Fria. Nos seus “morrotes” arredondados e nos campos férteis da baixada, hoje há pastos e lavouras, no passado havia campos de trigo (Atuch, 1997).

A ocupação dos “alternativos – Rumo ao Sol” vindos do Rio de Janeiro no final da década de 70, foi marcante no Moinho, um ambiente tranquilo, com pouca movimentação turística e com as influências da região do sertão.



3.1.4. Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros está situado entre os municípios de Alto Paraíso de Goiás e Cavalcante, distando de Brasília 248 km e de Goiânia 450 km, em pleno domínio dos cerrados de altitude. O acesso se dá pela Rodovia BR 010 saindo



Figura 15 – Salto de 120 m



Figura 16 – Salto de 80 m

de Brasília até a GO-118, passando por São Gabriel e São João D'Aliança até a sede do Município ou pela GO-327 que liga Alto Paraíso a Niquelândia, passando por Colinas do Sul e pelo lago da UHE de Serra da Mesa.

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros³ é um dos símbolos que fundamentam o turismo em Alto Paraíso de Goiás e se encontra em bom estado de conservação o que pode ser atribuído às normas de visitação estabelecidas pelo IBAMA, especialmente no que diz respeito à obrigatoriedade do guia durante a visita.

No Parque é possível praticar atividades como caminhada e banho de cachoeira, sendo que as trilhas são longas e, em sua maioria, de difícil acesso.

³ O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros teve sua origem em 11 de janeiro de 1961 pelo Decreto-Lei nº 49.875, sob o nome de Parque Nacional do Tocantins, com 625.000 hectares, englobava então uma vasta região do Centro-Oeste de Goiás, desde o Rio Tocantinzinho ao sul, subindo pela margem direita do Rio Tocantins até a confluência com o Ribeirão São Félix. O Parque seguia até Veadeiros, atualmente Alto Paraíso de Goiás. Houve contudo, uma redução drástica do Parque, primeiramente para 171.924 hectares, deixando fora de seus limites o ponto culminante do Estado de Goiás, na Serra do Pouso Alto, com 1676 m de altitude. Em 11 de maio de 1972, pelo Decreto-Lei nº70.492 o Parque passa a denominar-se Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, e através do Decreto-Lei nº 86596 de 17 de novembro de 1981, a área foi redelimitada para aproximadamente 63.000 hectares, ou seja, cerca de 10% da área originalmente proposta. (IBAMA, 1995).





O Parque possui quatro pontos de visitação divididos em dois roteiros de caminhada, numa área de 11 km

próximos à portaria do IBAMA, no povoado de São Jorge. O primeiro roteiro é o dos saltos do Rio Preto, representados pelos saltos de 120 (Figura 16) e 80 m (Figura 15), o segundo é do "Canyon 2" (Figura 17) e das "cariocas" (Figura 18). Há

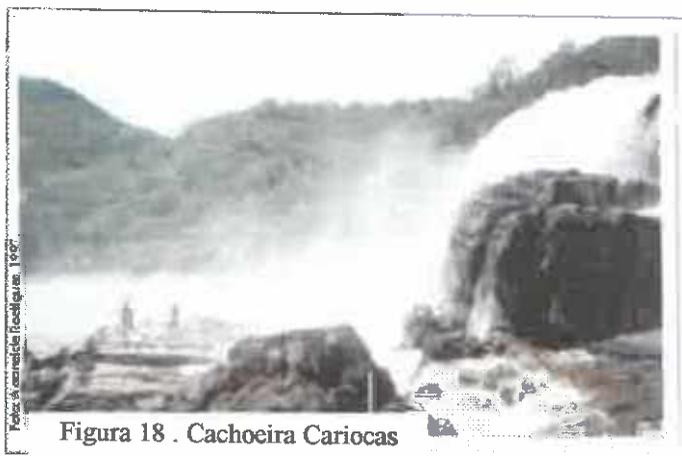


Figura 18 . Cachoeira Cariocas

também mirantes como o "Jardim de Maytreia", visto na capa do Capítulo 2 (Figura 03), a Serra da Baleia entre outros.

São longos caminhos (Figura 19), que passam por ambientes de campo rupestre, campo cerrado, campos úmidos, cerrados de altitude, veredas e toda uma exuberante e exótica paisagem conservada. O Parque é o maior e mais representativo atrativo do município (Figura 20).



Figura 17. Canyon II

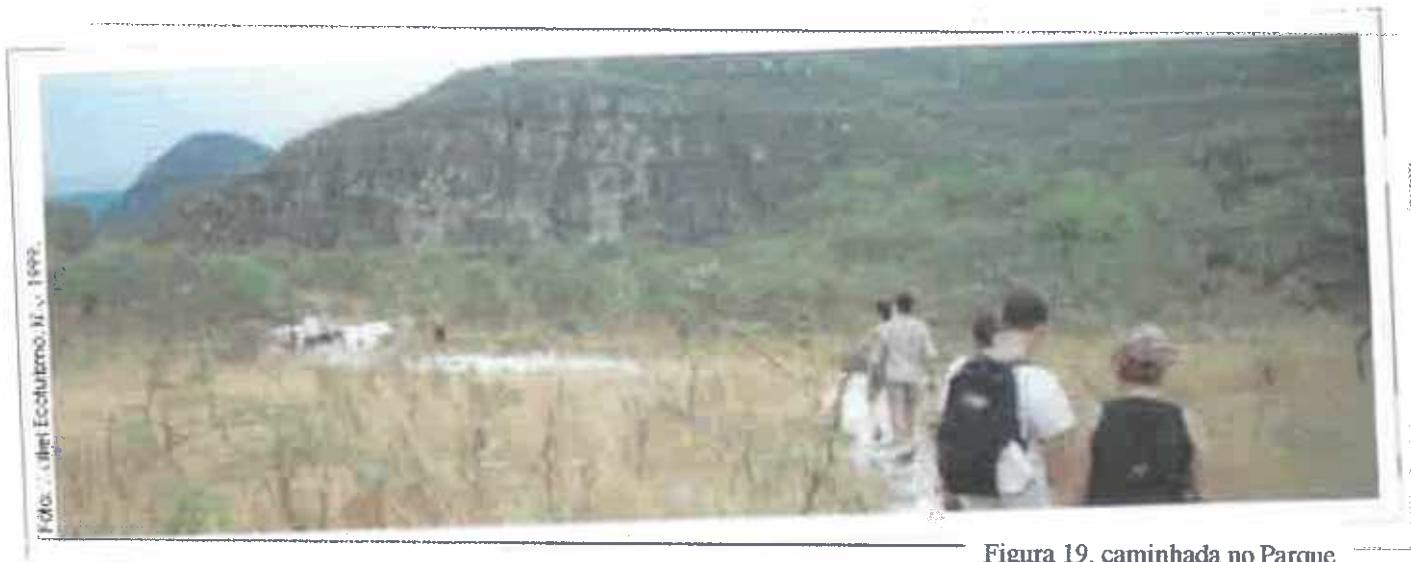


Foto: Instituto de Ecologia Evolutiva e Funcional, 1999.

Figura 19. caminhada no Parque



Foto: Instituto de Ecologia Evolutiva e Funcional, 1999.

Figura 20. vista dos Saltos de 120 e 80 m do rio Preto

3.1.5. Vale da Lua – situado no Rio São Miguel, a aproximadamente 10 km de



São Jorge, é o segundo atrativo mais visitado (Figura 21), devido à facilidade de acesso e à proximidade com o Parque. Um lugar peculiar, apresentando trilhas com declive baixo e escarpas erosivas no entorno (Figura 22), e o fundo de vale que possui formação rochosa de metamorfismo de rochas

areníticas sedimentares.

De acordo com Dardenne & Campos, 2000, a área corresponde a uma seqüência de corredeiras e estruturas tipo caldeirões presentes ao longo do leito do Rio São Miguel. Litologicamente é composta por paraconglomerados de matriz cinza-esverdeada com seixos flutuantes correlacionados à base do Grupo Paranoá. Os grandes caldeirões e marmitas observados são resultantes da atividade fluvial causando a dissolução do material carbonático presente tanto na matriz como nos clastos dos conglomerados. A sedimentação desta unidade está relacionada a leques aluviais de clima semi-árido com deposição dominada por processos de fluxo de detritos subaéreos.



Figura 22. Paredão do vale do rio São Miguel



Figura 23. vale do rio São Miguel

3.1.6. Espaço Infinito Raizama - situado a 3 km de São Jorge, possui trilhas que passam por ambientes semelhantes ao do Parque. Localizado dentro do Vale do Rio São Miguel, (Figura 23) com quedas d'água e piscinas naturais (Figura 24) que propiciam um certo "isolamento" ao visitante.

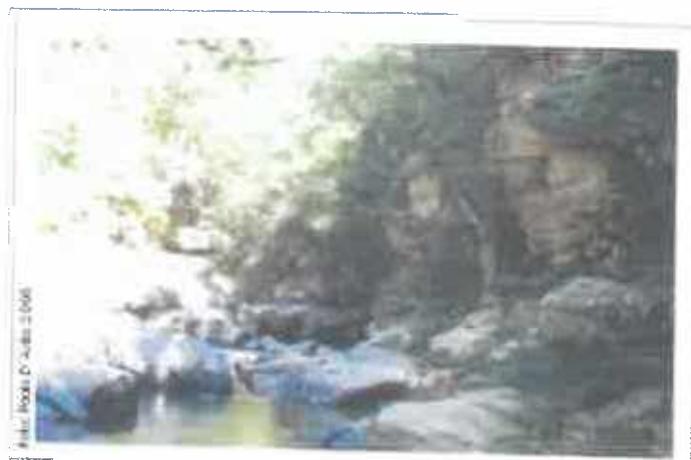


Figura 24. piscina natural

3.1.7. Morada do Sol – próximo a São Jorge, é um lugar tranquilo, com piscinas d'água e uma mata fechada que fica perto da área de banho. É, também, muito freqüentado pelos moradores do povoado de São Jorge, preferencialmente daqueles que estão acompanhados de crianças. A incidência solar



Foto: Arlene 2.001.

Figura 25. Morada do Sol

aí é mais constante que nos demais atrativos o que justifica o seu nome (figura 25).

3.1.8. Águas Termais – localizado a 12 km de São Jorge em direção a Colinas

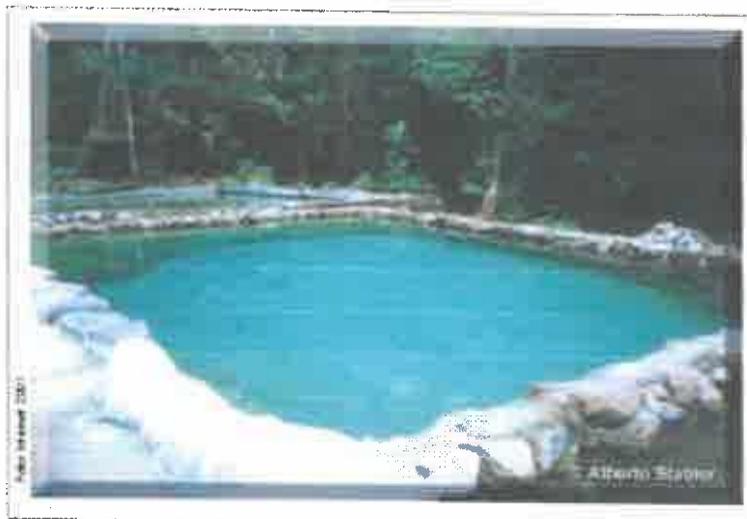


Figura 26. Piscinas águas termais

do Sul, na margem direita da GO-327. O lugar é formado por piscinas (Figura 26), construídas para reter a água quente que ressurge do chão. É uma particularidade muito procurada no município, dadas as atribuições terapêuticas da água.

3.1.9 Cachoeira de São Bento – situada a 5 km da cidade de Alto Paraíso, no

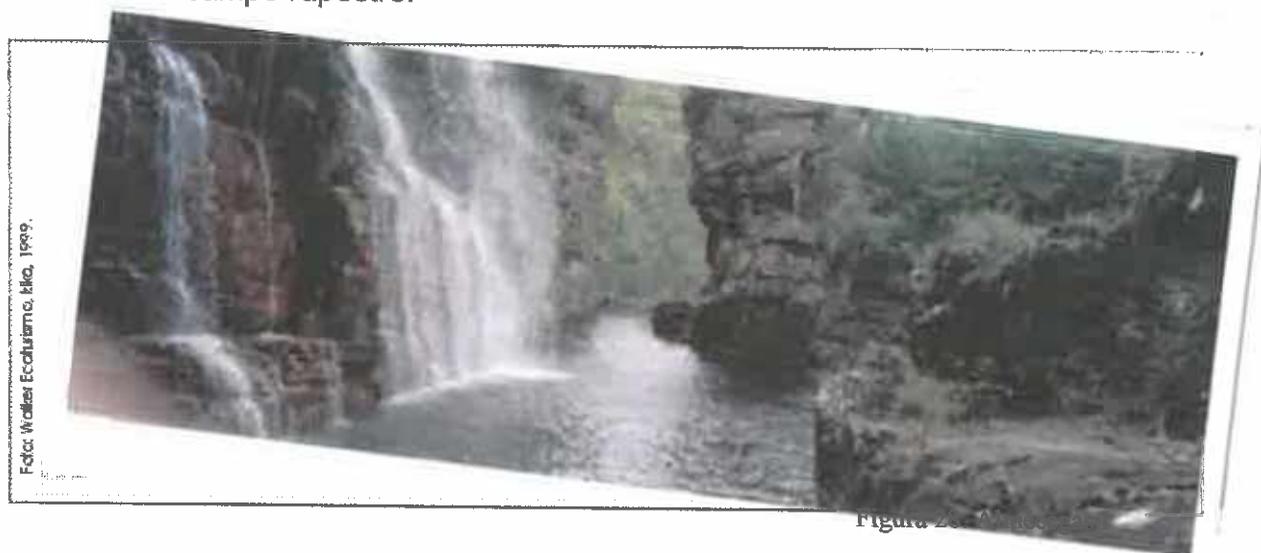
Rio dos Couros, à margem direita da GO-327 em direção a São Jorge é de fácil acesso e muito procurada pelos moradores da cidade. É formada por uma piscina natural de grande profundidade e queda d'água de aproximadamente 20 metros (Figura 27). Está situada na divisa entre a propriedade de São Bento e a propriedade Portal da Chapada.



Figura 27. Cachoeira de São Bento

3.1.10. Portal da Chapada - situado na divisa da Faz. São Bento, tem como principais atrativos a cachoeira de São Bento e as trilhas suspensas de madeira (atrativo construído) que passam por diversificados tipos de vegetação da região da Chapada dos Veadeiros, como mata ciliar, campo úmido, cerrado de altitude, campo rupestre e campo cerrado.

3.1.11. Almécegas I – Atrativo da Pousada São Bento, é de fácil acesso e está situada a 6 km. O acesso se dá carro até alguns metros da cachoeira. A cachoeira Almécegas I possui aproximadamente 100 m de queda d'água, um efeito de diversas quedas, como um "véu de noiva" (Figura 28), localizada em ambiente de campo rupestre.



3.1.12. Almécegas II - Há ainda nas suas proximidades canyons entrecortado pelo Rio dos Couros e pelo Córrego Almécegas. A cachoeira Almécegas II (Figura 29) apresenta paredões e piscina natural com água cristalina, onde é possível observar a fauna aquática e as rochas no fundo do rio.

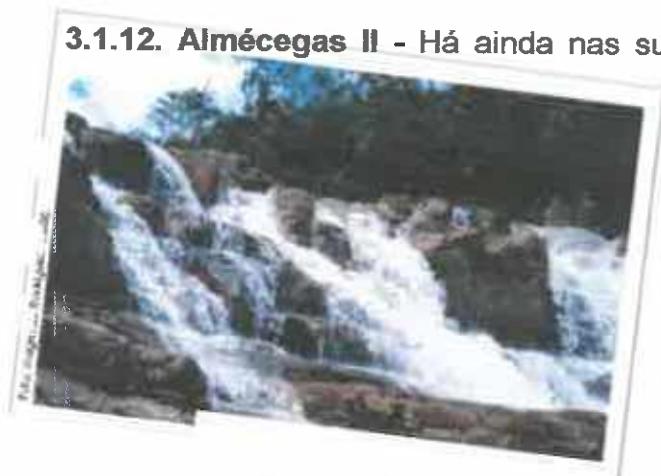


Figura 29. Cachoeira Almécegas II

3.1.13. Cachoeira dos Cristais – situada a 2 km da cidade de Alto de Alto Paraíso. É muito freqüentada pelos turistas e, também, pelos moradores por causa da facilidade de acesso e a proximidade da cidade.

3.1.14. Pouso Alto – situado a 10 km da cidade de Alto Paraíso, em direção à Teresina de Goiás na margem direita da GO-118, é o ponto culminante do Planalto Central, com cota de 1691 m de altitude. Não é visitado enquanto atrativo

pontual, mas é um dos grandes símbolos da comercialização dos atrativos turísticos do município.

3.1.15. Aeroporto – foi construído na época do Projeto de INDUR, no governo Ary Valadão, em 1979. Está situado a 2 km da cidade de Alto Paraíso, possui uma pista ampla já próxima ao limite do Parque. Nele pode ser observado o pôr-do-sol e são realizadas terapias místico-esotéricas. De acordo com o senso comum o lugar é um “discoporto”. É possível ter de lá uma visão ampla do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, e também observar serras como a da “Baleia”, do “Buracão”, da “Conceição”, e a região da Serra do Paranã em direção ao Moinho.

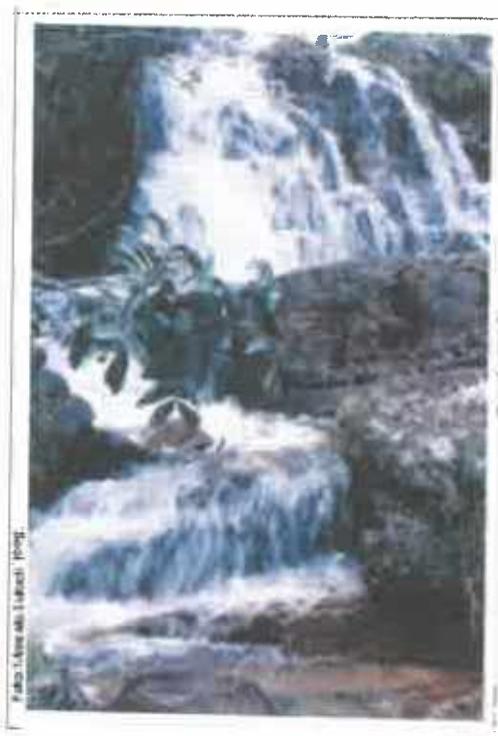


Figura 30. Cachoeira dos Anjos

3.1.16 – Solarion – situado a 500 m do povoado do Moinho, possui áreas de camping e chalés e, até 1998, recebia grande fluxo turístico para terapias de grupos esotéricos. Nesta propriedade existem duas cachoeiras, a dos “Anjos” (Figura 30) e dos “Arcanjos”, além de piscinas naturais ao longo do Rio São Bartolomeu. Há ainda trilhas para os que apreciam caminhadas em diferentes ambientes do Cerrado, especialmente o Cerrado de Altitude. Observa-se, no lugar uma diferenciação na prática do turismo em relação ao Parque, devido a sua característica esotérica e a sua proximidade com o povoado do Moinho.

3.1.17. Loquinhas – nascente do córrego Passa Tempo, é um ambiente frágil, pouco divulgado e restrito a grupos esotéricos (Figura 31).

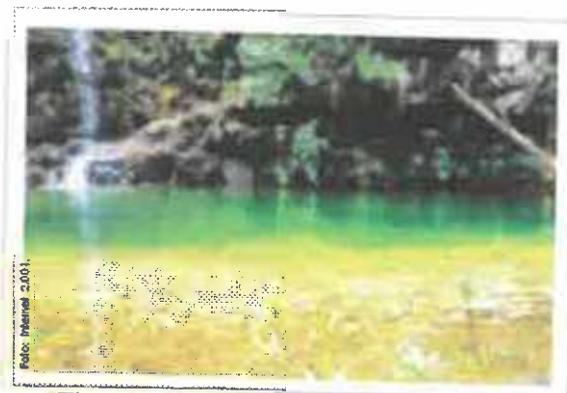


Figura 31. Loquinha:



3.1.18. Região do Sertão – é a região cortada pela estrada em direção à Nova Roma e pelo rio São Bartolomeu em sua fase de maior volume d'água. Não possui fluxo turístico, porém já há algumas especulações em torno de visitas e descobertas de atrativos. Nela é possível observar a diferença de altitude de 1200 m próximo à cidade de Alto Paraíso, para 600 m na Fazenda Murici, um declive considerável constituindo uma paisagem de raríssima beleza (Figura 32).



Figura 32. vista do Sertão

Os atrativos se concentram ao longo do Vale do Rio São Miguel e do Rio dos Couros, ao longo da GO-327 em torno do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. O território turístico é caracterizado por uma paisagem composta por altos declives, ora uma superfície plana, ora ondulada, constituídos por “mesetas”, escarpas erosivas e, fundos de vale ao longo do curso dos rios. Nele as altitudes são mais elevadas e o clima com temperaturas mais amenas e, a cobertura vegetal apresenta-se preservada.

Os atrativos possuem significados às vezes míticos, associados à história do lugar ou a fenômenos geográficos e se tornam o símbolo da região. Sua singularidade está presente na pluralidade dos lugares unidos pelo turismo. A atividade turística se sustenta nesse universo imaginário, se apropria e/ou cria lugares (Almeida, 1998). Estes são formados pelos atrativos e constituem território do turismo dentro do território político administrativo de Alto Paraíso.

Para o planejamento da atividade turística a delimitação e a análise da capacidade de carga turística é de fundamental importância na tomada de decisão quanto à viabilidade de implantação do turismo na área em relação ao número de visitantes e os custos ambientais que acarretam.

No item a seguir, “contatos com o alto”, é realizado um levantamento das principais ações no município frente ao turismo e como as mesmas visam a sustentabilidade da atividade turística em todos os níveis.





3.2. CONTATOS COM O ALTO

O território de Alto Paraíso de Goiás é complexo, contraditório e composto por diversos e divergentes agentes sociais que constituem uma paisagem peculiar. Há o lugar do “bicho grilo”, do fazendeiro tradicional, do místico-esotérico, do “turista acidental”, da dona de casa, do lavrador, do mecânico, do Sr. Antônio, da Dona Flor e de tantos outros...

Há também o lugar dos que organizam o turismo e dos que realizam essa atividade. Os organizadores são representados pelos agentes sociais, que são os governamentais, formados pelos órgãos federais, estaduais e municipais, e, os não-governamentais, representados pela iniciativa privada, associações comunitárias e proprietários de agências de viagens. Além desses, é a complexidade deles que fazem de Alto Paraíso de Goiás um lugar de destaque na Região da Chapada dos Veadeiros.

O processo de estruturação cultural é dinâmico e constante. Nele, o contato com o “estranho” é a essência da dinâmica estabelecida. Esse contato também é fundamental para o turismo.

De acordo com Barbosa (1999), é possível diferenciar três grupos sociais em Alto Paraíso: o grupo dos ambientalistas classificado em três subgrupos: os ecoturistas, os alternativos e os conservacionistas; o grupo dos nativos classificado em: grandes fazendeiros, pequenos proprietários e meeiros e os garimpeiros; e finalmente, o grupo dos místico-esotéricos classificado em duas orientações: os de doutrinas Orientais e os da Grande Fraternidade Branca.

A heterogeneidade desse contexto social se explica pelo fato de haver concepções de mundo diferentes e tempos históricos diacrônicos. Na cultura local observa-se, de um lado, o “nativo” da região e de outro, os “alternativos” que imigraram principalmente a partir da década de 1990. Existem ainda, os recentes turistas que viraram moradores, os ambientalistas, os políticos de famílias tradicionais. Esses agentes formam um “caldeirão” de idéias, de intenções que estabelecem uma identidade singular em Alto Paraíso de Goiás.

Os agentes do turismo de caráter governamental são representados pela Secretaria de Meio Ambiente e Turismo no CAT (Centro de Atendimento ao Turista) e pelo IBAMA, no Parque; em seguida, os não governamentais,



representados pelas associações comunitárias e pelas ONGs como o WWF e GAMA e pela iniciativa privada como os donos de hotéis, pousadas e similares, donos de comércio em geral e donos dos atrativos. Um dos agentes do turismo em destaque são os guias turísticos, pois trabalham diretamente com o recebimento aos turistas, desempenhando papel de educador e orientador na região.

3.2.1. Os Guias da Chapada dos Veadeiros

São Jorge¹ se originou a partir da mineração de cristal de quartzo no início do séc. XIX. Após a 2ª Guerra Mundial, na década de 50, com o aumento da procura por esse mineral para a fabricação de material bélico, ocorreu uma intensa exploração do quartzo na região². A decadência da atividade extrativista ocorreu logo após a década de 50 e São Jorge começou a se estruturar com a emergência do turismo ecológico, somente a partir da década de 80. Esse movimento se deu quando pequenos grupos vindos de Brasília começaram a acampar no povoado, o que provocou o surgimento de pequenos restaurantes, pousadas, áreas de camping.

Com o turismo ecológico, o quartzo, que era explorado, passou a ser um símbolo do lugar. Os guias, que eram mineradores, alteraram a sua percepção ambiental e passaram a ser os defensores da chapada.

Um dos pontos marcantes para a estruturação econômica de São Jorge ocorreu no final da década de 80 com a intervenção do IBAMA, de Brasília, que estabeleceu regras de funcionamento do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. A regulamentação estabeleceu a obrigatoriedade da presença do guia na visita aos atrativos do Parque e deu início a formação da Associação dos Condutores de Visitantes da Chapada dos Veadeiros (ACV-CV). Hoje esta atua

¹Folheto Informativo, IBAMA, 1995

² “Os primeiros registros sobre a existência do atual distrito de São Jorge, indicam que o mesmo foi criado em 1912, sendo constituído inicialmente por um acampamento de garimpeiros cognominado de Garimpão. A exploração de cristal de rocha provocou um aumento gradual de moradores transformando-o no povoado que passou a ser conhecido por Baixa dos Veadeiros, conforme registro paroquial. Posteriormente foi renomeado para Vila de São Jorge, por iniciativa do garimpeiro Severiano da Silva Pires. (...) O distrito de São Jorge foi criado pela Lei Municipal Nº 499/96 de 06 de dezembro de 1996 (...)” (Plano Diretor Ambiental, 1998:25)





juntamente com outra associação, a SERVITUR, e tem sido exemplo para muitas Unidades de Conservação no Brasil que recebem visitantes.

A Associação dos Condutores de Visitantes da Chapada dos Veadeiros (ACV-CV) surgiu no ano de 1991, iniciando o processo de capacitação e inserção da população local na atividade turística do município. Assim,

“a partir de 1990, com a mudança da diretoria do Parque, e estabelecimentos de regras de visitação, iniciou-se o processo de constituição da Associação, regulamentando a função dos guias. Em 1991 houve a primeira reunião para a criação da Associação que no início contava com 22 guias...atualmente há 155 guias, sendo que há um alto índice de escolaridade baixa.”³

Os guias da chapada orientam os turistas e suas atribuições vão desde a educação ambiental até o atendimento em primeiros socorros. O trabalho do guia no processo de conservação da paisagem é considerável devido o seu caráter informativo e de vigilância, pois *“os lugares estão conservados, o trabalho do guia ajuda muito, é de caráter informativo, há o exemplo das trilhas do Raizama e do Parque, exemplo de conservação”*⁴, a limpeza dos lugares é garantida pela tarefa de vigilantes pelos guias pois é notável que *“a obrigatoriedade de guiagem torna o Parque mais limpo e conservado, em comparação ao Vale da Lua, que está sujo.”*⁵

Observa-se que a presença do guia na visitação tem favorecido a conservação da paisagem por promover a educação ambiental, evitando que os turistas deixem lixo e se desviem das trilhas. Além disso, os guias que conhecem a fauna e a flora da região chamam a atenção do turista para a riqueza do cerrado.

Foi criada no ano de 2000 a Associação de Guias e Prestadores de Serviços em Ecoturismo da Chapada dos Veadeiros (SERVITUR), com regulamento diferenciado em relação à primeira Associação.

Para serem incorporados à SERVITUR, os guias devem ter 2º grau completo e não têm que, necessariamente, residir no município de Alto Paraíso de Goiás há pelo menos 2 anos, como os das ACV-CV.

³ Sassá, Alto Paraíso, fevereiro de 1999.

⁴ Jaqueline, 31 anos, Papalua lanches, São Jorge, setembro de 2000.

⁵ Luis Roberto, 30 anos, São Jorge, setembro de 2000.



Existem 88 guias atuando no município⁶, sendo que a maioria é formada por pessoas do sexo masculino.

Os guias desempenham papel importante no turismo de Alto Paraíso de Goiás por seu contato direto com realidade turística através do envolvimento com a comunidade local. Há também, os místicos/esotéricos, que tem atraído pessoas para a região, transformando a cultura local e proporcionando a realização de um turismo diferenciado.

3.2.2. As Comunidades Esotéricas

O território do turismo em Alto Paraíso de Goiás é caracterizado por duas vertentes culturais. De um lado, a dos "amantes da natureza" representada principalmente pelo Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, o maior atrativo



turístico da região; de outro, a de pessoas que buscam terapias naturais e espirituais, representada principalmente pelos grupos místico-esotéricos. Esses grupos defendem que a região da Chapada dos Veadeiros é o "Chakra cardíaco do mundo" o

que, sem dúvida, atrai as pessoas e o fluxo turístico. Nesse processo a importância da mídia é fundamental. Esses movimentos místico-esotéricos⁷ não são recentes no município, tiveram início na década de 90, quando grupos de

⁶ CAT, 2000.

⁷ *Misticismo - a palavra se origina do verbo grego myo, que pode ser traduzido por 'fechar a boca'. Aí também se localiza a origem da palavra mistério, significando, em ambos os casos, algo que se percebe íntima e profundamente, mas que não se pode falar. A realidade é, por definição, transcende e oculta. O misticismo nasce do esforço que a pessoa faz para alcançar, numa visão única, uma realidade divina e absoluta.*

Esoterismo - ainda que inicialmente associado a ensinamento e ao reservado, apanágio de um círculo, cujo acesso dependia da decisão do mestre, como o tempo ligou-se à idéia do secreto, no sentido de oculto. Ensinamentos secretos de caráter imemorial, verdades fundamentais que se transmitem em cadeias de mestres e discípulos. (...) O autêntico esoterismo teve seus princípios e seu campo de aplicação metódica codificados pelo filósofo francês René Guénon (1886-1951), que publicou o reino da quantidade e os sinais dos tempos, onde faz uma crítica implacável do mundo moderno, caracterizado pela destruição dos fatores espirituais." (Siqueira & Bandeira, 1998:261)



Brasília se fixaram na região (Figura 33). Sua filosofia e maneira de vida em geral, atraem visitantes até hoje.

Segundo Siqueira & Bandeira (1998), dentre os vários grupos existentes em Alto Paraíso de Goiás, há os de linhas orientais e os de linha ocidental, e foram agrupados em:

místico-esotérico

1) *De raiz oriental* - localiza-se o Budismo Tibetano, o Budismo Zen, o Budismo Terra Pura, o Hare Krishma e o Osho;

2) *Mágico-religiosos* - são aqueles grupos como o do Vale do Amanhecer, do Santo Daime, da Cidade Eclética, da Cidade da Fraternidade e da Associação Holística Vale do Sol;

3) *Histórico-ocultistas* - têm origem na tradição histórica dos templários - Cavaleiros de Maytree, Arcádia Irmandade da Luz Solar e Associação Cúpulas de Saint-Germain;

4) *Místico-esotéricos* - compreende basicamente a sociedade Rosa-Cruz (AMORC). Vem da tradição egípcia das sociedades secretas, como a maçonaria;

5) *Ecumênicos* - Legião da Boa Vontade;

6) *Divino-não religioso* - não tem como referência explícita a um mestre - Buda, Osho, entre outros. Exemplo típico é o Instituto Solarion, localizado próximo ao Moinho.

Toda essa variedade de grupos esotéricos que compõem a paisagem de Alto Paraíso de Goiás é materializada nas diferenças arquitetônicas entre esse grupos e os moradores da região. Há, ainda, as religiões cristãs que formam um “turbilhão” de idéias e modelação da paisagem em Alto Paraíso.

De acordo com Albuquerque (1998), em 1959, grupos espíritas kardecistas começaram a receber orientações espirituais no sentido de se deslocarem para o Planalto Central, para se instalarem e desenvolverem um projeto de amparo a crianças órfãs e abandonadas. Em 1963, um grupo iniciou a construção da Cidade da Fraternidade (...) Essa também é característica da Fazenda Bona-Espero, onde as crianças aprendem o Esperanto. O maior fluxo dos grupos místico-esotéricos para Alto Paraíso de Goiás se deu a partir da década de 90, o





que aumentou significativamente a população desse município, como foi observado no capítulo anterior.

No discurso de todos os grupos, segundo Siqueira & Bandeira (1998), há uma preocupação com a alimentação saudável, com a prática de uma agricultura sem agrotóxicos, enfim, uma 'nova' relação com a natureza, não destrutiva e, sim, de integração. Há também, uma preocupação com o turismo e isso tem favorecido aos projetos em andamento no Município.

A propriedade/posse de terras possui um significado forte dentro desses grupos, formando territórios dentro do território de Alto Paraíso, o que também favorece o turismo. O cultivo de verduras e frutas orgânicas atrai muitos turistas em busca das origens, do natural e do saudável, tão pregado atualmente.

Por um lado, há um discurso de formas preservacionistas, associadas à prática da agricultura primitiva, voltada para o consumo doméstico e extrativismo de flores e plantas medicinais do cerrado; por outro, é comum escutar em Alto Paraíso, conversas entre os visitantes e novos moradores sobre contatos com “extragaláticos”, ativação de energia, seres intraterrenos que seqüestram pessoas temporariamente.

A respeito dos guias e dos místicos, destacam-se ainda algumas iniciativas fundamentadas no discurso da sustentabilidade da atividade turística em todos os níveis, desde o político até o ambiental, e que são discutidas a seguir.





3.2.3. Os Gestores das Políticas: ações e resultados

Numa sociedade “democrática”, a legitimação de qualquer espécie de atividade econômica numa determinada federação, no caso municipal, é imprescindível para o seu funcionamento regular. Nela há três níveis de poder, o setor público, o setor privado e a sociedade organizada em associações. Nessas instâncias de poder, em Alto Paraíso de Goiás o turismo e as questões ambientais têm se destacado nos planos e projetos governamentais e não-governamentais. E é através da legislação que se determinam as diretrizes que regulamentam a atividade turística no município.

Assim, as secretarias do meio ambiente e do turismo estiveram juntas até o ano de 2000 e as políticas de governo empregadas nos dois últimos mandatos no município, descritas abaixo, estiveram fundamentadas na busca da conservação ambiental, especialmente no que diz respeito à ocupação turística.

As políticas empregadas vão delineando o território, sendo que, no caso de Alto Paraíso de Goiás, o turismo, atividade econômica que interfere na organização sócio-espacial, tem sido prioridade nos diversos governos, pois a sua implantação e solidificação são vistas como veículo de desenvolvimento econômico para o lugar. Porém, as leis ambientais são rígidas, especialmente nesse município onde a fiscalização é maior, em relação aos demais municípios goianos, em virtude da própria característica da paisagem natural, como a altitude e a grande quantidade de nascentes e águas. Portanto, a políticas tem direcionado, ao longo da década de 90, ações que legalizam a atividade considerando a inter-relação com o meio ambiente.

A handwritten signature in blue ink, consisting of a stylized, circular scribble.

Como podem ser observadas a seguir, as diretrizes de turismo durante os dois últimos governos, o do Sr. Divaldo Wiliam Rinco e, o do Sr. Jair Pereira Barbosa estiveram voltadas para esse inter-relação

TABELA 04 - LEGISLAÇÃO DE TURISMO

<p>MANDATO DO PREFEITO DIVALDO WILIAM RINCO (1993-1996) ANO DE 1995</p>	<p>Lei de diretrizes orçamentárias, 1995 Diretrizes Gerais: a) Dar continuidade à política de incremento e direcionamento desta atividade que sem dúvida será a nossa principal atividade econômica com reflexos diretos em todos os demais setores da economia. b) A administração pública não interferirá diretamente, mas sim, envidará as condições para que a iniciativa privada se estabeleça, com objetivo de oferecer os serviços que a comunidade necessita. c) Poderão ser adotados meios de apoio a estes empresários até mesmo através de incentivos fiscais. d) Divulgação das potencialidades turísticas locais. e) Implantação de programas de Ecoturismo no município.</p>
<p>MANDADO DO PREFEITO JAIR PEREIRA BARBOSA (1997 – 2000) ANO DE 1999</p>	<p>Lei de diretrizes orçamentárias, 1999 IV- TURISMO Diretrizes Gerais: a) Dar continuidade à política de incremento e direcionamento dessa atividade que sem dúvida será a nossa principal atividade econômica com reflexos diretos em todos os demais setores da economia. b) A administração não interferirá diretamente, mas sim envidará as condições para que a iniciativa privada se estabeleça, com objetivo de oferecer os serviços que a comunidade necessita. Diretrizes Específicas: a) Dar apoio ao atendimento ao turista com a informatização do CAT (Centro de Atendimento ao Turista). b) Poderão ser adotados meios de apoio aos empresários do setor, até mesmo através de incentivos fiscais. c) Divulgação das potencialidades turísticas locais. d) Continuidade do programa de Ecoturismo no Município.</p>

Fonte: Livro de Leis, Prefeitura Municipal de Alto Paraíso de Goiás, 2000.

Um dos marcos da política de meio ambiente e turismo empregados em Alto Paraíso de Goiás foi o Projeto de Execução Descentralizada (PED), em 1996. Foi um Projeto Federal do Ministério do Meio Ambiente, dentro do Plano Nacional de Meio Ambiente, tendo como unidade de coordenação nacional o PED, e unidade de coordenação estadual a Secretaria Estadual de Meio Ambiente dos Recursos Hídricos e da Habitação do Estado de Goiás, seguido das prefeituras responsáveis pelo gerenciamento dos projetos locais. O Projeto tinha como meta a criação de quatro pólos de desenvolvimento do turismo no Estado de Goiás, São Domingos, Cidade de Goiás, Três Ranchos, e o núcleo, o município, e o "turismo sustentável" foi o seu "fio condutor"





Em Alto Paraíso de Goiás foram construídos dois Centros de Atendimento ao Turista (CAT), um na sede e outro em São Jorge. O PED promoveu cursos de capacitação de guias, além de vários outros cursos, como curso de doceiros na região do Moinho, envolvendo a comunidade local em assuntos sobre o turismo e o meio ambiente.

O PED foi criticado pelos ativistas locais por se tratar de uma iniciativa promovida por profissionais de diversas áreas do conhecimento, tanto político quanto técnico-científico, que não habitavam na região, porém, propiciou a movimentação e motivação da comunidade regional com a atividade turística. Ele desencadeou mudanças quanto ao turismo, no que diz respeito à organização do mesmo. Em 1998 o Projeto foi finalizado, resultando em discussões que questionam a sustentabilidade turística no município, especialmente à política.

Nesse mesmo ano, após longo período de mobilização para a realização do Plano Diretor no Município, desde início da década de 90, se deu a sua elaboração em Alto Paraíso de Goiás, que representou uma reação dos vários agentes sociais frente a diversos problemas sociais e ambientais emergentes no Município. Esses problemas foram gerados, principalmente, pela ocupação humana crescente e desordenada do território, especialmente no que diz respeito à proliferação de loteamentos em Alto Paraíso e São Jorge, sem a realização de Estudos de Impacto Ambiental⁸. O Plano visa compatibilizar o crescimento urbano e rural com um mínimo de degradação ambiental, ordenando as ações para minimizar ou sanar problemas existentes, além de servir de base para o planejamento do desenvolvimento futuro do Município.

Nas palavras do Prefeito, em 1998, Sr. Jair Barbosa, busca promover o desenvolvimento econômico e social municipal através de soluções para os problemas existentes fundamentado no planejamento como uma ação permanente, com caráter preventivo a danos ambientais. O Plano Diretor tem como prioridade o bem estar e a melhoria da qualidade de vida da comunidade local propondo futuras ações. Ele foi aprovado no final do ano de 2000, após longo período de discussões na Câmara Municipal.

Além das diretrizes para o turismo e da elaboração do Plano Diretor regulamentando o processo de uso e ocupação do território, foi criado no ano de

⁸ Souza, 1998.





1999, o Fundo Municipal para o Turismo, com vista a sustentabilidade orçamentária da atividade no município. Essa lei estabelece regras para instalação da atividade turística nas propriedades e o uso dos atrativos, juntamente com a arrecadação de impostos.

A criação do FUMTUR e do COMTUR por parte do governo municipal regulamenta as diretrizes governamentais e as atribuições do turismo descritas nas leis a seguir

“Lei nº 595/99 de 16 de dezembro de 1999

Art. 1º - Fica criado o Fundo Municipal de Turismo – FUMTUR, tendo por objetivo fomentar o desenvolvimento do turismo no Município de Alto Paraíso de Goiás – GO, e custear a execução da política municipal de turismo.

Lei nº 596/99 de 16 de dezembro de 1999

Art. 1º - Fica criado o Conselho Municipal de Turismo – COMTUR, com órgão deliberativo, consultivo e de assessoramento, junto ao Poder Executivo, para implementar a política municipal de turismo, responsável pela conjunção entre o Poder Público e a Sociedade Civil.

Art. 2º - O Município de Alto Paraíso de Goiás promoverá o turismo como fator de desenvolvimento social, econômico e cultural, através do Conselho Municipal de Turismo – COMTUR.

Art. 3º - O COMTUR tem por objetivo formular a política municipal de turismo, visando criar condições para o aperfeiçoamento e o desenvolvimento, em bases sustentáveis, da atividade turística do Município de Alto Paraíso de Goiás – GO.” (Livro de Leis, Prefeitura Municipal de Alto Paraíso de Goiás, 2000)

A lei de regulamentação dos atrativos não tem sido aplicada na prática, porém demonstra o posicionamento político em relação a atividade, na qual ela deve estar voltada para a conservação ambiental.

Destacamos, ainda, no município, outras iniciativas não-governamentais na busca de sustentabilidade da atividade turística, como o GAMA (Grupo de Apoio ao Meio Ambiente), que tem realizado encontros culturais e a educação ambiental em cursos em sua sede, a OCA (Oficina de Ciência e Arte), que promove a valorização do artesanato local e do cultivo de plantas naturais, além de fornecer cursos esotéricos, entre outras atividades.

Aqui, ressaltamos o Projeto Veadeiros desenvolvido pelo WWF (Fundo Mundial para a Natureza), desde junho de 1996, sendo prevista a sua finalização



para junho de 2001⁹. Os objetivos do Projeto são a pesquisa de alternativas econômicas viáveis do ponto de vista de geração de renda, o apoio à comunidade local na busca de cidadania e a melhoria da sua qualidade de vida. Portanto, ele buscou, desde o início de sua realização, a maior proteção do meio-ambiente da região através da pesquisa e desenvolvimento de atividades econômicas que gerassem renda para as camadas sociais menos favorecidas e, ao mesmo tempo, contribuíssem para a conservação do Cerrado. O Projeto Veadeiros teve como tarefa nos quatro anos de sua existência a viabilidade de bases de implantação de uma Reserva da Biosfera na região, através da criação de uma rede de diferentes tipos de unidades de conservação, de um programa de Educação Ambiental e do desenvolvimento comunitário, por meio do fortalecimento do associativismo.

Ele, inicialmente, era uma parceria entre o WWF e mais três associações de Alto Paraíso de Goiás, a Associação dos Condutores de Visitantes da Chapada dos Veadeiros (ACV-CV), que se encarregou de executar as atividades de pesquisa e desenvolvimento do Ecoturismo dentro dos objetivos estabelecidos pelo Projeto; a Associação dos Pequenos Extrativistas de Flores do Cerrado da Chapada dos Veadeiros (ASFLO), que ficou com a responsabilidade de pesquisar e desenvolver as atividades de extrativismo; e a Associação Comunitária da Vila São Jorge (ASJOR), responsável pela Educação Ambiental e Comunicação. Ficou a cargo do WWF o incentivo à criação de Áreas Protegidas e a coordenação geral do Projeto (Jornal Veadeiros, 2000).

Atualmente o WWF está encarregado das atribuições destinadas inicialmente as associações que tiveram alguns resultados como a sua articulação com a comunidade na discussão em torno da reativação do processo demarcatório no município; apoio ao decreto da RPPN Cara Preta, de propriedade do Sr. Paulo Maluhy, sob responsabilidade da OCA (Oficina de Ciências e Artes) e mais outras cinco Reservas que estão sendo encaminhadas para decreto junto ao IBAMA; apoio à Prefeitura Municipal na elaboração das leis regulamentadoras do uso de atrativos naturais, da criação do Fundo Municipal de Meio Ambiente (FUMDEMA) e do Parque Municipal de São Jorge; e parceria com a OCA e a Prefeitura

⁹ Jornal Veadeiros, Editorial, Ricardo Mesquita da Fonseca – coordenador local do Projeto Veadeiros, maio a julho de 2000.



Municipal, retomando as negociações para a criação de uma Reserva da Biosfera para a região da Chapada dos Veadeiros, cujo documento foi encaminhado para a apreciação da UNESCO em maio de 2000 (Jornal Veadeiros, 2000).

Em Alto Paraíso de Goiás as políticas federais, estaduais e municipais têm ativado as discussões sobre o meio ambiente. Projetos de ONGs, como a do GAMA, da OCA, do WWF, e outros que não foram citados acima, são exemplos de tentativas de busca pela sustentabilidade da atividade turística.

Além desses Projetos, foi assinada pelo atual governador estadual, no dia 07 de maio de 2001, a Lei nº 5.419 de criação da APA Pouso Alto (Jornal Veadeiros, 2001), que se originou de mobilizações das Secretarias Estaduais, a do Meio Ambiente dos Recursos Hídricos e da Habitação e a Agência Ambiental, o WWF, a OCA, da Prefeitura Municipal, e do Ministério do Meio Ambiente, entre outros, como "zona de amortecimento" do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Têm ocorrido, também, iniciativas não-governamentais em torno da proteção e conservação ambiental na região, especialmente ao longo do Rio São Miguel, como a regulamentação de RPPN's, (Reserva Particular do Patrimônio Natural). Ao todo existem cinco RPPN's no município, perfazendo uma área total de 9.797,82 ha, que são a Fazenda Campo Alegre, a Fazenda Vale Encantado da Cachoeira dos Cristais, Fazenda Cara Preta, Fazenda Brancas Terras dos Anões e Fazenda Mata Funda¹⁰.

O IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente) cumpre a missão de vigilante constante contra queimadas e invasores na área do Parque. Cabe ressaltar que está em fase de finalização o Plano de Manejo do Parque, importante documento de regulamentação através do conhecimento sistemático da Unidade de Conservação e da região onde está inserido o município de Alto Paraíso de Goiás.

A busca pela sustentabilidade, através da conservação ambiental, na região se fortalece e, se reafirma, com a aprovação pelo Conselho Internacional do MAB – programa 'Man and The Biosphere' da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), no início do ano de 2001 em Paris (França), da Reserva da Biosfera do Cerrado – Fase II, no Nordeste Goiano, ampliando a área da Reserva do Cerrado Fase I, situada em Brasília. A Reserva

¹⁰ IBAMA, 2000.





tem como zonas-núcleo o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, o Parque Estadual de Terra Ronca, em São Domingos, e o Parque Municipal de Itiquira em Formosa. As primeiras “zonas de amortecimento” definidas são as APAs (Áreas de Proteção Ambiental), de Pouso Alto, citada anteriormente, que abrange o entorno do Parque e a de Terra Ronca que abrange o Parque Estadual de Terra Ronca. Além disso há a indicação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros como Patrimônio Natural da Humanidade realizada pelo Governo Brasileiro ao Centro do Patrimônio Mundial da UNESCO.

O turismo é parte integrante do processo de elaboração e aprovação de projetos voltados à busca da conservação e preservação ambiental em Alto Paraíso de Goiás. E, um dos fatores predominantes é fortalecimento econômico pelo turismo através do respaldo que a área vai adquirindo frente a sociedade, tornando o território do Paraíso de grande atratividade e um dos pioneiros no Estado de Goiás.

No entanto, o incentivo ao turismo implica num planejamento nas áreas de ocupação. E visa, com isso, obter os dados de capacidade de carga turística em todos os níveis, especialmente nos locais de maior visitação, para que se mantenha o “equilíbrio ambiental”, uma das bandeiras levantadas pelos vários projetos citados acima.





CAPÍTULO IV



Figura 34 – Turistas

“Todos nós somos artistas e arquitetos de paisagens, criando ordem e organizando espaços, tempo e casualidade, de acordo com nossas percepções e predileções.” (Machado, 1996:97)





4. SUPORTE DO PARAÍSO

O rápido e descontrolado processo de ocupação turística em ambientes frágeis tem causado a descaracterização da paisagem original. O estudo da capacidade de carga turística estabelece parâmetros de ocupação que visam o planejamento turístico para utilização desses ambientes, pois "...tanto os recursos naturais como os construídos pelo homem têm um limite para absorver visitantes; esse limite, quando ultrapassado, provoca sua deterioração." (Ruschmann, 1997:116). A carga se constitui numa expressão numérica integradora unindo o tipo, nível e regime do manejo racional baseado na utilização da natureza por parte da sociedade, pois "...não se pode mais encarar os recursos naturais inesgotáveis e que é necessário um uso mais equilibrado e honesto do que a natureza oferece ao homem, que aliás faz parte da mesma" (Ouriques, 1993:31)

O conceito de capacidade de carga turística está fundamentado na discussão sobre a sustentabilidade em todos os níveis, como o político, o econômico, o social, e o ambiental, discutidas no primeiro capítulo. E isso diz respeito ao equilíbrio ambiental em relação à justiça social. Portanto, o estudo do suporte é um dado que visa contribuir para pesquisa e, que forneça subsídios para o planejamento territorial, e conseqüentemente ao planejamento turístico com base na sustentabilidade.

A pesquisa levantou dados sobre o processo de ocupação turística em Alto Paraíso de Goiás, realizando assim, a análise das mudanças sócio-econômicas, espaciais e ambientais promovidas pela atividade.

Desde as suas origens, no séc. XVIII, a atividade econômica predominante em Alto Paraíso de Goiás é a pecuária extensiva tradicional¹. Porém, o turismo tem se destacado nos últimos vinte anos, com intensa alteração na paisagem, provocada por um fluxo cada vez maior de visitantes. A visitação em ambientes frágeis, como campos úmidos, cerrados de altitude e, veredas, mostram que a ocupação do território prioriza interesses econômicos em detrimento do meio ambiente.

A análise e delimitação da capacidade de carga turística visam a uma gestão adequada dos recursos e o desenvolvimento sustentável em territórios de uso turístico

¹ Plano Diretor, 1998:39





(Chavez & Rodriguez, 1993), e, no caso de Alto Paraíso de Goiás, isso pressupõe a determinação do potencial dos recursos considerando as gerações futuras, por isso

“...lograr la satisfacción de las necesidades actuales sin comprometer el futuro, para lo cual se hace necesario establecer límites o umbrales máximos de acogida de visitantes (...)propiedad dinámica del paisaje, que cambia en espacio y tiempo, de acuerdo con el desarrollo de las demandas sociales y la tecnología” (idem,1993:09)

Diante da integração desenvolvimento social e tecnológico há uma estreita relação entre o limite de ocupação de uma determinada área aliada à percepção ambiental da população. Existem vários pontos de vista sobre o lugar ou situação o que torna possível afirmar que a sociedade é complexa, como em Alto Paraíso de Goiás.

A capacidade de carga turística se constitui em três níveis de análise, de acordo com Chavez (1993): Física - se define como o limite máximo de visitantes que pode ocupar num espaço definido em um tempo determinado; Real – se obtém depois de corrigir o valor anterior sobre a base de uma série de fatores de correções adquiridos ao considerar variáveis ambientais, físicas, ecológicas e de manejos, e; Efetiva – se obtém ao comparar a real com a capacidade de manejo que tem as administrações da área na função da disponibilidade pessoal, equipe, instalações, recursos financeiros, etc. Também, segundo Chavez (1993) a capacidade de carga distribui-se em três tipos: capacidade material ou física, capacidade psicológica ou de comportamento e capacidade ecológica.

Em virtude da complexidade que envolve o cálculo da capacidade de carga e dos vários níveis de análise citados anteriormente, optou-se por trabalhar com a fórmula estabelecida por Boullón (1985) *apud* Ruschmann (1997:125), que aponta o cálculo da capacidade de carga obtido a partir da divisão de uma determinada área para utilização turística pelo seu padrão de frequência, isto é, pelo resultado da média das necessidades ideais para a proteção do local. Pois o limite estabelecido depende do tipo e do tamanho da área, do solo, da topografia, dos hábitos das pessoas e da vida selvagem, bem como do número e da qualidade dos equipamentos para atender aos turistas,





Tanto Chavez quanto Ruschamann admitem que a percepção ambiental é de fundamental importância na determinação de limites de visitação por se tratar da relação estabelecida entre o ser humano e o meio ambiente natural, ou seja, como ele o concebe. No entanto, a percepção ambiental é abordada com maior frequência no segundo autor.

O total de visitas diárias obteve-se a partir da delimitação da capacidade local, multiplicado pelo coeficiente de rotação, que por sua vez é obtido pela divisão do número de horas diárias que o local está habilitado para a visitação, pelo tempo médio de duração de uma visita.

O cálculo da capacidade de carga se deu em duas áreas de visitação, que foram escolhidas após a pesquisa bibliográfica documental e os trabalhos de campo, levando em conta o fato de serem locais de intenso fluxo turístico: a área destinada à visitação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, compreendida por quatro atrativos principais (saltos do rio Preto de 80 e 120 m, cachoeira das Cariocas e canyon 2) e, o Espaço Infinito Raizama. Eles estão situados próximo ao povoado de São Jorge, conforme foi dito no terceiro capítulo.

As alterações econômicas em destaque no turismo são: especulação imobiliária, valorização da terra, maior poder de compra da população local, geração de empregos e movimentação no comércio com aumento nas vendas em geral. Essas alterações estão ocorrendo em Alto Paraíso de Goiás, e, gradativamente com uma interferência e independência na economia local do turismo em detrimento de outras atividades pois *"as pessoas da cidade só compram e tem dinheiro quando tem turismo. Há lucro quando há fluxo turístico"*², uma vez que *"o turismo leva os nativos a só guiar, é mais rentável, o turismo oscila muito, o lugar é muito pequeno, aumentou as vendas mas aumentou também a concorrência"*³. *"há os abusos da população local em relação ao lucro, exploração do turismo, preços exorbitantes e ainda há uma política de turismo ineficiente"*⁴. A tendência observada com o turismo é a homogeneização do tipo de atividade econômica.

² Cláudia, 38 anos, SP, Gota de Arte (boutique), Alto Paraíso, agosto de 2000.

³ Jaqueline, 31 anos, MA, Papalua, São Jorge, setembro de 2000.

⁴ Ana Maria, 39 anos, SP, Pizzaria 2000, Alto Paraíso, agosto de 2000.





As principais alterações sociais observadas com o turismo são: a desapropriação da terra, o deslocamento dos "nativos", a segregação residencial, as drogas, a exclusão social, etc.

E, ainda, as alterações sócio-ambientais, que se dão pelo crescimento populacional temporário e, conseqüentemente pela sua concentração, tanto nas áreas de visitação quanto nos centros urbanos. Há o aumento dos gastos dos recursos naturais como a água e a energia, além de aumento da produção de efluentes líquidos e sólidos. Como é apontado por um dos comerciantes de Alto Paraíso de Goiás, que *"tem problemas com água, em períodos de grande fluxo turístico na cidade."*⁵ Isso afeta o suporte psicológico pois, a rejeição é inevitável, e a sustentabilidade ambiental da atividade turística, tão empregada pelos políticos, empresários e representantes na região não tem ocorrido de fato.

As alterações no território interferem na saturação psicológica, pois a sustentabilidade da atividade turística envolve tanto questões físicas da paisagem quanto subjetivas e/ou culturais. Portanto ela está diretamente relacionada ao equilíbrio ambiental pois, conforme o nível de interferência, ou seja, a quantidade excessiva de turistas no lugar, há uma repulsa, hostilização aos turistas pelos moradores, o que pode tornar insustentável a realização da atividade.

Os parâmetros de análise da capacidade de carga turística, citados acima, estão inter-relacionados e, as "possibilidades" de adaptação são múltiplas, em situação adversa da sociedade humana e da natureza.

A delimitação da capacidade de carga turística está diretamente relacionada com a percepção ambiental por se tratar de parâmetros que interferem no limite físico da área de visitação. Todavia, há vários tipos de comportamento dos grupos humanos, por exemplo, aqueles turistas que se preocupam com a conservação ambiental, e turistas que não possuem essa consciência conservacionista, o que influencia na capacidade e sustentabilidade de locais turísticos. Portanto, há algumas variáveis para contrabalançar as restrições à visitação, como número de visitantes associado ao perfil do turista e as características locais e são expostos por Haymond (1991) apud Ruschmann (1997).

⁵ Ana Maria, 39 anos, SP, Pizzaria 2000, agosto de 2000.





Nesse sentido, a discussão sobre a sustentabilidade turística, considerou os seguintes tópicos: a duração de estada dos visitantes, que detectou o período médio de permanência dos turistas. E está relacionado com dias de "pico". Forneceu, ainda a capacidade máxima da infra-estrutura existente, e subsidiou as discussões sobre as alterações econômicas, sociais e ambientais que ocorrem quando o número máximo de visitantes é atingindo; a dispersão ou distribuição dos turistas dentro da área identificou os locais mais visitados, e discutiu sobre as condições naturais, acesso que permitem a visitação; a característica do local visitado fornece a procedência dos turistas, como é o nível econômico e o nível cultural; o que isso interfere quanto à educação ambiental e respeito ao meio ambiente. Forneceu, ainda, qual é a percepção que os turistas tem dos moradores e qual é a percepção dos moradores em relação aos turistas. Esses dados revelam a influência do nível cultural e da condição social ao respeito às paisagens de Alto Paraíso; a época do ano em que ocorre a visita levantou dados sobre épocas de finais de semana prolongados, férias, alta e baixa estação, verificando a intensidade e quantidade de visitantes e que isso interfere em épocas de chuva ou seca, quanto à fragilidade do solo, relevo, vegetação, etc.

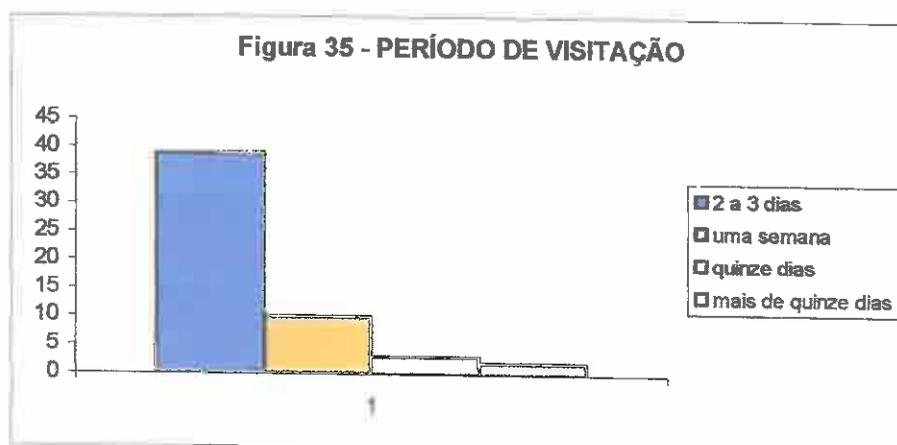




a) Duração da Estada dos Visitantes

O período de permanência dos visitantes interfere na capacidade da infraestrutura e dos atrativos, pois quanto mais longo ele for, mais o ambiente estará sujeito a alterações. Essa duração relaciona-se com a quantidade de atrativos a ser visitados em relação ao tempo disponível do visitante.

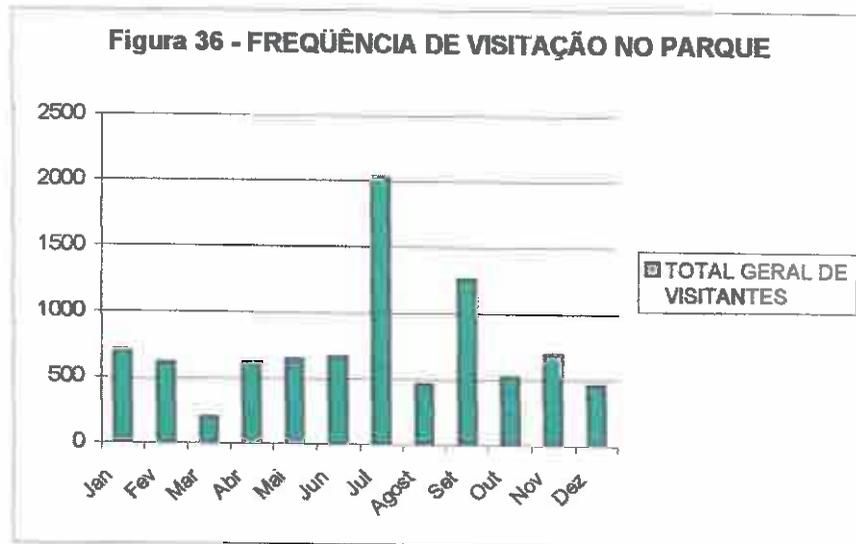
Em Alto Paraíso de Goiás, o fluxo turístico é mais intenso nos feriados prolongados (Figura 35) e, nos períodos de seca (Figura 36). A duração da visitação no município é geralmente de 2 a 3 dias em 73% das respostas, e uma semana em 20% dos entrevistados, sendo de apenas 6% para quinze dias, e 1% para mais de 15 dias em períodos de férias.



Fonte: entrevistas em Alto Paraíso de Goiás, agosto e setembro de 2000.

O período de maior fluxo turístico é no mês de julho (figura 36), quando o clima é seco na região do cerrado e o limite do lençol freático é reduzido, o que provoca uma limitação à aquisição de água, e interfere na capacidade de carga psicológica, pois restringe o uso pelos moradores em Alto Paraíso, uma vez que os visitantes são privilegiados.





Fonte: IBAMA, 1999.

O aumento de turistas no mês de julho se dá pela maior procura de turistas provenientes de São Paulo, em virtude das férias e, geralmente visitam a região em pacotes turísticos fechados, que são realizados pelas três operadoras existentes no município, a Travessia, a Alpatur e a Chapada Ecologia. Na figura 36 observa-se a situação geral no município, tendo como amostra o Parque, um dos atrativos que mais recebem visitantes.

b) Capacidade de hospedagem

A capacidade de hospedagem possibilita identificar a função turística do local em relação ao número de moradores, Barros (1996). Esse item é fundamental no estudo da capacidade de carga para o planejamento turístico pois revela se há infra-estrutura no local de visitação para atender ao excedente populacional, que são os turistas. É um dado que auxilia na verificação da sustentabilidade sócio-econômica e ambiental no lugar de visitação.





A obtenção da capacidade de hospedagem se deu com o cálculo do número limite de hóspedes na cidade de Alto Paraíso de Goiás e no povoado de São Jorge em relação ao número de moradores nesses mesmos núcleos urbanos.

Na cidade de Alto Paraíso de Goiás existem 19 pousadas, 4 hotéis e 8 áreas de camping comportando um total de 1.047 turistas em hospedagem.

TABELA 05 - CAPACIDADE DE HOSPEDAGEM NA CIDADE DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS							
POUSADAS	Nº LEITOS	HÓTEIS	Nº LEITOS	HÓTEIS FAZENDA	Nº LEITOS	CAMPING	Nº PESSOAS
Alfa & Ômega	30	Central	45	Pousada Dos Anões	108	O Canto Do Cerrado	60
Aquarius	16	Europa	75	São Bento	40	Quarto Crescente	60
Arco-Íris	22	Nunes	30	TOTAL	148	Solarion	80
Branca	16	Tradição	27			Vale Azul	40
Camelot Inn	48	TOTAL	177			TOTAL	240
Campestre	28						
Chácara Anos Luz	50						
Chácara Vitória	10						
Do Mirante	20						
Do Sol	32						
Estrela Do Oriente	14						
La Mandarina	23						
Menina Lua	37						
Paralelo 14	18						
Recanto Da Grande Paz	43						
Renascer Na Luz	33					482	
Sete De Setembro	15					177	
Vênus	10					240	
Veredas	17					148	
TOTAL	482			Capacidade de Hospedagem		1.047	

Fonte: trabalho de campo em Alto Paraíso de Goiás, 2000 e CAT, 2000.





Em São Jorge foram identificadas 16 pousadas e 19 áreas de camping suportando 1.443 turistas em hospedagem.

TABELA 06 - CAPACIDADE DE HOSPEDAGEM EM SÃO JORGE			
POUSADAS	Nº LEITOS	CAMPING	Nº PESSOAS
Águas de Março	70	Alegre	40
Aldeia da Lua	32	Balbi	60
Alves Araújo (Dormitório)	20	Beth	22
Arco-Íris	20	Da Zeza	10
Candombá	27	Do Pelé	60
Casa das Flores	30	Jacqueline	20
Casa Grande	28	Jardim De Éden	30
Dona Chiquinha	23	Ki Legal	30
Dos Cristais	70	Lindomar	30
Por do Sol	12	Luar Do Pequizeiro	40
Ponto Verde	42	Maria Chefe	30
Recanto da Paz	30	Parada Obrigatória	250
Mundo Dha Lua	18	Quarto Crescente	60
São Jorge	12	Santa Paz	20
Trilha Violeta	32	Tia Adélia	30
Refúgio	35	Velho Joe	20
TOTAL	501	Zé do Banjo	30
		Sítio Camping Rio Azul	120
		Dos Sonhos	40
		TOTAL	942
Capacidade de Hospedagem		1.443 visitantes	

Fonte: trabalho de campo em Alto Paraíso de Goiás, 2000 e CAT, 2000.

Existem ainda áreas destinadas a hospedagem de visitantes na zona rural, como chácaras, sítios e fazendas que não foram registradas no Centro de Atendimento ao Turista (CAT).

A junção dos dados acima com o número de habitantes, exposto no segundo capítulo, possibilita realizar o cálculo da função turística. Este cálculo evidencia o nível de dependência econômica local em relação à atividade turística, favorecendo a discussão sobre a sustentabilidade em virtude do aumento populacional.





É visto a proporção de moradores e turistas em relação à infra-estrutura existente e como isso interfere na capacidade de carga, especialmente na psicológica, pois quanto maior o número de visitantes menor será a qualidade de vida dos moradores locais.

De acordo com a fórmula apresentada por Defert (1972) *apud* Barros (1996), se o resultado for igual a zero, é porque não há acomodação turística; se ela for igual ao infinito, é porque não existe população local; e se o valor for igual a cem é porque o número de moradores é igual o número de leitos.

$$T(f) = \frac{N}{P} \times 100$$

onde N = o número de leitos disponíveis para os turistas numa área;
P = a população residente na área

Na cidade de Alto Paraíso de Goiás a função turística é relativamente baixa em relação ao povoado de São Jorge.

$T(f) = \frac{1.047}{3.873^6} \times 100$	$T(f) = 27$
---	-------------

No povoado de São Jorge o índice revelou o seguinte resultado, calculando o número de leitos para turistas pelo o número de moradores,

$T(f) = \frac{1.443}{300^7} \times 100$	$T(f) = 481$
---	--------------

Há uma proporção média de cinco leitos para turistas por cada morador, o que indica que nos períodos em que os locais de hospedagem estão todos ocupados, a cidade aumenta em cinco vezes a quantidade de sua população.

Diante dos resultados sobre a função turística, obtidos acima, observa-se que ela é bem mais elevada no povoado de São Jorge. Isso provoca desequilíbrios sócio-ambientais, ou seja a capacidade de carga psicológica é alterada, uma vez que o

⁶ IBGE, 2000.





aumento de visitantes é considerável em períodos de feriados prolongados. Há o rompimento do ritmo do cotidiano no local, além de implicações sócio-ambientais negativas como aumento do consumo de água, de energia, do barulho, da violência, de drogas o que provoca irritação ao morador local de São Jorge.

c) Dispersão ou Distribuição dos Turistas dentro da Área;

A concentração de turistas num lugar específico altera a paisagem com a superação da capacidade de carga em todos os níveis. A identificação de áreas mais visitadas no município promoveu a discussão sobre o estado de conservação das mesmas. Os locais nos quais houve o estudo da dispersão ou distribuição dos turistas foram: o Solarion, a cachoeira São Bento, as cachoeiras Almécegas I e II, o Vale da Lua, o Raizama e o Parque.

A área de visitação no Solarion, cortada pelo Rio São Bartolomeu, próximo ao Moinho, apresenta-se conservada. Os atrativos mais divulgados do local são a cachoeira dos anjos e a cachoeira dos arcanjos. Nas trilhas de acesso às cachoeiras é feita manutenção periódica; elas são largas e de baixo declive. O local já foi centro de terapias, entretanto, o fluxo turístico reduziu bastante após 1999.

Nos atrativos próximo à cidade de Alto Paraíso, como a cachoeira de São Bento e as Cachoeiras Almécegas I e II, a paisagem apresenta-se bem alterada, como a existência de lixo nos atrativos, o assoreamento de córregos, e, o problema da estrada que foi construída em solo inadequado, arenítico provocando a ultrapassagem do suporte físico com fluxo de veículos que leva as cachoeiras Almécegas I e II.

Nos atrativos próximos ao Povoado de São Jorge as alterações são nítidas. Entretanto, os proprietários se posicionam com base na conservação ambiental. O perfil dos turistas que visitam essa área é formado por pessoas que possuem uma postura de respeito ao meio ambiente. No entanto, no Vale da Lua, devido ao fácil acesso e estar na rota do turismo do Lago da UHE de Serra da Mesa, onde há disparidades no perfil dos turistas, que geralmente é diferente daqueles anteriores, há muitos problemas, como lixo, erosão nas trilhas e etc.

⁷ Esse dado foi levantado no Plano Diretor (1998), através de levantamento e mapeamento das residências existentes.





No Espaço Infinito Salto Raizama há o monitoramento constante, com criatividade e empenho, sendo um dos atrativos mais bem cuidados, resultando em melhorias e continuidade da paisagem nativa. Verifica-se que a trilha está bem conservada, apresentando inovações como corrimão de segurança e escadas de madeira reduzindo o risco de erosão nas margens do rio São Miguel. A vegetação natural do cerrado apresenta-se pouco alterada. A capacidade de carga apresenta-se estável, porém, em períodos de queimadas na região, quando há necessidade de fechar o parque, o atrativo absorve a maioria dos turistas em visita à Unidade de Conservação.

Na área destinada à visita do Parque a paisagem está bem conservada, e os principais motivos são as restrições impostas pelo IBAMA, e o acompanhamento do guia.

A ultrapassagem do suporte turístico é facilitada pelas vias de acesso, pois quanto menos obstáculos, maior é o fluxo, como é o caso da cachoeira de São Bento e do Vale da Lua, próximos à GO-327.

As implicações ambientais negativas, com a ocupação desordenada do turismo tem se dado com ausência de planejamento e regularização municipal, registrado num artigo de jornal local

*“Dá pra ver de longe o rasgo feito na montanha pra facilitar o acesso à cachoeira da Água Fria. Dano paisagístico e ambiental com ameaça de assoreamento (..) A bela trilha que levava para a cachoeira da Almécegas (..) Foi rasgada em pleno campo úmido pra virar estrada e levar turistas até a boca da queda (...) Porcos, galinhas, bois e plantações estão sujando as águas do rio Cristal, o balneário preferido dos moradores de Alto Paraíso. Além disso, a terra foi arada na cabeceira do rio que é importante afluente do São Bartolomeu, manancial que abastece o município.” (Jornal Flor da Chapada, ano 1, nº 1, dezembro de 1997 – pág. 08 – matéria *Os fortes também choram*)*

O relato acima é do ano de 1997, um período de grandes transformações na paisagem, com a aplicação de políticas de incentivo ao turismo. Atualmente, os processos ambientais dos locais de intensa visita apresentam-se estáveis, pois não ocorre diferenciação na cobertura vegetal e na qualidade da água, exceto no Vale da Lua que apresenta deterioração da paisagem, como lixo em locais impróprios e, rochas “pichadas”, danos ambientais e poluição visual.

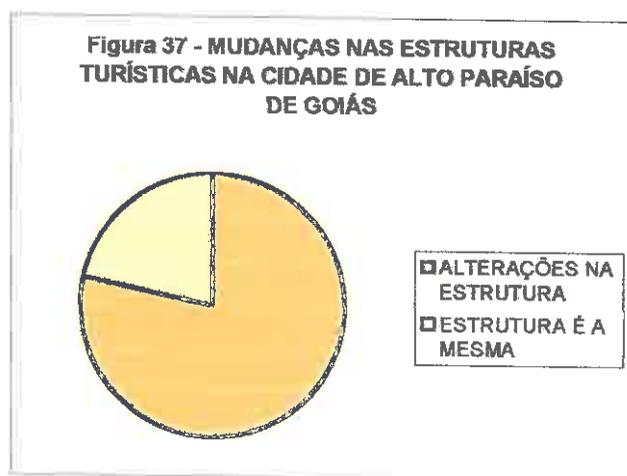




A partir das considerações realizadas acima, é possível afirmar que a legislação é fundamental pois regulariza a atividade e, a presença de guias na visitação é importante, pois, eles estão encarregados de orientar e educar os visitantes para a questão da conservação ambiental e, conseqüentemente, promovem a manutenção da capacidade de carga turística, pois são os regularizadores diretos da conservação ambiental.

d) Mudanças na Infra-Estrutura;

A intensificação da atividade turística é evidenciada pelo nível de mudanças na infra-estrutura de recebimentos aos turistas. Essas mudanças interferem diretamente no suporte turístico, pois a intensificação do processo promove o “inchaço” populacional, ou seja, mais os locais turísticos estarão recebendo turistas. O que pressupõe aumento de saneamento básico, infra-estrutura, etc, sobrecarregando a Prefeitura e interferido na sustentabilidade política, econômica e ambiental. Há, com isso, o aumento da quantidade de visitantes nos atrativos. Tanto na cidade de Alto Paraíso de Goiás como no povoado de São Jorge, têm sido ampliados os locais para o atendimento aos turistas como hotéis, restaurantes, etc, como pode ser constatado nas figuras a seguir



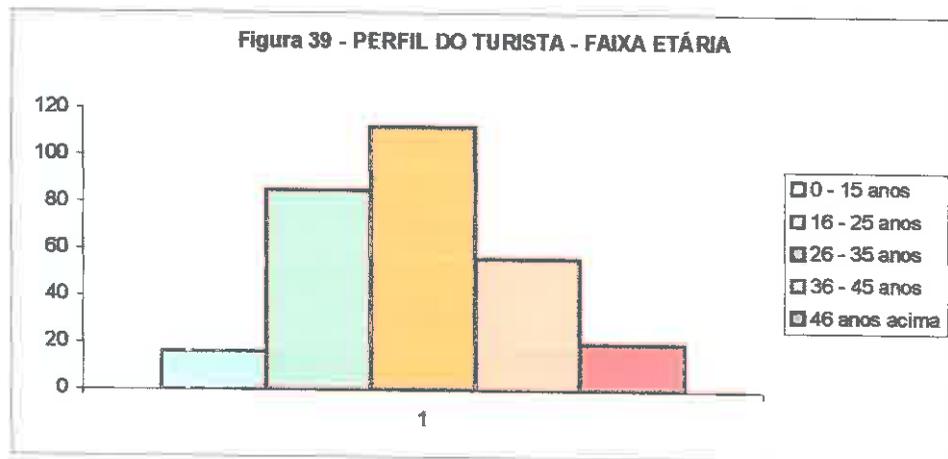
Fonte: entrevistas Alto Paraíso de Goiás, agosto de 2000 / Fonte: entrevistas em São Jorge, setembro de 2000.



e) Características dos Turistas

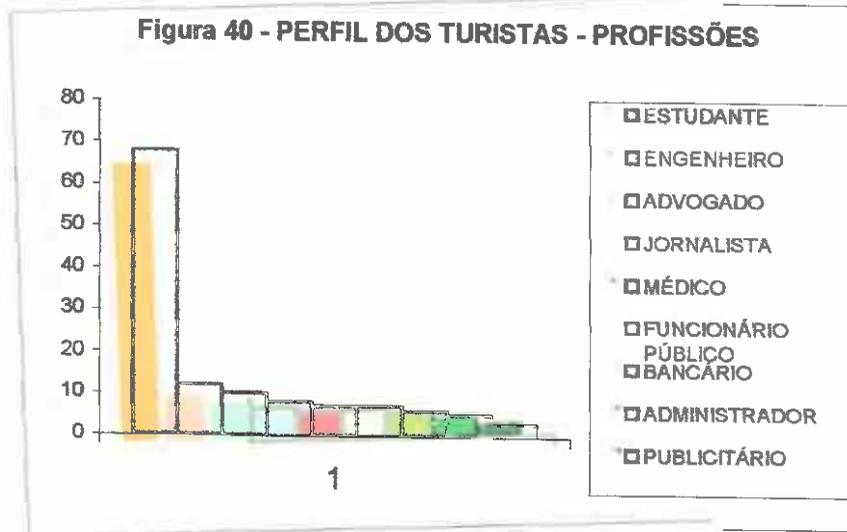
O comportamento do turista em relação ao lugar visitado é fundamental na análise da capacidade de carga, pois, conforme o nível de educação ambiental o limite de visitação deverá ser mais, ou menos rígido. E isso interfere no cálculo dos parâmetros da capacidade. Em Alto Paraíso de Goiás há vários níveis sócio-econômicos, predominando turistas com elevado grau de escolaridade e se atentam para a conservação ambiental (Figura 40). Isso favorece a manutenção da capacidade de carga turística, pois mesmo que o número de visitantes seja elevado os danos à paisagem local são mínimos.

O perfil do turista em Alto Paraíso de Goiás é caracterizado pelo predomínio de estudantes, na faixa etária de 16 a 35 anos, ou seja, jovens e adultos (Figura 39).

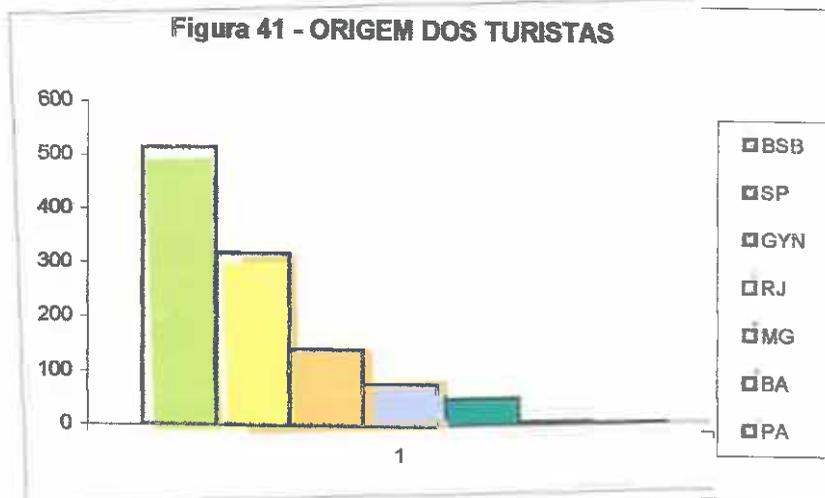


Fonte: IBAMA, 1999.





Fonte: IBAMA, 1999.



Fonte: IBAMA, julho de 1999.

Os dados acima revelam que a maioria dos turistas é de Brasília, estudantes e funcionários públicos, geralmente cursando a Universidade ou com curso superior (Figura 41).

É possível identificar o perfil do turista de acordo com o local de visitação que ele procura, como por exemplo: *“em São Jorge buscam as festas, o barulho, em Alto Paraíso querem a tranqüilidade, o sossego, a terapia e, o público misto, do ecológico, da caminhada”*⁸.

⁸ Iracema, Alto Paraíso, agosto de 2000.





4.1. Capacidade de Carga Turística no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

O parque possui 65.000 ha, porém, a área destinada à visitação é de aproximadamente 5%. Existem duas trilhas de 5 km de extensão cada, em direção aos quatro pontos de visitação (Figura 42). Cada atrativo possui em média 80 m²⁹.

A delimitação da capacidade de carga tem como critério o tamanho da área em relação ao período de visitação e, Roberto Boullón (1995) apresenta fórmulas para esse cálculo.

$$\text{A capacidade do local} = \frac{\text{Dimensão da área}}{\text{Padrão da frequência}} = \frac{80}{2} = 40 \text{ turistas}$$

O padrão da frequência diz respeito à fragilidade do ambiente, conforme a tabela 7 a seguir, e considera a declividade, o solo, a drenagem, a vegetação, a fauna, etc. No caso do Parque os fatores restritivos são a fragilidade da vegetação e do solo para a intensa visitação.

TABELA 07 - PADRÃO DE FREQUÊNCIA

Frequência	Restrições
1	Solo
2	Solo, vegetação
3	Solo, vegetação, declividade
4	Solo, vegetação, declividade, fauna

Fonte: Adaptado de Chavez, sem data, mimeografado

O coeficiente de rotação é determinado pela divisão do número de horas diárias que o local está habilitado (ou aberto) para a visitação pelo tempo médio de duração de uma visita, de acordo com a seguinte expressão:

$$\text{Coeficiente de rotação} = \frac{\text{Tempo disponível para visitação}}{\text{Duração média das visitas}} = \frac{8}{4} = 2$$

⁹ A obtenção desse dado se deu através de entrevistas com guias e moradores da região e, visita nos locais.





O total das visitas diárias obtém-se da seguinte forma:

Total de visitas diárias = capacidade do local x coeficiente de rotação = $40 \times 2 = 80$ por cada atrativo

Portanto, a capacidade de carga total da área de visitação do Parque é de 80 pessoas por dia para cada atrativo. Como são quatro atrativos, então o número total diário de turistas é de 360 turistas, sem que ocorra deterioração na paisagem, especialmente devido à compactação do solo ocasionado pelo pisoteamento nas trilhas.

O resultado obtido em relação à Capacidade de Carga Turística diária já estabelecida pelo IBAMA, excede em 60 turistas, que é de 300 visitantes. Para a direção do Parque o limite é considerável, pois há muitas restrições nas áreas de visitação como a fragilidade do ambiente, especificamente pelo tipo de solo, geralmente em campo úmido ou em campo rupestre.

Um dos problemas enfrentados pela direção do Parque é o fato de o limite diário de visitantes ser criticado tanto pelos guias quanto pelos turistas, pois consideram o valor decretado pelo órgão restrito em relação à grandiosidade do Parque e, que o mesmo poderia receber mais visitantes sem ultrapassar a Capacidade de Carga Física. A restrição interfere diretamente no serviço de guiagem, ou seja na obtenção de renda desse grupo que tem provocado conflitos constantes entre eles e o IBAMA e interferindo na sustentabilidade política e sócio-ambiental.



Figura 42 - MAPA DA ÁREA DE VISITAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS



LEGENDA

- Trilhas
- Caminhos secundários
- Estrada
- Drenagem
- IBAMA
- Pontos de Visitação

FONTE:

GRUDE, Grupo de Defesa da Ecologia da Chapada dos Veadeiros. Autor - Elias Martins 1991.

ELABORAÇÃO DIGITAL:

Wagner Rodrigues Geógrafa

LOCAL / DATA:

Goiania, julho de 2001.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros





4.1. Capacidade de Carga Turística no Espaço Infinito Raizama

O Espaço Infinito Santuário Raizama possui 72 ha de área e a trilha de acesso tem 2.360 m de extensão; ela percorre a propriedade no sentido nordeste-sudoeste, leva às piscinas naturais do Rio São Miguel (Figura 43).

A delimitação da capacidade de carga seguiu a mesma norma da delimitação do Parque, sendo que a declividade foi acrescentada ao tipo de solo e vegetação como um dos parâmetros de padrão de frequência:

$$\text{A capacidade do local} = \frac{72}{3} = 34 \text{ turistas}$$

$$\text{Coeficiente de rotação} = \frac{\text{Tempo disponível para visita}}{\text{Duração média das visitas}} = \frac{8}{3} = 2,6$$

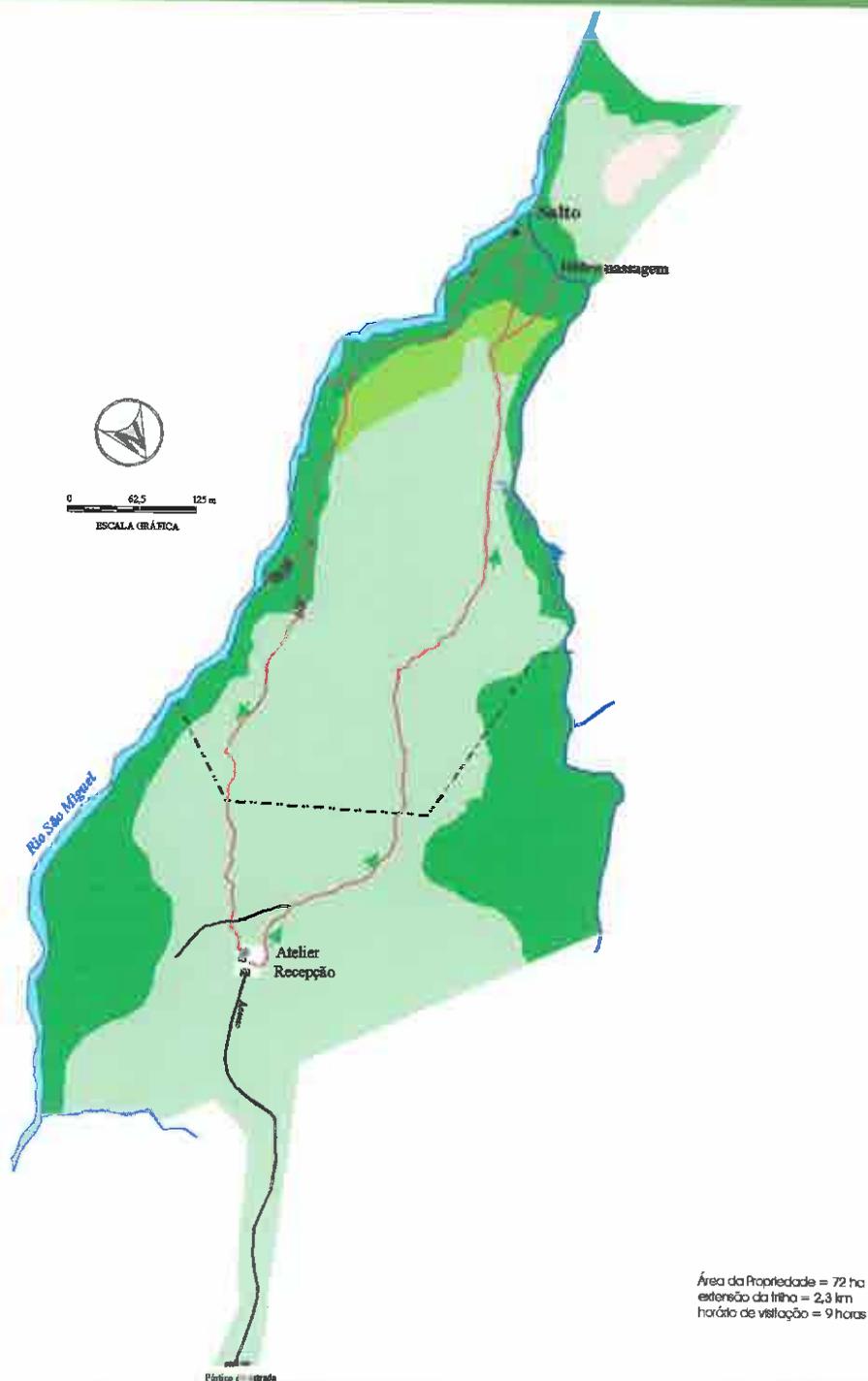
O total das visitas diárias obtém-se da seguinte forma:

$$\text{Total de visitas diárias} = \text{capacidade do local} \times \text{coeficiente de rotação} = 34 \times 2,6 = 88,4$$

A paisagem constituída pela vegetação, pelas trilhas, pelo solo e pelas águas na área do Raizama apresenta-se bem conservado, o que significa que a capacidade de carga não foi ultrapassada e o comportamento dos turistas interfere na sua manutenção, pois há uma postura pela conservação ambiental, que é propagado constantemente pelo proprietário e demais pessoas que vivem no local. O público que visita o Raizama é diferenciado em relação aos visitantes do Vale da Lua, geralmente são "alternativos" e amigos do proprietário, e estão buscando algo mais que os atrativos divulgados pela secretaria de turismo do município e pelos hotéis.



Figura 43 - SÍTIO ESPAÇO INFINITO RAIZAMA



LEGENDA

-  Mata Ciliar
-  Campo Cerrado
-  Campo Sujo
-  Campo Limpo
-  Trilha

FONTE

WWF, Elaboração do Planejamento Ecoturístico do Atrativo Salto Raizama na Chapada dos Veadeiros, 2000

CARTOGRAFIA DIGITAL:

Wagneide Rodrigues
Geógrafa

LOCAL / DATA:

Goiânia / setembro de 2000

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA





4.3. A CAPACIDADE DE CARGA PSICOLÓGICA

A capacidade de carga psicológica possibilita compreender a relação estabelecida entre os moradores com a atividade turística e a importância que é dada a atividade no município. Uma vez que o conhecimento sobre os “filtros” culturais são fundamentais na realização da atividade do turismo.

Nos últimos dez anos têm sido realizadas constantes campanhas de integração e educação ambientais no município, promovidas tanto pelos órgãos governamentais, como os não-governamentais e entidades de classe, como o exemplo do PED e do Projeto Veadeiros citados anteriormente. Essas campanhas são favoráveis a realização do turismo e enfocam a conservação ambiental. Em uma das declarações isso é evidenciado, *“o turismo em Alto Paraíso tem melhorado muito, com uma visão de preservar”*¹⁰.

Entretanto alguns problemas são citados, como a *“falta de controle ambiental nas áreas de visitação e o problema de lixo, especialmente na cachoeira dos cristais, próximo à cidade de Alto Paraíso”*¹¹. Além disso, *“é possível observar problemas como erosão em trilhas do Parque e do Vale da Lua”*¹², que são locais de intenso fluxo de turistas no município ou que *“há problemas de infra-estrutura, as trilhas estão sujas e esburacadas. São Jorge tem vantagens quanto à questão da especulação imobiliária em relação a cidade, pois não cresce em direção ao Parque”*¹³.

Os guias defendem que com a obrigatoriedade da guiagem *“o Parque está conservado, fora está depredado, e há o problema da droga em São Jorge”*¹⁴. Ou ainda, *“o movimento do turismo era melhor, o Parque é mais conservado, os guias têm um papel importante no processo de conservação do lugar.”*¹⁵

Considerando a quantidade de pessoas que freqüentam a região, há mais de dez anos, os lugares de visitação ainda estão conservados, e para a maioria dos guias entrevistados, um dos fatores que contribuem para essa conservação é o fato de a maioria dos turistas possuírem um alto nível de escolaridade e instrução. Para os guias é interessante atender turistas curiosos, que mantêm um “bom papo”, e desperta a

¹⁰ Valdorán, 29 anos (guia e presidente da ACV-CV), Alto Paraíso, agosto de 2000.

¹¹ Roberto, 43 anos (guia da ACV-CV), Alto Paraíso, agosto de 2000.

¹² Elias, 51 anos (jornalista e consultor de ecoturismo), São Jorge, agosto de 2000.

¹³ Balbi, 45 anos, (guia da ACV-CV), São Jorge, setembro de 2000.

¹⁴ Benigno, 40 anos (guia da ACV-CV), São Jorge, setembro de 2000.





curiosidade sobre a região. Eles se sentem mais valorizados e é incentivado a estar sempre realizando cursos de capacitação, melhorando o seu nível de instrução para atender melhor aos turistas, motiva a realização do trabalho, especialmente por conhecerem bem a região e poder estar ensinando isso aos visitantes. Conseqüentemente se envolvem com questões ambientais, enriquecendo as discussões na comunidade local, como a exigência pelos direitos e consciência dos deveres com o meio ambiente.

No entanto, há contradições, pois para os moradores o turismo é uma atividade importante no município mas, mesmo assim, não têm gerado muita renda, e a escassez de emprego é um dos grandes problemas enfrentados. A participação da comunidade local é um dos itens fundamentais para que ele se desenvolva com base na sustentabilidade ambiental e social, o que demonstra que não tem ocorrido a mesma. Um dos moradores defende que só vale a pena a atividade do turismo se houver *“o turismo com envolvimento da comunidade local, a valorização da cultura local, artesanato, produtos naturais da região, resgate dos valores culturais como as ervas medicinais de dona Flor”*.¹⁶

Há aceitação com a atividade, pois, *“o turismo é muito bom, traz verba”*¹⁷, e, *“é bom, conhece gente diferente”*¹⁸. Embora a maioria dos moradores reconhece a importância da atividade, eles têm a consciência de alterações provocadas pelo turismo como o fato de que com o turismo a paisagem *“mudou muito, há mais renda, aumento do preço da terra, e no Solarion recebe muito turista.”*¹⁹, já que houve *“muita mudança com o turismo, tem muita procura para comprar terra.”*²⁰

O aspecto econômico é importante na manutenção da capacidade de carga psicológica pois, o nível de aceitação dos moradores com a atividade turística está diretamente relacionada com a melhoria nas condições de vida da população. *“Houve muitas mudanças, estrada, o transporte, é bom que vai movimentando a comunidade.”*²¹

¹⁵ Zete, 42 anos, São Jorge Pizzaria, São Jorge, setembro de 2000.

¹⁶ Jurema, 56 anos, Moinho, julho de 2000.

¹⁷ Moacir, 29 anos, Moinho, julho de 2000.

¹⁸ Conceição, 47 anos, Moinho, julho de 2000.

¹⁹ João, 40 anos, Moinho, julho de 2000.

²⁰ Edson, 56 anos, Moinho, julho de 2000.

²¹ Bernardina, 71 anos, Moinho, julho de 2000.





As alterações na paisagem com a atividade do turismo e, principalmente o perfil de turista interfere na sustentabilidade da atividade, pois *“há oito anos o turismo era basicamente esotérico, hoje ele é mais elitizado, há mais consciência ecológica, poder aquisitivo maior”*²², a exigência é maior por conforto, como televisão e frigobar nos quartos que devem ser suítes, aumentando os gastos com energia e água.

Um dos aspectos interessantes nas pesquisas foi a contradição do fato de haver uma relação amistosa entre turistas e moradores, como eles têm o *“respeito pelo visitante e pelo próprio lugar, recebem bem, são hospitaleiros, simples, transmitem confiabilidade”*²³. No entanto, a presença de turistas no município tem provocado muitos conflitos, como a especulação imobiliária e o *“inchaço”* dos centros urbanos em feriados prolongados reduzindo a qualidade de vida, interferindo na capacidade de carga, e mais especificamente na capacidade de carga psicológica.

Apesar de tantos apontamentos negativos com a atividade do turismo, há o destaque positivo que é o envolvimento dos guias com os turistas, que já foi citado anteriormente, em todas as entrevistas com turistas o comentário sobre os guias é positivo, há um *“bom conceito pelos guias, atendem bem”*²⁴. Isso demonstra que o incentivo para que ocorra uma sustentabilidade da atividade turística está em andamento. No entanto, é um processo lento considerando a complexidade do tema, pois a sua abrangência vai da esfera econômica até a cultural, e além de tudo, é uma questão conceitual, de concepção do mundo.

²² Jorge, 34 anos, Alto Paraíso, agosto de 2000.

²³ Rafael, 19 anos, Vale da Lua, agosto de 2000.

²⁴ Eliel, 44 anos, Alto Paraíso, setembro de 2000.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os questionamentos levantados no início da pesquisa foram sendo respondidos a medida em que se investigou a realidade turística no município. Isso se deu com a análise dos dados (bibliográficos e documental e, entrevistas em trabalho de campo) e, ainda no processo de constituição da dissertação, na qual foi realizada uma reflexão sobre o turismo e a sustentabilidade.

Os temas relacionados à capacidade de carga turística e à sustentabilidade relaciona-se com o ciclo de vida do produto turístico. Alguns autores formularam modelos para explicar esse ciclo. Thurot (1973, p. 58, *apud* Ruschmann 1997:93), através de um estudo no Caribe propõe um modelo de evolução do turismo fundamentado em sucessão de classes sociais e na evolução de rotas aéreas. No seu entender, as destinações turísticas passam por três fase: 1ª fase – Descoberta por turistas ricos e construção de um hotel de classe internacional; 2ª fase – Desenvolvimento de hotéis para a classe média-alta (e expansão do tráfego turístico); e 3ª fase perda de originalidade e advento da classe média e do turismo de massa. Para ele a duração de cada fase depende do tempo em que a classe média leva para chegar ao local e a rapidez com a qual as “classes ociosas tradicionais” encontram novas destinações.

Em Plog (1973, p. 14, *apud* Ruschmann 1997: 94), é abordada a “morte anunciada o turismo”; todavia ele não enfatiza a classe social mas sim a personalidade dos diferentes tipos de turistas. Para ele os turistas se distribuem numa linha que vai desde o psicocentrismo, caracterizado por pessoas autocentradas, ansiosas, inibidas, avessas a aventuras e preocupadas com os pequenos problemas da vida, até o alocentrismo, marcado por pessoas cujos padrões de interesse estão centralizado em várias atividades. São pessoas extrovertidas e autoconfiantes, buscam sempre novidade e aventuras já os mesotênticos têm o meio termo dos comportamentos citados anteriormente. Uma



nova destinação turística será “descoberta” pelos turistas alocêntricos e, quanto se torna mais conhecida e com maior e melhor infra-estrutura turística, em geral, passa a ser freqüentada pelos mesocêntricos, que correspondem ao segmento quantitativo mais numeroso, chamado de turismo de massa. Nesse estágio, há a perda da qualidade e as características motivadoras da vinda de turista são portadoras das sementes da própria extinção.

Já Holder (1991:280, *apud* Ruschmann 1997:), formula a “teoria da autodestruição do turismo”, baseando-a no postulado de que o turismo se desenvolve e sucumbe ciclicamente em quatro fase: 1ª fase – um local distante e exótico oferece descanso, sossego e relaxamento, proporcionando refúgio para os ricos que lá vivem isolados da população local; 2ª fase – a promoção turística que atrai pessoas da classe média que vêm muito mais para imitar os ricos do que em busca de descanso e de relaxamento. O local perde a característica de refúgio parasidíaco; 3ª fase – Os equipamentos para o turismo de massa atraem pessoas de poder econômico e de padrões e comportamentos sociais mais baixos, conduzindo à degradação social do meio turístico; e, finalmente 4ª fase – a localidade perde sua atratividade e decai social e economicamente, os turistas “fogem”, deixando atrás de si equipamentos turísticos abandonados, e uma população residente que não conseguirá voltar ao modo de vida anterior.

A sustentabilidade da atividade turística relaciona-se com o ciclo de vida, citado acima, que segundo Butler (1980) *apud* Ruschmann (1997:104), compreende as fases de exploração, investimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação e declínio ou rejuvenescimento. Essas fases são caracterizadas pelos seguintes momentos: o primeiro pela exploração, com a participação da população local; o segundo caracteriza-se pelo investimento através de organizações de fora que tomam gradativamente o espaço dos moradores locais; no terceiro tem o desenvolvimento, com o aumento da propaganda e de turistas; após isso se alcança a consolidação; na quarta fase e na quinta, a estagnação, e, finalmente o declínio





ou rejuvenescimento. Estas fases podem ser correlacionadas aos acontecimentos marcantes que desencadearam o desenvolvimento do turismo no município, que vai da primeira até à quarta, de consolidação, o asfaltamento da GO-118, facilitando o acesso ao local; o estabelecimento de regras para visitação no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros aliado   obrigatoriedade de guias; a partir de 1995, comea a ser propagado pela m dia as belezas locais atraindo maior fluxo de turistas. Isso explica-se pela situao da época, logo após a ECO-92, no Rio de Janeiro, em que o turismo na natureza se expande; e no Estado de Goiás a realizao de projetos de incentivo ao turismo como o PED, em 1997. Portanto, no momento, está ocorrendo a fase de consolidao, com a implantao de vários projetos, citados em capítulos anteriores.

O turismo favorece uma parcela reduzida da populao na gerao de renda.   o caso dos guias e geralmente, dos empresários. Estes são "os de fora", imigrantes, os "alternativos", muitos de São Paulo, que se estabeleceram no início da década de 90. Ocorre restrio das oportunidades dos moradores locais de se envolverem com a nova atividade econômica, e ela acaba sendo um inc modo por causa da quantidade de turistas ocupando o seu território. Isso intensifica o conflito social existente e interfere na capacidade de carga psicológica.

A determinao da capacidade de carga turística apresenta contradies nos resultados, que são numéricos, o que torna necessário estabelecer um meio termo, no sentido de resguardar os recursos naturais da explorao econômica. Para alguns especialistas o número limite de visitantes pode ser mais elevado do que, por exemplo, para quem vive no lugar. Ou seja, o número   influenciado pela percepo ambiental, interferindo diretamente na capacidade de carga psicológica. Porém, em Ruschmann (1997:116), o resultado quantitativo da Capacidade de Carga   relativo, pois "...não existe um limite claramente definido para ela, uma vez que a capacidade de um atrativo, de uma área ou de um local depende de elementos culturais e naturais, que variam tanto espacial como temporalmente".





O turismo ecológico é a “bandeira” dos que estão envolvidos com o turismo no município. No entanto, é estreito o caminho entre as intenções da conservação ambiental e a aquisição de renda. Assim, tem observado uma grande comercialização e por conseguinte um intenso fluxo turístico, tornando o tão almejado turismo ecológico num turismo de massa. E para Almeida “(...) no contexto atual, a valorização dos aspectos econômicos do turismo tem negligenciado os estudos e a consideração dos aspectos relacionados com a natureza, a cultura e os aspectos psicossociais dos locais receptores.” (2000:60.)

O turismo é considerado uma atividade econômica importante para o município, o que tem proporcionado ações que visam o planejamento da atividade, entre os diversos representantes locais, porém há conflitos entre a exploração turística e a conservação ambiental. A atividade turística é considerada um dos “carros chefes” de políticas do município, que se baseiam no discurso do desenvolvimento sustentável.

As questões ambientais estão na pauta de discussões nos mais diversos tipos de associação e/ou grupos que existem em Alto Paraíso. Com certeza isso favorece uma postura crítica frente ao processo de apropriação pelo turismo, porém não tem ainda ocorrido um turismo sustentável. Há problemas de infra-estrutura e fragilidade do ambiente, identificados no Plano Diretor (1998). Estes são mais voltados para a área urbana onde se verifica a escassez de água, a ocupação desordenada do território provocando o assoreamento dos rios e erosões. A área da saúde é ineficiente para atender à população, há problemas de abastecimento de água, de rede de esgoto e de energia elétrica. Há, ainda, problemas com a destinação do lixo, depositado a céu aberto, e se agrava com o aumento populacional em períodos de feriados prolongados. Diante deste quadro, o turismo de vertente ecológica, principal estímulo de atração de visitantes, não está promovendo a conservação ambiental e está distante dos parâmetros de sustentabilidade discutidos em capítulos anteriores.





Há ainda implicações sociais com a atividade do turismo, que proporciona o contato com outras culturas, formando uma cultura singular, a cultura de Alto Paraíso de Goiás. O turismo, em todas as suas vertentes, é uma atividade cultural e um de seus “implicadores” é o rompimento de costumes locais. Ele constrói o território, se apropria de espaços e estrutura uma nova ordem social.

A alteração na paisagem, em Alto Paraíso de Goiás, com a presença de turistas, é notável. Há o aumento de números de pessoas no comércio, nos hotéis e restaurantes. As ruas ficam mais movimentadas e os locais de visitação recebem turistas de lugares diferentes. A infra-estrutura de recebimento aos turistas tem melhorado muito nos últimos anos na cidade. Têm surgido mais restaurantes, padarias, porém ainda   precário o atendimento ao turista.

Os locais privilegiados são os de fácil acesso e geralmente os indicados pelo Centro de Atendimento ao Turista e pelos guias. A maioria dos turistas que procura a região alega que o tempo   curto para conhecer todos os atrativos.

O turismo realizado em São Jorge tem promovido maiores altera es na paisagem, que aquele realizado na região do Moinho, pois o perfil do turismo nestes dois locais   diferenciado. No primeiro há o predomínio de turistas mesoc tricos, ou seja, segmento quantitativo mais numeroso, geralmente chamado de turismo de massa. São os estudantes em busca de longas caminhadas e anima o   noite, geralmente acampando no povoado de São Jorge e os turistas de classe média a média alta, que se hospedam nas pousadas. No segundo, são turistas aloc tricos, geralmente funcionários públicos ou pesquisadores em busca de terapias, de tranqüilidade e, geralmente se hospedam na cidade de Alto Paraíso.

O fluxo turístico mais intenso se dá nas áreas de melhor acesso, como   o caso do Vale da Lua, da Cachoeira São Bento e, das Cachoeiras Almécegas I e II, onde a capacidade de carga turística foi ultrapassada, com lixo e assoreamento das vias de acesso. O fato ocorre por falta de planejamento da atividade e das a es para atrair os turistas.





A Lua e o Sol, São Jorge e Moinho, o lugar da festa e o lugar do trabalho, assim caracterizam-se esses dois pólos de visitação. O território turístico se concentra nessa linha da GO-237, priorizando as áreas mais altas e de relevo movimentado, onde há muitas cachoeiras e mirantes.

A tendência atual de ocupação do turismo no município é a região do Moinho, porta de entrada para a região do “sertão”, que apresenta bem conservada e é uma área particular no município, por seu caráter histórico e pela diferenciação de clima e relevo em relação à área mais ocupada, próxima ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Com isso, tem ocorrido a dispersão em áreas que já foram de grande concentração. No Moinho, o ciclo de vida da atividade turística encontra-se na fase inicial, caracterizado por visitantes do tipo psicocêntrico, de acordo com Plog (1973) apud Ruschmann (1997), ou seja, pessoas autocentradas, inibidas, avessas a aventuras. O turismo ainda não se introduziu com tanta intensidade, pois no local há restrições na infra-estrutura, como transporte, alimentação e hospedagem. Nesse contexto, Krippendorf (1975) apud Ruschmann (1997:95), afirma que *o turismo destruirá o turismo* e sugere um turismo brando, no qual os turistas serão atendidos pela infra-estrutura destinada à população local, renunciando aos equipamentos turísticos complementares que alteram a originalidade das paisagens e os outros recursos culturais. Ele denominou a atividade “devoradora de paisagens”, pois o fluxo de grande quantidade de pessoas destrói aquilo que a faz viver, a beleza e a originalidade das atrações. E isso é defendido pelos alternativos que vivem no Moinho desde final da década de 70.

Em São Jorge a atividade turística é intensa, e a ocupação tem se dado de forma desordenada, com grande fluxo turístico propiciado principalmente pelas áreas de camping. Tem ocorrido a descaracterização da cultura local, os moradores dependem muito do turismo e quando não há turistas, a economia no povoado fica estagnada.





A população local tem, como atrativos turísticos áreas específicas de visitação, como a Cachoeira São Bento, ou a Cachoeira dos Cristais. Ela procura as áreas mais próximas à cidade e de fácil acesso. Em São Jorge os lugares privilegiados ao longo do Vale do Rio São Miguel, são propriedades privadas de amigos e para visitas são os indicados pelo Centro de Atendimento ao Turista. Os moradores se sentem responsáveis pela conservação do lugar, se vêem inserido nele, que é parte de seu cotidiano. Gradativamente a busca pela conservação ambiental tem sido adotada pelos proprietários de terra, políticos, moradores e turistas. Isso tem proporcionado trocas de experiências entre os municípios vizinhos que compõem a região da Chapada dos Veadeiros e estão iniciando o processo de territorialização do turismo.

Ao longo das discussões, a pesquisa esteve voltada para a questão da legitimação da sustentabilidade dentro do turismo ecológico. Um discurso constante nas ações direcionadas ao turismo em Alto Paraíso de Goiás. Os significados de turismo e sustentável apresentam-se discordantes, o que dificulta a aplicação do discurso de um turismo sustentável. Há conflitos claros na atividade, como o caso de ela provocar tanto a exploração de locais preservados, intactos, como promover a conservação ambiental através de educação ambiental e valorização da paisagem. Assim, há contradições na realização da atividade, pois ela se desenvolve na lógica da produção capitalista, com base na acumulação material.

Alem disso, há ainda uma particularidade na organização da paisagem no município de Alto Paraíso, o conflito social entre os “alternativos” e os “nativos”. Isso demonstra que a sustentabilidade social não ocorre, fragilizando o discurso do turismo sustentável, uma vez que

“Difícilmente (...) ele será sustentável em todas essas dimensões. As noções de desenvolvimento econômico e de sustentabilidade (natural e social) são quase antagônicas, o que pode colocar em risco a seriedade ou credibilidade de um planejamento. A ideologia da sustentabilidade é limitada pela própria economia de mercado.” Luchiari, 2000:128





O sistema econômico regula a aplicação de modalidades econômicas, e isso ocorre no turismo, por isso é difícil considerá-lo sustentável. Infelizmente, é delicado afirmar que há sustentabilidade na atividade turística, uma vez que o padrão econômico, no qual ela se fundamenta, é incompatível com o conceito de sustentabilidade.

A sustentabilidade da atividade turística relaciona-se com a manutenção da capacidade de carga, que possui vários níveis citados no trabalho. Mas, a capacidade de carga psicológica é a reguladora das demais, pois os aspectos sócio-culturais, como a população local e o perfil dos turistas são essenciais para a manutenção dos demais tipos de suportes.

De modo geral, para que ocorra o turismo sustentável, é necessário intensificar as pesquisas locais e promover o planejamento ambiental, dentro de políticas voltadas para a proteção ambiental. A carência científica é notória, porém têm ocorrido mudanças paulatinamente de comportamento e conceitos sobre o meio ambiente, ou seja alterações na percepção ambiental.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Maria Geralda de. *Turistificação - os novos atores e imagens do litoral cearense*. In: VI Encontro Regional de Estudos Geográficos - Nordeste: Turismo, Meio Ambiente e Globalização. João Pessoa, 13 a 16 de julho de 1997. UFPB. (página 27 –36)
- _____. *Cultura - Invenção e construção do objeto turístico*. In: Espaço Aberto 3 - Turismo e Formação Profissional. AGB - Seção Fortaleza. 199 (página 17 –30)
- _____. *Algumas Inquietações sobre Ambiente e Turismo*. In: Encontro Nacional de Geografia 2001. Aracaju, NPGeo/UFS, 2000. (página 51-64)
- AJARA, César. *A abordagem Geográfica: suas possibilidades no tratamento da questão ambiental*. In: : IBGE – Geografia e Questão Ambiental. Rio de Janeiro: IBGE, 1993 (página 09 – 12)
- ALBUQUERQUE, José Augusto Matinez. *A construção do Espaço da Chapada dos Veadeiros*. In: DUARTE, Laura Maria Goulart & BRAGA, Maria Lúcia de S. (orgs). Tristes Cerrados: sociedade e biodiversidade. Brasília:Paralelo 15, 1998 (página 255 – 259)
- ANDRADE, Manuel Correia de. *Uma Geografia para o Século XXI*. Campinas, São Paulo: Papius, 1994.
- _____. *O Desafio Ecológico –Utopia e Realidade*, São Paulo: Hucitec, 1994
- ATUCH, Ricardo. *Diagnóstico do Inventário da Oferta Turística*. PED - Projeto de Execução Descentralizada/MMA/Estado de Goiás/ Prefeitura Municipal de Alto Paraíso. GO, junho de 1997. (96 páginas)
- BAILLY, Antoine & SCARATI, Renato. *L'Humanisme en Géographie*. Paris/ França: Anthropos, Economia, 49, 1990. (página 60 – 75)
- BAIOCCHI, Mari de Nazaré. *Kalunga: Povo da Terra / Mari de Nasaré Baiocchi*. – Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999. (124 páginas)
- BARBOSA, José Luiz. *Paisagens Americanas: imagens e representações do Wilderness* . In: Revista Espaço e Cultura, Nº 5 Jan/Jun. 1998, Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC Jan/jun 1998. (página 43- 54)
- BARROS, Nilson Cortez Crocia de. *Técnicas de Análise em Geografia do Turismo*. In: op cit, Manual de Geografia do Turismo: meio ambiente, cultura e paisagens. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998. (página 75 – 85)
- BARREIRA, Celene C. M. Antunes, *O Vão do Paranã*. São Paulo: USP (Tese de doutorado), 1997.



- BARRETO, Margarita. *As Ciências Sociais Aplicadas ao Turismo*. In: SERRANO, Célia, BRUHNS, Heloisa Turini, LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Olhares Contemporâneos sobre o Turismo. São Paulo: Papirus, 2000. (página 17 - 36)
- BECKER, Bertha. *Políticas e Planejamento do Turismo no Brasil*. In: YÁZIGI, Eduardo, CARLOS, Ana Fani Alessadri & CRUZ, Rita de Cássia Arizo da. Turismo – espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996 (181 – 192)
- BLEY, Lineu. *Morretes: um estudo de paisagem valorizada* In: : RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia (orgs.) Percepção Ambiental: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, São Carlos, SP: Universidade de São Carlos, 1996. (página 121 - 138)
- BOO, Elizabeth. *O Planejamento Ecoturístico para Áreas Protegidas*. In: LINDBERG, Kreg. HAWKINS, Donald E. Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão. São Paulo: Editora SENAC, 1995. (página 31 – 58)
- BRANDÃO, Antônio José da Costa. *Almanach da Província de Goyaz Para o Anno de 1886*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1978. (157 páginas)
- BUTTNER, Anne. *Apreendendo o dinamismo do mundo vivido*. In: CRISTOFOLETTI, Antônio (org.) Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982 (página 165 – 194)
- CARLEIAL, Liana Maria da Frota. *A Questão Regional no Brasil Contemporâneo*. In: LAVINAS, Lena, CARLEIAL, Liana Maria da Frota & NABUCO, Maria Regina (orgs.) Reestruturação do espaço geográfico., São Paulo: Hucitec/ ANPUR (Associação Nacional de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, 1993 (página 35 – 58)
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Lugar no/do Mundo*, São Paulo: Hucitec, 1996 (150 páginas)
- _____ & CRUZ, Rita de Cássia Arizo da. *Turismo – espaço, paisagem e cultura*, São Paulo: Hucitec, 1996 (página 133 – 155))
- CASSETI, Valter. *Relações Homem-Natureza e suas implicações*. In: CASSETI, Valter. Ambiente e Apropriação do Relevo, SP:Contexto. 1991.(página 27 –36)
- COELHO, Maria Célia Nunes. *Natureza e discurso ecoturístico na Amazônia*. Revista Território. RJ/UFRJ/LAGET, ano III, nº 5 (jul/dez. 1998) – Rio de Janeiro: Garamond, 1998 (página 67 – 84)
- CONTI, José Bueno. *A Natureza nos Caminhos do Turismo*. In: Espaço Aberto 3 - Turismo e Formação Profissional. AGB - Seção Fortaleza, CE, 1998. (páginas 11 - 16)
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Carl Sauer e a Geografia Cultural*. In: Revista Brasileira de Geografia (IBGE). Rio de Janeiro, 51(1), jan/jun, 1989 (página 113 - 122)
- _____. *Espaço, um conceito-chave da Geografia*. In: CORRÊA, Roberto Lobato, COSTA, Paulo César gomes & CASTRO, Iná Elias de (orgs). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. (página 15 - 48)

- _____, ROSENDAHL, Zeny. *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 1999. (247 páginas)
- CORIOLOANO, Luzia Neide M. *Do Local ao Global - O Turismo Litorâneo Cearense*. Fortaleza, Ceará: Papyrus. 1998 (160 páginas)
- COSGROVE, Denis E.. *Em direção a uma Geografia Cultural Radical: problemas da Teoria In: Revista Espaço e Cultura*, N° 5 Jan/Jun. 1998, Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC Jan/jun 1998. (página 05 – 30)
- CHAIM, Marivone Matos. *A Idade do Ouro e a Paisagem Social Goiana*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, N.º 5 Outubro/1976. (página 60 – 79)
- CHAUL, Nasr N. Fayad. *A Construção de Goiânia e a Transferência da Capital*. Goiânia: CEGRAF (Coleção Documentos Goianos, 17), 1998. (174 páginas)
- CHAVEZ, Eduardo Salinas. *Determinacion de la capacidad de carga*. Mimiografado, sem data.
- _____, & RODRIGUEZ, José Mateo. *La Capacidad de Carga de los paisajes: su analisis y evaluacion para el turismo*. In: Geosul - Revista do Departamento de Geociências - CFH/UFSC N° 16, ano VIII - 2º semestre de 1993 Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993. (Página 7-29)
- CRISTOFOLETTI, Antônio. *As perspectivas dos estudos geográficos*. In: CRISTOFOLETTI, Antônio (org.) Perspectivas da Geografia. São Paulo:Difel, 1982 (página 11 – 36)
- DARDENNE, Marcel Auguste & CAMPOS José Eloi Guimarães *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil - PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS – GO*. Brasília: UnB, Instituto de Geociências - Departamento de Geoquímica e Recursos Minerais, 2000 (www.pnv/sigep-sítio096).
- DEMANGEON, Albert. *Uma definição da Geografia Humana*. In: CRISTOFOLETTI, Antônio (org.) Perspectivas da Geografia. São Paulo:Difel, 1982 (página 49 – 58)
- DUARTE, Laura M. Goulart & BRAGA, Maria Lúcia de Santana. *Tristes Cerrados. Sociedade e Biodiversidade*. Brasília: Paralelo 15, 1998. . (299 páginas)
- FEARNDIDE, Philip M. *Modelagem estocástica na estimativa da capacidade de suporte humana – um instrumento para o planejamento de desenvolvimento da Amazônia*. Manaus: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1982. (33 páginas)
- FILHO AMORIM, Oswaldo Bueno. *Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais*. In: : RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia (orgs.) Percepção Ambiental: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, São Carlos, SP: Universidade de São Carlos, 1996. (página 139 – 152)
- FILHO PELLEGRINI, Américo, *Ecologia, Cultura e Turismo*, 2ª Campinas/SP: Papyrus, 1996. (140 páginas)



- FRANCO, Augusto de. *O Segredo do Paraíso*. Brasília: Edições O Livro Aberto, 1997. (110 páginas)
- FUNDAÇÃO INDUR. *Coleção Diagnoses Municipais - Alto Paraíso de Goiás*. Vol 01, (GO)Goiânia: Publicações Fundação Indur (Fundação Instituto de Desenvolvimento Urbano e Regional), 1979. 101 páginas
- GALLERO, Ávaro Lopez. *El impacto de la globalizacion sobre el turismo*. In: RODRIGUES, Adyr B (org.). Turismo e Geografia – reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996. (página 33 - 38)
- GAEA – Grupo de Assistência ao Excursionismo Ambiental. *Ecoturismo na Chapada dos Veadeiros*. Alto Paraíso de Goiás, 2000.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1996.
- _____. *Identidade e exílio: fundamentos para a compreensão da cultura*. In : Revista Espaço e Cultura, Nº 5 Jan/Jun. 1998, Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC Jan/jun 1998. (página 31 – 42)
- GUIMARÃES, Roberto P. *Desenvolvimento Sustentável: da retórica à formulação de políticas públicas*. In: BECKER, Bertha R. & MIRANDA, Mariana (orgs.) A Geografia Política do Desenvolvimento Sustentável, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.(páginas 7 – 22)
- HOLZER, Werther. *Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente*. In: Revista Território. RJ/UFRJ/LAGET, ano II, nº 3 (jul/dez. 1997) – Rio de Janeiro:Garamond, 1997 (página 77-86)
- _____. *A Geografia Humanista: uma revisão*. In: Revista Espaço e Cultura, Nº 3 (dez 1996), Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC dez. 1998. (página 08 – 19)
- IGANARRA, Luis Renato. *Fundamentos do Turismo*. São Paulo: Pioneira, 1999. (115 páginas)
- ISPN – Instituto Sociedade, População e Natureza. *Levantamento Sócioeconômico de Alto Paraíso de Goiás*. DF/Brasília:ISPN, junho de 1999. (190 páginas)
- JORNAL FLOR DA CHAPADA. *Os fortes também choram*, pág. 08. Alto Paraíso de Goiás: ano 1, nº 1, dezembro de 1997.
- JORNAL VEADEIROS. Alto Paraíso de Goiás: Projeto Veadeiros, maio/junho, 1999.
- _____. Alto Paraíso de Goiás: Projeto Veadeiros, maio/junho/julho, 2000.
- _____. Alto Paraíso de Goiás: Projeto Veadeiros, setembro/outubro/novembro, 2000.
- JORNAL O POPULAR, Crônicas & outras histórias. Felício Brasigóis. Alto Paraíso: o jardim do éden. Goiânia, agosto de 2000.

- KNAFOU, Remy. *Turismo e Território – por uma abordagem científica do turismo*. In: RODRIGUES, Adyr B (org.). Turismo e Geografia – reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996. (página 62 - 74)
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo – para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. (235 páginas)
- LOWENTHAL, David. *Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica*. In: CRISTOFOLETTI, Antônio (org.) Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982 (página 103 – 142)
- LEMOS, Amália Inês G. de. *Turismo – Impactos Sócioambientais*. São Paulo: Hucitec, 1996 (305 páginas)
- LIMA, Luiz José do Rego Cunha (Lula). *Pequeno Histórico da Grande Chapada dos Veadeiros*. Alto Paraíso de Goiás: PED, 1998. (32 páginas)
- LIMA, Ricardo Barbosa de. *Natureza: uma categoria do social*. Brasília: UnB (Dissertação de Mestrado), 1999. (151 páginas)
- LIVRO DE LEIS, Prefeitura Municipal de Alto Paraíso de Goiás, 2000.
- LUCHIARI, Maria Tereza D. P. *Urbanização Turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo*. In: SERRANO, Célia, BRUHNS, Heloisa Turini, LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Olhares Contemporâneos sobre o Turismo. São Paulo: Papyrus, 2000. (página 105 – 130)
- MACHADO, Lucy Marion C. P. *Paisagem valorizada – a Serra do Mar como Espaço e como Lugar*. In: RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia (orgs.) Percepção Ambiental: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, São Carlos, SP: Universidade de São Carlos, 1996. (página 97 - 120)
- MACEDO, Marta de Paiva. *Pré-projeto de Exploração Sustentável do Ecoturismo na Chapada dos Veadeiros*. Goiânia: UFG (pesquisa de final de disciplina - planejamento ambiental), 1995. (27 páginas)
- MARTINELLI, Fábio Vieira. *Ecoturismo na Chapada dos Veadeiros - A difícil trilha de uma atividade sustentável*. (Monografia - Bacharelado) UFG-IESA, Goiânia – GO, 1998. (55 páginas)
- MCDOWELL, Linda. *A transformação da Geografia Cultural*. In: DERECK, Gregory e outros. Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. (página 159 – 188)
- MELLO, João B. Ferreira. *Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo*. In: Revista Brasileira de Geografia (IBGE). Rio de Janeiro, 52(4), out/dez, 1990 (página 91-115)
-
- _____. *A Humanização da Natureza – Uma Odisséia para a (re)conquista do Paraíso*. In: IBGE – Geografia e Questão Ambiental. Rio de Janeiro: IBGE, 1993 (página 31 - 40)



- MENDONÇA, Rita. *Turismo ou Meio Ambiente: uma falsa oposição*. In: LEMOS, Amália Inês G. de. Turismo – Impactos Sócioambientais. SP: Hucitec, 1995. (página 17 – 31)
- MITRAUD, Sylvia. *Monitoramento e Controle de Impactos de Visitação*. Brasília: WWF, 1999. (49 páginas)
- MICT/MMA, *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*. Brasília: EMBRATUR, 1994. (48 páginas)
- NICOLÁS, Daniel Hiemaux. *Elementos para un análisis sociogeográfico del turismo*. In: RODRIGUES, Adyr. B. (org.). Turismo e Geografia: Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais. São Paulo: Hucitec, 1996. (página 39 – 54)
- OURIQUES, Helton Ricardo. *O Turismo e Questão Ambiental na Ilha de Santa Catarina*. In: Geosul - Revista do Departamento de Geociências - CFH/UFSC Nº 16, ano VIII - 2º semestre de 1993. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1993. (página 30 - 36)
- PALACIN, Luís. *O Século do Ouro em Goiás. 1722-1822: Estrutura e conjuntura numa Capitania de Minas*. Goiânia: UCG, 1994.
- PAULINO, Maricélia. *Alto Paraíso de Goiás – Levantamento social, cultural e físico*. Alto Paraíso: manuscrito, 1990. (20 páginas)
- PED (Plano de Execução Descentralizada) -MMA/PNMA/GOVERNO DE GOIÁS/SEHARH/PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTO PARAÍSO/ASJOR/CRESR-GAMA/AMORMOINHO/APROMAS. *Jornal Flor da Chapada*, ano 1, nº 1, dez. 1997. Alto Paraíso de Goiás: Projeto (8 páginas)
- PEREIRA, Tadeu Proença. *Definição de Objetivos e Visão de Futuro como contribuição à Gestão Biorregional no Município de Alto Paraíso – GO*. Brasília: UnB (Dissertação de Mestrado), 2000. (88 páginas)
- POCOCK, Douglas C. D. *La géographie humaniste*. In: BAILLY, Antoine S. (coord.) Les concepts de la géographie humaine. Paris: MASSON, 1984 (página 140 – 142)
- PORTUGUEZ, Anderson Pereira. *Agroturismo e Desenvolvimento Regional*. São Paulo: Hucitec, 1999. (127 páginas)
- PLANO DIRETOR AMBIENTAL DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, 1998. Prefeitura Municipal, gestão 1995-1999. (212 páginas)
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, *Livro de Leis 1991 – 2000 (diretrizes para o turismo)*. Alto Paraíso de Goiás, 2000.
- PROJETO VEADEIROS, *Folder informativo: uma iniciativa piloto no cerrado para o desenvolvimento do ecoturismo regional de base comunitária*. Alto Paraíso de Goiás: WWF, 1999.
- _____. *Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo*. Planejamento Santuário Salto Raizama. Goiânia: Grupo Nativa / WWF, agosto de 2000. (92 páginas)



- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- REVISTA GALILEU. RJ: Globo Cochrane/Ecofuturo, WWF, Nº 108, 2000.
- RIBEIRO, Gustavo Lins & BARROS, Flávia Lessa de. *A corrida por paisagens autênticas: Turismo, Meio Ambiente e Subjetividade no Mundo Contemporâneo*. In: SERRANO, Célia M. Toledo & BRUHNS, Heloísa T. Viagens à Natureza - Turismo, Cultura e Ambiente. Papyrus Editora, SP. 1996
- RIBEIRO, Miguel Angelo. *Prostituição de rua e turismo em copacabana – a Avenida Atlântica e a procura do prazer*. In: : Revista Território. RJ/UFRJ/LAGET, ano II, nº 3 (jul/dez. 1997) – Rio de Janeiro: Garamond, 1997 (página 87 - 99)
- RIBEIRO, José Felipe & WALTER, Bruno Machado Teles. *Fitofisionomias do Bioma Cerrado*. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. ED. *Cerrado – ambiente e flora*. Planaltina: EMBRAPA – CPAC, 1998. (página 89 – 166)
- RODRIGUES, Adyr B. *Turismo e Geografia - Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais*. SP: Hucitec, 1996. (org.) . (248 páginas)
- _____. *Desafios para os estudiosos do Turismo*. In: RODRIGUES, Adyr B (org.). Turismo e Geografia – Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais. São Paulo: Hucitec, 1996. (página 17 - 32)
- _____. *Geografia e Turismo - Reflexões Preliminares*. In: RODRIGUES, Adyr B. Turismo e Espaço - Rumo a um conhecimento transdisciplinar. SP: Hucitec, 1997 (página 37 –60)
- _____. *Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Hucitec, 1999. (158 páginas)
- ROSENDAHL, Zeny. *O Espaço, O Sagrado e o Profano*. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL Zeny. Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: ed UERJ, 1999. (231 – 247)
- RUSHMANN, Doris. *Turismo e Planejamento Sustentável - A Proteção do Meio Ambiente*. Campinas. SP: Papyrus Editora, 1997. (200 páginas)
- SACHS, Igancy. *Sem medo de discordar*. In: Revista Visão, RJ, 1979.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo – globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1996. (190 páginas)
- _____. *Metamorfose do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec 5ª ed., 1997 (124 páginas)
- _____. *Modo de produção científica e diferenciação espacial*. In: Revista Território. RJ/UFRJ/LAGET, ano V, nº 5 (jan/jun. 1999) – Rio de Janeiro: Garamond, 1999 (página 5 – 20)



- SAUER, Carl O. *Geografia Cultural*. In: Revista Espaço e Cultura, Nº 3 (dez 1996), Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC dez. 1998. (página 01 – 09)
- SEBRAE (Setorial de Turismo – Programa de Turismo Rural)/ GRUPO NATIVA (Proteção, Pesquisa e Informação Ambiental). *Turismo Rural – Conceitos e Princípios*. Goiânia: Nativa, 1998. (33 páginas)
- _____. *Inventário e Diagnóstico do Município de Formosa*. GO-Goiânia: Nativa, 1999. (27 páginas)
- SENAC, LINDBERG, Kreg. HAWKINS, Donald E. *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão*. São Paulo: Editora SENAC, 1995. (289 páginas)
- SERRANO, Célia, BRUHNS, Heloisa Turini, LUCHIARI, Maria Tereza D. P. *Olhares Contemporâneos sobre o Turismo*. São Paulo: Papirus, 2000. (206 páginas)
- _____. *A vida e os Parques: Proteção Ambiental, Turismo e Conflitos de Legitimidade em Unidades de Conservação*. In: SERRANO, Célia, BRUHNS, Heloisa Turini (orgs). Viagens à Natureza. 3ª Ed. São Paulo: Papirus, 2000b.
- SILVA, Telma Domingues da. *O Ambiente e o Turista: uma abordagem discursiva*. In: SERRANO, Célia M. Toledo & BRUHNS, Heloísa T. Viagens à Natureza Turismo, Cultura e Ambiente. SP Papirus Editora. 1996.
- SIQUEIRA, Deis & BANDEIRA, Lourdes. *O misticismo no Planalto Central: Alto Paraíso o “Chakra cardíaco do planeta”*. In: DUARTE, Laura Maria Goulart & BRAGA, Maria Lúcia de S. (orgs). Tristes Cerrados: sociedade e biodiversidade. Brasília:Paralelo 15, 1998 (página 261 – 298)
- SOJA, Edwar W. *Geografias Pós-Modernas – a reafirmação do espaço na teoria social e crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. (334 páginas)
- TUAN, Yi-fu. *Topolia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: Difel. 1979. (288 páginas)
- _____. *Geografia Humanística*. In: CRISTOFOLETTI, Antônio (org.) Perspectivas da Geografia. São Paulo:Difel, 1982 (página 143 - 164)
- _____. *Espaço e Lugar – a perspectiva da experiência*. São Paulo:Difel, 1983. (250 páginas)
- YÁZIGI, E., CARLOS, A. F., CRUZ, Rita de C. A. da (orgs), *Turismo – Espaço, Paisagem e Cultura*, São Paulo: Hucitec, 1996. (241 páginas)
- _____. *Turismo - uma esperança condicional*; São Paulo: Plêiade, 1998. (149 páginas)



PÁGINAS NA INTERNET

www.chapadadosveadeiros.com.br

www.chapadaecologia.com.br

www.ibge.gov.br

www.ibama.gov.br

www.travessia.com.br



ANEXOS

QUADRO GERAL DAS ENTREVISTAS

DISCRIMINAÇÃO	QUANTIDADE
Comércio	28
Hotéis	55
Moradores	21
Guias	28
Turistas	20
TOTAL	152

Quantidade de turistas nos meses de junho e julho de 1999

1. Controle de Portaria Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros/IBAMA – junho de 1999 – 418 turistas.
2. Controle de Portaria Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros/IBAMA – julho de 1999 – 1.239 turistas.

FICHA PARA HÓTEIS, POUSADAS E SIMILARES

01. Nome do local

02. Proprietário / Idade

03. Quanto tempo possui o estabelecimento?

04. A estrutura física é a mesma de quando começou?

05. Há quantos leitos disponíveis?

06. Quais são os tipos de hospedagens oferecidas?

07. Quanto é a diária para cada tipo de hospedagem?

08. Em que períodos há maior procura?

Finais de semana	Período de férias		O ano todo
	jan	jul	

09. Quantos dias se hospedam geralmente?

2 a 3 dias	Uma semana	Quinze dias	Mais de quinze dias

Famílias _____ Grupos _____ Pessoas isoladas _____

10. Quais são os atrativos procurados? (identificar no quadro)

11. Quais são os atrativos que você prefere ir? Por quê?



FICHA PARA O COMÉRCIO

01. Estabelecimento

02. Proprietário / idade

03. Origem

04. Quanto tempo possui o estabelecimento?

05. Como é a sua estrutura pessoal? Você emprega pessoas do município ou são de fora? Por que?

06. O que você mudou em seu estabelecimento em função do turismo? em quê? onde?

07. Qual é a média de renda/lucro ganha em (%) :

períodos normais	finais de semana	período de férias

08. Como você poderia classificar o perfil do turista que vem a alto paraíso?

09. Quais são os atrativos procurados?

10. Quais são os atrativos que você prefere ir? Porquê?



FICHA DE MORADORES

01. Nome / idade

02. Escolaridade / Profissão

03. Origem

04. Você possui algum envolvimento com o turismo no Município? Já fez algum treinamento?

05. Das atividades que são promovidas pelo turismo, participa de algum (eventos, encontros, etc.)?

05. Quais são os lugares que você prefere ir? Porque? (Ver quadro)

06. O que mudou nos últimos anos? Especificar por cada atrativo.

07. Qual é a sua opinião sobre os turistas que chegam a Alto Paraíso?

08. Como tem sido as ações da Prefeitura em relação ao turismo? Especificar:



FICHA DE GUIAS

01. Nome / Idade

02. Escolaridade

03. Como foi que passou a ser guia e há quanto tempo?

04. Você participou de cursos de capacitação profissional no município? Quais?

05. Qual é a taxa por turista e como você estipula a quantidade por grupo?

06. Quais são os atrativos mais procurados? (Ver quadro)
Identificar nº de visitantes possível para cada atrativo

07. Dos atrativos identificar quando começou a ser visitado

08. Quais foram as alterações ocorridas nos locais identificados (trilhas, bar, restaurante, cobertura vegetal, ponte de pedra, enfim artifícios para atender à demanda turística) – exemplos.

09. Você identificaria o tipo de grupo pelo atrativo procurado e pela forma de questionar sobre os lugares?

08. Quais são os lugares que você costuma ir quando não está guiando? Porque?

09. Como estão os lugares que você costuma levar os turistas desde quando começou até hoje?



FICHA DE VISITANTE

01. Nome / Idade

02. Escolaridade / Profissão

03. É a primeira vez que vem em Alto Paraíso?

04. Como ficou sabendo sobre este lugar?

05. O que lhe chamou atenção?

06. Qual é o período que costuma vir a Alto Paraíso?

Finais de semana	Período de férias		Baixa estação
	jan	jul	

07. Quais são os atrativos procurados? (Ver quadro)

08. A sua visita em Alto Paraíso costuma ser de quantos dias?

2 a 3 dias	Uma semana	Quinze dias	Mais de quinze dias

09. Qual é o seu gasto médio por dia para: uma pessoa? Família?

Hospedagem	Alimentação	Visitas

10. Qual é a sua opinião sobre o preparo dos profissionais que lidam com o turismo no Município?

11. Como é o tratamento dos moradores?

12. Pretende retornar a Alto Paraíso? Porque?

